

OTO ARAÚJO VALE

EXPRESSÕES CRISTALIZADAS DO PORTUGUÊS  
DO BRASIL: UMA PROPOSTA DE TIPOLOGIA

VOLUME I

OTO ARAÚJO VALE

Expressões cristalizadas do português do  
Brasil: uma proposta de tipologia

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho – câmpus de Araraquara – como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras (Área de concentração: Lingüística e Língua Portuguesa).

**Orientador: PROF. DR. FRANCISCO DA SILVA BORBA**

Araraquara

2001

## Reconhecimento

Este trabalho não poderia ter sido levado a cabo sem contar com o apoio de diversas pessoas e instituições às quais quero manifestar minha gratidão. Inicialmente, devo agradecer ao Prof. Dr. Francisco da Silva Borba que tem me incentivado constantemente mesmo antes de aceitar a orientação deste trabalho. Suas observações, críticas e sugestões foram para mim um grande estímulo para levar em frente esta tese.

Um incentivo semelhante recebi também da parte do Prof. Dr. Sebastião Expedito Inácio que, juntamente com a Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Beatriz Longo, compôs a banca de qualificação. Os comentários que ambos fizeram ao trabalho então em curso me ajudaram a alargar os horizontes, principalmente no que se refere ao real uso da língua.

Devo manifestar um agradecimento especial à Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marize Mattos Dall'Aglio-Hattner que me ajudou a fazer uma escolha decisiva em um momento crítico desta caminhada.

Meu interesse pelas expressões cristalizadas nasceu de uma sugestão do Professor Maurice Gross, em cujo Laboratoire d'Automatique Documentaire et Linguistique tive minha iniciação ao estudo integrado do léxico e da sintaxe, e minha formação em lingüística-informática. Mais recentemente, ao curso de uma breve visita ao LADL, Christian Leclère me proporcionou, com sua dedicação de sempre, o acesso à vasta bibliografia do Léxico-Gramática.

Agradeço também à Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Stella O. Tagnin que me disponibilizou sua extensa bibliografia sobre as expressões idiomáticas.

Meus agradecimentos também ao Prof. Dr. Jorge Baptista, da Universidade do Algarve, à Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Gládis M.B. Almeida, da Universidade Federal de São Carlos e à Prof<sup>ª</sup> Flávia B.M. Hirata-Vale que fizeram, cada um a seu modo, leituras implacáveis de parte ou de todo o trabalho. Essas leituras me ajudaram a esclarecer, ainda que imperfeitamente, vários pontos no texto.

Devo também manifestar meu reconhecimento à Universidade Federal de Goiás e, em especial, aos colegas da Área de Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Letras. Os quatro anos de afastamento que me possibilitaram foram essenciais tanto para conclusão dos créditos quanto para a redação de grande parte da tese.

Durante o afastamento, contei com uma bolsa do PICDT da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundamental para o bom desenvolvimento do trabalho.

No Laboratório de Lexicografia da UNESP de Araraquara, pude contar com a presteza e de Abílio Duran para a solução de problemas de software e hardware. Também tive o auxílio de Cristina Aurora Bonelli Giollo para a normatização das referências bibliográficas.

Não poderia deixar de mencionar os incentivos constantes que recebi por parte de minha família e de diversos amigos e colegas, notadamente Adriano Naves de Brito, Anselmo Pessoa Neto, Cilaine Alves Cunha, Elyeser Szturm, Fábio Montanheiro, Fátima Cruvinel, Fernando C. Gil, Ida Rebelo, Joana Peixoto, Luís Araújo Pereira, Lydia Poleck, Manoel de Souza e Silva, Maria do Rosário Gregolin, Mário Frungillo, Mônica Veloso Borges, Ricardo Musse, Rodrigo de Oliveira Caldas, Rogério Santana dos Santos e Rosane Rocha Pessoa. Também devo citar Cyro Lisita, cuja lembrança esteve comigo nos últimos quatro anos. Durante toda a feitura desta tese, me acompanharam também Gladis Almeida e Ucy Soto, que me encorajaram em todos os momentos e que me ensinaram algum otimismo.

Certamente devo estar esquecendo alguém.

No início de todo o meu interesse pela lingüística esteve Alain Guillet. Sua memória me acompanhará certamente a vida toda como um modelo. A ele e à Flávia, que sabe tão bem me compreender e desafiar, este trabalho é dedicado.

\* \* \*

No momento em que colocava o ponto final nesta tese fui informado do falecimento do Professor Maurice Gross. É, sem dúvida, bem mais que uma grande perda.

VALE, Oto Araújo. **Expressões cristalizadas do português do Brasil: uma proposta de tipologia.** Araraquara, 2001. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara 2001.

## RESUMO

Neste trabalho estudam-se as expressões cristalizadas do português do Brasil sob uma ótica valencial. O estudo é restrito às expressões cristalizadas verbais com, pelo menos, a casa do sujeito a ser preenchida. São estudadas 3.400 expressões. Estabelece-se uma tipologia das expressões, segundo a distribuição dos elementos cristalizados e dos argumentos livres de cada expressão. Nessa tipologia foram constituídas dez classes diferentes. Cada uma dessas classes constitui uma matriz binária contendo nas linhas as expressões e nas colunas as propriedades sintáticas e semânticas. Ao se examinar cada uma dessas classes, estabelecidas segundo critérios sintáticos, pôde-se depreender uma série de regularidades semânticas advindas dessa classificação, o que demonstra que essas expressões não são uma excepcionalidade dentro da língua. Além disso, essa taxonomia mostra-se útil tanto para se ter uma imagem geral de como se processa a cristalização dessas expressões, quanto para futuros estudos sobre o uso das expressões cristalizadas, uma vez que as matrizes podem ser adaptadas para que programas de computador as utilizem para buscá-las em grandes *corpora*.

**PALAVRAS-CHAVE:** expressões cristalizadas; sintaxe; valências; léxico-gramática; português do Brasil; linguística computacional.

VALE, Oto Araújo. **Expressões cristalizadas do português do Brasil: uma proposta de tipologia.** Araraquara, 2001. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara 2001.

#### ABSTRACT

This study approaches frozen expressions of Brazilian Portuguese under a valencial scope. It covers 3.400 verbal frozen expressions, having, at least, the place of the subject to be filled. A typology of frozen expressions was established according to the distribution of the fixed and free components of each expression. In this typology, ten different classes were constituted. Each one of these classes constitutes a binary matrix with the frozen expressions in the lines and the syntactic and semantic properties in the columns. By examining each one of these classes, established according to syntactic criteria, a series of semantic regularities could be found, which demonstrates that these phrases are not exceptions in the language. Moreover, this taxonomy can be useful not only for a general picture of how these phrases are crystallized, but also for future studies on the use of frozen expressions, since the matrices can be adapted so that computer programs can use them to search for phrases in great corpora.

**KEYWORDS:** frozen expressions; syntax; verbal valency; lexicon-grammar; Brazilian Portuguese; computational linguistics.

VALE, Oto Araújo. **Expressões cristalizadas do português do Brasil: uma proposta de tipologia.** Araraquara, 2001. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara 2001.

#### RESUMEE

Ce travail aborde les expressions figées du portugais du Brésil sous une optique valencielle. L'étude couvre 3.400 expressions figées verbales ayant au moins la case du sujet à être remplie. Une typologie des expressions a été établie selon la distribution des constituants figés et libres de chaque expression. Au total, dix classes ont été ainsi établies. Chacune de ces classes constitue une matrice binaire ayant dans les lignes les expressions et dans les colonnes des propriétés syntaxiques et sémantiques. Après l'examen de chacune de ces classes, établies selon des critères syntaxiques, une série de régularités sémantiques ont été mises en évidence, ce qui montre que ces expressions ne sont pas des exceptions dans la langue. En outre, cette taxonomie s'est montrée utile aussi bien pour avoir un image du procès de figement des expressions, que pour des travaux futurs sur l'usage des expressions figées, vu que les matrices peuvent être adaptées pour des logiciels de recherche sur des grands *corpora*.

MOTS-CLES: expressions figées; syntaxe; valences; lexique-grammaire; portugais du Brésil; informatique-linguistique.

- Eu trabalho com um negócio pelo qual eu sou apaixonado e, se você for lá me ver trabalhando, você não consegue entender por quê. Porque eu fico horas no computador fazendo média de escamas de cascavel
- Média de escamas de cascavel? Um pouco chato, não?
- Sábado eu fiquei 14 horas.
- E esse cálculo serve pra quê?
- Pra ver se a distribuição geográfica das cascavéis tem alguma coisa a ver com a evolução delas.
- Já é uma idéia melhor.
- É, meu amigo, mas você tem de passar por uma rotina impiedosa e dura.

(Paulo Vanzolini em conversa com Drauzio Varella.  
*Folha de S.Paulo* 29/04/2001)

## SUMÁRIO

0. Introdução.....	1
0.1 Metodologia .....	6
0.2 Símbolos e convenções.....	12
1. Caracterização do objeto e limites do trabalho .....	18
1.1 Limites .....	18
1.1.1 EC não verbais.....	18
1.1.1.1 EC substantivais.....	19
1.1.1.2 EC adverbiais.....	23
1.1.2 EC com verbo-suporte.....	25
1.1.3 Provérbios e casos residuais .....	33
1.2 EC verbais .....	36
1.2.1 Tipologia inicial.....	45
1.2.2 Limite: EC com sujeito fixo.....	49
1.2.3 Limite: EC com mais de um verbo .....	50
1.3 Objeto do trabalho.....	52
2. Abordagens .....	53
2.1 A ausência de uma abordagem pela Gramática Tradicional.....	53
2.2 Tradução e ensino de línguas estrangeiras.....	57
2.3 Abordagem de um dicionário .....	58
2.4 As abordagens psicolinguística e cognitivista .....	65
2.4.1 Abordagem psicolinguística .....	65
2.4.2 Abordagem cognitivista .....	66
2.5 A abordagem do Léxico-Gramática .....	68
3. Valência das EC .....	72
3.1 Transparência e opacidade .....	72
3.2 Constituintes .....	80
3.3 Classes e valências.....	96
3.4 Propriedades sintáticas .....	99
3.4.1 Propriedades distribucionais lexicais.....	99
3.4.2 Reestruturações .....	107
3.4.3 Apassivação.....	112
3.4.4 Negação obrigatória .....	115
3.4.5 Pronome reflexivo .....	119
3.5 Propriedades semânticas .....	120
4. Comentário das tábuas .....	122
4.1 Sujeito livre e um complemento fixo .....	122
4.1.1 Classe PB-C1.....	122
4.1.2 Classe PB-CP1 .....	132
4.2 Sujeito livre, um complemento fixo e um complemento livre.....	139
4.2.1 Classe PB-CDH.....	139
4.2.2 Classe PB-CDN.....	146
4.2.3 Classe PB-C1PN.....	149
4.2.4 Classe PB-CNP2.....	157
4.2.5 Classe PB-CP1PN.....	162
4.3 Sujeito livre e dois complementos fixos.....	166
4.3.1 Classe PB-C1P2.....	166
4.3.2 Classe PB-CPP .....	171
4.3.3 Classe PB-C1P2DN.....	176

5. Resultados.....	184
6. Uso das EC: linhas gerais.....	192
7. Conclusão.....	200
8. Referências bibliográficas.....	204

ANEXOS.....	214
-------------	-----

ANEXO A.....	215
1. Tábua PB-C1.....	216
2. Tábua PB-CP1.....	250
3. Tábua PB-CDH.....	272
4. Tábua PB-CDN.....	278
5. Tábua PB-C1PN.....	281
6. Tábua PB-CNP2.....	290
7. Tábua PB-CP1PN.....	302
8. Tábua PB-C1P2.....	307
9. Tábua PB-CPP.....	321
10. Tábua PB-CP1P2DN.....	324

Anexo B	
Lista das EC com seus significados.....	328

Anexo C	
Index dos elementos cristalizados.....	453

Anexo D	
Lista das obras do Corpus Principal com ocorrências utilizadas na tese.....	498

#### ÍNDICE DAS TABELAS

Tabela 1 – Relação das tábuas, com respectivas estruturas e efetivos.....	96
Tabela 2 - Efetivo por tábua e propriedade semântica.....	185
Tabela 3 - Porcentagem de cada propriedade semântica por tábua.....	185
Tabela 4 - Expressões apassiváveis por tábua.....	190
Tabela 5 – Número de EC da classe PB-C1 que ocorreram pelo menos uma vez em cada tipo de literatura.....	192
Tabela 6 - Ocorrência das EC da tábua PB-C1 em um ou mais tipos de literatura.....	193
Tabela 7 - Proporção das ocorrências das EC da tábua PB-C1 em um ou mais tipos de literatura.....	193

#### ÍNDICE DAS FIGURAS

Figura 1 – Fragmento da tábua PB-C1. Expressões com a forma N0VC1.....	97
Figura 2 -Grafo das expressões Perder terreno, ganhar terreno, ceder terreno e recuperar o terreno perdido.....	195
Figura 3 - Fragmento das 15 primeiras ocorrências das concordâncias do grafo da figura 2 no texto da FSP de 1997 extraídas pelo programa AGLAE.....	196
Figura 4 -Grafo de algumas das EC da tábua PB-C1P2DN.....	197
Figura 5 - Concordância das ocorrências das EC descritas no grafo da figura 4, extraídas do texto da FSP de 1997 pelo programa AGLAE.....	198

## 0. Introdução

O presente trabalho se dedica a investigar a estrutura valencial de expressões cristalizadas<sup>1</sup> verbais e parte da seguinte questão: uma expressão cristalizada (doravante EC) deve ser considerada como um conjunto de palavras ou como uma palavra única? A noção de palavra é, por certo, uma das mais controvertidas na lingüística (Biderman, 1978, p.72-166). A tradição da escrita alfabética do Ocidente estabeleceu *grosso modo* que palavra deveria ser tudo aquilo que estivesse compreendido entre dois espaços em branco. Não se pretende aqui discutir a noção de palavra – embora a própria noção de expressão idiomática ou fixa ou cristalizada levante uma série de problemas para as diversas definições de palavra – mas é interessante notar que essa definição é ainda hoje a que norteia as diversas gramáticas tradicionais.

Essas expressões cristalizadas são numerosas em todas as línguas (Makkai, 1978) e apresentam um interessante problema para a teoria de valências (Tesnière, 1959; Chafe, 1979; Busse & Vilela, 1986; Borba, 1996). De fato, um princípio da teoria de valências é que o verbo constitui o centro

---

<sup>1</sup> Optamos pelo termo "expressão cristalizada" por entender que ele é o mais adequado para descrever o fenômeno que estudamos. Para nós, o termo "expressão idiomática", mais comumente utilizado, restringe a denominação às expressões peculiares a uma língua. No entanto, nota-se que existem expressões – p.ex. *lavar as mãos* – que aparecem com forma muito semelhante em diversas línguas, o que não as caracterizaria como "idiomáticas". O termo "expressão fixa", que também é bastante utilizado, apesar de mais adequado que o precedente, parece levar a uma concepção de um estado de *fixidez* ou *rigidez* que não está necessariamente presente na maioria das expressões. Já a noção de *cristalização* se parece mais com o processo que, como veremos no decorrer da tese, descreve o fenômeno com muito mais propriedade.

estruturador da frase. Ora, as expressões cristalizadas verbais funcionam como um verbo. Por exemplo, a frase

(1) *Rui vestiu o paletó de madeira.*

é praticamente sinônima da frase

(2) *Rui morreu.*

Seria então o caso de se perguntar se *vestir o paletó de madeira* constituiria o centro estruturador da frase.

A noção de *valência* é bastante útil quando da classificação dos verbos simples. Com efeito, ao se estabelecer a diferença entre *empregos verbais*, algumas das questões aparentemente insolúveis da análise tradicional ganham nova luz. Assim, pode-se estabelecer uma relação semântica mais clara entre frases como :

(3.a) *Rui quebrou o vaso*

(3.b) *O vaso quebrou.*

(3.c) *O vaso está quebrado*

Nas três frases o estado final do vaso é o mesmo. Podemos mesmo dizer que as frases têm uma relação direta: o objeto afetado na primeira frase passa a ser o sujeito da segunda e da terceira. Enquanto o verbo da primeira frase é transitivo, o da segunda é intransitivo e na terceira frase o verbo aparece na forma do particípio. Esse fenômeno é bastante recorrente na língua, embora não possa ser classificado como sistemático. Se encontramos conjuntos como:

(4.a) *Rui rasgou a camisa*

(4.b) *A camisa rasgou*

(4.c) *A camisa está rasgada*

também podemos ter problemas quando aplicamos a regra a outros verbos:

(5.a) *Rui lavou o cinzeiro*

(5.b) \* *O cinzeiro lavou*

(5.c) *O cinzeiro está lavado*

Ora, se tal discrepância ocorre, podemos procurar ao menos algum tipo de regularidade que dê conta de uma boa parte dessas relações entre frases. Esta regularidade pode ser encontrada seguindo a classificação de valências verbais (Tesnière, 1959; Chafe, 1979; Busse & Vilela, 1986; Borba, 1996). Ao se classificar os verbos como verbos de AÇÃO, AÇÃO-PROCESSO, PROCESSO e ESTATIVOS, (Borba, 1996) pode-se explicar a ocorrência de tais fenômenos. Assim, o verbo *rasgar* pode ser classificado como um verbo de AÇÃO-PROCESSO ou ainda de PROCESSO segundo seu emprego, mas o verbo *lavar* somente poderá ser classificado como um verbo de AÇÃO-PROCESSO.

No português do Brasil, o estudo das valências tem sido aplicado com sucesso tanto aos verbos (Borba et al., 1990) quanto aos nomes (Borba, 1996). Resta saber se esta teoria pode ser aplicada com o mesmo sucesso às expressões cristalizadas. Com efeito, essas expressões são um problema de peso quando olhadas com mais vagar. No aspecto sintático, as expressões

cristalizadas são frases aparentemente normais, semelhantes às frases "comuns" (i.e. sem expressões cristalizadas), com raras diferenças formais. No aspecto semântico, elas são, em geral, imediatamente interpretadas pelos falantes com seu significado idiomático, e não pela soma dos sentidos literais das palavras que as compõem.

Nas seguintes ocorrências:

- (6) *A partida ficou mais fácil para o Palmeiras com a expulsão do goleiro Ivan, aos 28min. Ele já havia levado cartão amarelo por chutar a bola fora para ser atendido, após choque com Viola na área. FSP 20/03/97*
- (7) *Mais uma vez o nosso ministro Serjão chutou a bola fora, agora com relação ao aumento das tarifas telefônicas. FSP 16/04/97*

a interpretação da seqüência *chutar a bola fora* é feita "literalmente" em (6): o jogador golpeou a bola com o pé atirando-a fora do campo. Na ocorrência (7) essa interpretação não é possível. A interpretação deverá ser feita por uma metáfora: *chutar a bola fora* é aqui interpretada como "cometer um erro, equivocar-se". Essa interpretação será a preferencial em todo texto que não estiver tratando especificamente de uma partida de um esporte que se jogue com bola. Ora, essa expressão é imediatamente interpretada pelos falantes do português do Brasil com o significado de "equivocar-se". Podemos assim dizer que se trata de uma expressão cristalizada. O problema consiste portanto em verificar o conjunto de

valências da ocorrência (7): deve-se considerar que em (7) tem-se um outro emprego do verbo *chutar* com valência com complemento obrigatório *a bola* e o locativo *fora* também obrigatório ou deve-se tomar o conjunto [*chutar a bola fora*] e verificar sua valência ? A hipótese que norteia este trabalho é a de que o conjunto deve ser tomado como um todo mesmo que esse conjunto esteja sujeito a variações de forma.

Inicialmente, faremos uma delimitação do trabalho, com uma caracterização dos diversos tipos de expressões. No presente trabalho o foco é dado às expressões verbais, mas, antes disso, mostraremos a extensão do fenômeno das expressões cristalizadas, sua importância no estudo de todas as classes de palavras, em particular, além dos verbos, dos substantivos e advérbios.

Em seguida, procederemos a uma revisão de diversos trabalhos sobre as expressões cristalizadas, em diversas abordagens. Pretendemos, com essa revisão, encontrar os elementos necessários para uma análise apurada do fenômeno. Assim, serão revistos alguns estudos psicolinguísticos sobre as expressões cristalizadas, além de estudos sob uma ótica cognitivista. O exame desses trabalhos será feito para se responder uma pergunta fundamental sobre essas expressões: o grau de cristalização teria uma relação direta com a transparência/opacidade dessas expressões? A resposta, como se verá no capítulo 3, deverá levar em conta o fato de que existem expressões cuja cristalização é antiga e que guardam uma relação de transparência bem próxima de seus constituintes. Abordaremos em seguida a teoria do Léxico-Gramática (M.Gross 1975, 1976, 1981, 1982, 1986a, 1986b, 1986c, 1989; Boons, Guillet &

Leclère 1976), cujos princípios teórico-metodológicos seguimos em nossa classificação.

No capítulo 3, voltaremos ao tema da transparência/opacidade das expressões cristalizadas, desta vez sob uma ótica valencial. A partir daí, será feita uma descrição das expressões cristalizadas verbais, para se estabelecer uma tipologia de suas estruturas valenciais.

No capítulo 4, será apresentada a tipologia que propomos, com a conseqüente divisão do conjunto das expressões em classes. Essas classes são expressas em tábuas cuja composição será ali explicitada. Em seguida, apresentaremos no capítulo 5 uma análise dos resultados dessa classificação sintático-semântica. Poderemos observar ali algumas regularidades advindas dessa classificação.

No capítulo 6, serão apresentadas as grandes linhas que apontam para uma outra tipologia: a dos usos das expressões cristalizadas. Notaremos então que as tábuas que construímos possibilitam a identificação dessas expressões em grandes *corpora* e, conseqüentemente, o estudo do uso efetivo das EC.

## **0.1 Metodologia**

Parte-se dos fenômenos e, pelo estudo de um número relativamente grande de exemplos, espera-se obter algum tipo de regularidade. No caso, essa regularidade poderá ser explicitada pelo estabelecimento de classes que agrupam elementos de comportamento semelhante.

O trabalho examinará a modalidade escrita da língua. Parte-se de uma série de expressões observadas em textos, recolhidas na experiência cotidiana ou encontradas em dicionários, para buscar suas ocorrências no *corpus*, constituído por:

- 1) Corpus Principal do Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Câmpus de Araraquara, totalizando cerca de 10,8 milhões de ocorrências, composto das literaturas:

a) Romanesca	3,4 milhões de ocorrências
b) Dramática	1,0 milhão de ocorrências
c) Técnica	2,4 milhões de ocorrências
d) Oratória	756 mil ocorrências
e) Jornalística	2,9 milhões de ocorrências

- 2) edições da *Folha de S.Paulo* de 1994 a 1998 com cerca de 180 milhões de ocorrências;
- 3) edições da revista *Veja* (de 3 de junho de 1992 a 30 de agosto de 1995), com 7,1 milhões de ocorrências.

Este procedimento pode ser um tanto controverso, uma vez que não se parte do *corpus* em si para encontrar as expressões, mas das expressões para se verificar sua existência no *corpus*. No entanto, este parece ser o caminho mais adequado por uma série de razões.

A primeira é de ordem prática: é bem mais fácil constituir uma lista de "palavras simples" (i.e., aquelas que se encontram entre dois espaços em branco ou entre um espaço em branco e um outro sinal qualquer, como um hífen,

uma vírgula, ou outro sinal de pontuação) em um *corpus* do que uma lista de expressões cristalizadas. Assim, na seguinte ocorrência:

- (1) *Podia lavar toda a roupa suja e contar tudo aquilo que ouvi "em off", assim, segredado ao pé do ouvido, que, quando a vaca fosse pro brejo e os justiceiros inconformados se exaltassem aos brados ("Como é que ninguém disse nada?"), lá estaria eu, recorte em punho, impressionando todos com minha presciência. FSP 13/07/98*

é relativamente fácil estabelecer, automaticamente, a lista de palavras simples:

a	eu	podia
ao	exaltassem	presciência
aos	fosse	pro
aquilo	impressionando	punho
assim	inconformados	quando
brados	justiceiros	que
brejo	lá	recorte
com	lavar	roupa
como	minha	se
contar	nada	segredado
disse	ninguém	suja
do	off	toda
e	os	todos
é	ouvi	tudo
em	ouvido	vaca
estaria	pé	

Alguns programas poderiam mesmo lematizar essa lista, etc. Mas tais operações não dariam conta do fato de que existem, nessa ocorrência, algumas expressões cristalizadas:

- (1.a) *Podia lavar toda a roupa suja e contar tudo aquilo que ouvi "em off", assim, segredado ao pé do ouvido, que, quando a vaca fosse pro brejo e os justiceiros inconformados se exaltassem aos brados ("Como é que ninguém disse nada?"), lá estaria eu, recorte em punho, impressionando todos com minha presciência.*

A segunda razão é o fato de existir uma certa variabilidade nas formas de ocorrência das expressões cristalizadas. De fato, no *corpus* da Folha de S.Paulo pode-se encontrar, entre outras, as seguintes variantes da expressão *a vaca ir pro brejo*:

- (2) *O PT precisa dizer claramente o que precisa ser feito para a vaca não ir para o brejo. FSP 01/02/95*
- (3) *(...) a direção do jornal fecha os olhos, o que é lamentável, ou o que ele escreve representa o pensamento do próprio jornal, o que seria mais lamentável ainda, porque assim a proclamada independência do mesmo iria com a vaca pro brejo. FSP 02/06/96*
- (4) *"Mas só faria isso se soubesse que a vaca já foi para o brejo. Ele está apostando que no começo do ano que vem o governo FHC desanda", diz um analista cuidadoso da vida tucana. FSP 07/11/98*

- (5) *É oportuno salientar o nome de algumas pessoas que não silenciaram antes que o rebanho todo fosse para o brejo, como o próprio Clóvis Rossi (...) FSP 08/10/98*
- (6) *E Gérson, em 66? Houve quem dissesse que havia engolido pasta de dente para causar o desarranjo intestinal que o aliviaria de entrar em campo no instante em que a vaca caminhava célere para o brejo. FSP 22/07/98*

Todas essas variantes são perfeitamente interpretáveis a partir da expressão "original".

Assim, quando se tem um *corpus* de tamanho considerável como aquele que aqui se usa, é fundamental saber o que se busca. Uma vez que o presente trabalho se dedica a investigar a estrutura valencial das expressões cristalizadas, parece ser bem mais útil buscar as ocorrências a partir de um certo número de expressões já compiladas e verificar como elas se estruturam. Dessa forma, mesmo que se queira aqui trabalhar com um número considerável de expressões cristalizadas, não se buscará a exaustividade.

Como será visto no capítulo 6, os usos das expressões cristalizadas são bem diferenciados segundo o tipo de literatura (ou gênero textual) que se pretenda estudar. Daí advém uma terceira razão para o procedimento adotado: não é raro que uma determinada expressão, que se sabe ser relativamente comum na oralidade, não seja encontrada num *corpus* de textos escritos tão extenso como aquele aqui utilizado. Este é o caso, por exemplo, da expressão *abarcara o mundo com as pernas*, que não foi encontrada em nosso

*corpus*, a não ser uma única vez sob a forma da variante (criada por proximidade fonética) *abraçar o mundo com as pernas*:

- (7) *Deveríamos desconfiar dessa "liberdade" desde logo porque ela não impõe nenhuma contrapartida, nenhum sacrifício da nossa parte, mas se deixa arrastar pela lei do menor esforço, enquanto acena com uma ampliação sem precedentes da fantasia de que é possível abraçar o mundo com as pernas, como diz o provérbio. FSP 03/08/95*

Ora, sabemos por observação direta, que a expressão *abarcar o mundo com as pernas* é bastante comum na oralidade em diversos registros, em conversas de colegas, reprimendas de pais a filhos, instruções de chefes a subordinados, ou ainda na boca de comentaristas de jornais televisionados. No entanto, como foi dito, se fôssemos esperar para encontrá-la no *corpus* para que pudéssemos torná-la objeto de estudo, perderíamos informações preciosas. De fato, ao fazermos uma busca sistemática das expressões cristalizadas mais produtivas, aquelas cuja cristalização ocorre apenas entre o verbo e um complemento direto, do tipo *chutar o balde*, no *corpus* (cf. tábuas PB-C1 no Anexo A), notamos que cerca 64% dessas expressões ocorreram em nosso *corpus*. Isto significa que mais de um terço das expressões dessa classe não seriam contempladas.

Assim, não fazemos aqui o que se convencionou chamar de *lingüística de corpus* (Biber, Conrad & Reppen, 1998). Entendemos nosso

trabalho como um passo preliminar a futuros trabalhos de *lingüística de corpus* que venham a tratar o uso efetivo das EC.

No texto da tese só serão discutidas expressões que tiverem ocorrência no *corpus*. Serão tratadas segundo os procedimentos metodológicos da teoria do Léxico-Gramática, juntamente com a Teoria de Casos, apresentada em Borba (1996) e Borba et al (1991) para os verbos.

No Anexo A serão apresentadas as tábuas – matrizes léxico-sintáticas das expressões cristalizadas – por nós construídas. Nelas reunimos tantos as EC que se verificam efetivamente no *corpus*, como outras que recolhemos em dicionários e em observações e/ou intuições pessoais. Cada tábua é uma matriz binária, em que as linhas representam as entradas lexico-sintáticas e as colunas as propriedades sintáticas e semânticas, apresentadas no capítulo 3 e discutidas no capítulo 4.

A lista total das expressões estudadas será apresentada, ordenada alfabeticamente a partir do verbo constitutivo, no Anexo B, cada uma acompanhada, a título indicativo, de seus respectivos significados. No Anexo C apresentaremos o índice dos elementos cristalizados das expressões.

## **0.2 Símbolos e convenções**

Utilizaremos EC como expressão cristalizada.

Os exemplos utilizados podem ser de duas naturezas diferentes: exemplos fabricados e ocorrências dos *corpora*. Os exemplos fabricados são

aqueles em que não há indicação de fonte. No caso das ocorrências, a referência ao *corpus* de origem será feitas pelas siglas:

CP – Corpus Principal do CEL – FCLAr;

VJ – Revista Veja;

FSP – Folha de S.Paulo.

No caso do *Corpus Principal*, a fonte de cada ocorrência será indicada por abreviações que se encontram no Anexo D. Nas ocorrências da revista *Veja* e da *Folha de S.Paulo* será indicada a data da ocorrência.

Os exemplos fabricados e as ocorrências serão numerados indistintamente. Para uma maior comodidade de leitura, a numeração dos exemplos recomeçará a cada seção, independentemente de serem retomados de uma seção para outra. No caso de um exemplo constituir uma modificação (transformação, inserção ou apagamento de algum elemento, etc.) de um exemplo precedente da mesma seção, será introduzida uma numeração especial, do tipo (1), (1a), (1b), etc.

Tanto nos exemplos fabricados quanto nas ocorrências, as expressões em questão (i.e. aquelas em discussão) virão sublinhadas. Isso é feito com a finalidade de diferenciar os empregos composicionais dos empregos cristalizados.

Os conceitos ou etiquetas semânticas virão em negrito.

Na formalização das expressões utilizam-se os seguintes símbolos:

= – Sinal de equivalência entre frases ou estruturas;

=: – Sinal de realização lexical de uma categoria ou estrutura (pode ser lido "definido como:")

F – Frase, oração.

V – Verbo;

Vsup – Verbo-suporte;

N – substantivo:

N<sub>0</sub> – Grupo nominal em posição argumental sujeito;

N<sub>1</sub> – Grupo nominal em posição argumental primeiro complemento;

N<sub>2</sub> – Grupo nominal em posição argumental segundo complemento;

N<sub>3</sub> – Grupo nominal em posição argumental terceiro complemento;

Nhum – Substantivo humano;

N-hum – Substantivo não humano;

Npc – Substantivo que designa parte do corpo;

Nnr – Substantivo não restrito;

NClass – Substantivo genérico ou classificador. Os substantivos genéricos ou classificadores compreendem os substantivos de uma determinada classe semântica (Harris, 1971, p.20). Por exemplo NClass=:NBebidaAlcoólica constitui a classe semântica em que estariam os substantivos que denominam as bebidas alcoólicas. Assim, sob a etiqueta

**NBebidaAlcoólica** entrariam os substantivos: *cachaça, cerveja, licor, pinga, vinho, whisky* etc.

Nplural – Substantivo obrigatoriamente no plural;

Prep – Preposição;

Det – Determinante;

Pro – Pronome;

C – Parte cristalizada em uma expressão:

C<sub>0</sub> – Parte cristalizada em posição argumental sujeito do verbo da expressão;

C<sub>1</sub> – Parte cristalizada em posição argumental primeiro complemento do verbo da expressão;

C<sub>2</sub> – Parte cristalizada em posição argumental segundo complemento do verbo da expressão;

C<sub>3</sub> – Parte cristalizada em posição argumental terceiro complemento do verbo da expressão;

(C prep N)<sub>i</sub> – Grupo nominal em posição argumental *i* (= 0,1,2 ou 3) constituído de uma parte cristalizada e uma parte livre.

Por exemplo, a frase :

*Rui pegou o touro à unha*

será formalizada da seguinte maneira:

*N<sub>0</sub> V C<sub>1</sub> Prep C<sub>2</sub>*

Poss – Possessivo;

Poss<sup>0</sup> – Possessivo correferente ao sujeito da frase;

Poss<sup>1</sup> – Possessivo correferente ao primeiro complemento do verbo;

Poss<sup>2</sup> – Possessivo correferente ao segundo complemento do verbo;

Modif – Modificador (adjetival, adverbial, relativo, etc)

<E> – Elemento vazio ou de não realização lexical;

/ – Sinal de concatenação; por exemplo, a seqüência

*Rui bateu (as botas / a bota)*

pode ser lida tanto como

*Rui bateu as botas*

como

*Rui bateu a bota.*

\* - Marca a inaceitabilidade;

? – Marca a aceitabilidade duvidosa;

?? – Marca a aceitabilidade ainda mais duvidosa que a precedente;

??? - Marca a aceitabilidade no limite da inaceitabilidade.

As frases que consideramos como inaceitáveis ou no limite da aceitabilidade devem ser levadas em conta, em geral, com o sentido da EC nelas incluídas. O asterisco em

\* *Rui bateu nossas botas*

significa que o significado cristalizado é inaceitável, embora o significado composicional possa ser aceitável. Nessas frases não serão sublinhados os componentes de EC.

## **1. Caracterização do objeto e limites do trabalho**

Inicialmente é necessário se definir EC. A definição de EC que se dará aqui é a clássica definição de expressão idiomática: uma expressão formada por mais de um segmento (um segmento compreendido, em língua escrita, como uma seqüência de letras delimitada por dois separadores, qual seja: um espaço em branco, um sinal de pontuação) cujo significado total não pode ser deduzido pelo significado das partes que a compõem.

Mais à frente veremos que essa definição, apesar de operacional para os fins propostos aqui, é insuficiente, uma vez que as EC podem ser caracterizadas por um *continuum* que vai da expressão relativamente transparente e flexível à expressão completamente opaca e cristalizada.

### **1.1 Limites**

O presente trabalho tratará apenas das EC verbais. Cabe, no entanto, notar que o fenômeno das expressões cristalizadas atinge todas as classes de palavras. Examinaremos rapidamente a seguir apenas duas delas: as EC nominais e as adverbiais. Em seguida, antes de entrar propriamente nas EC verbais, convém ainda nos estendermos sobre algumas construções que não serão tratadas no presente trabalho: as construções com verbo-suporte e os provérbios.

#### **1.1.1 EC não verbais**

Uma característica que diferencia as EC verbais das não verbais é o fato de que nas EC verbais sempre existe um verbo conjugado. Isto é, existe sempre dentro da EC verbal um elemento de sua classe correspondente, o que não

ocorre com as EC de outras classes: podemos, por exemplo, ter EC substantivais que não são constituídas por substantivos ou EC adverbiais que não são constituídas por advérbios.

#### **1.1.1.1 EC substantivais**

A oposição entre as EC composicionais e não-composicionais é fundamental em qualquer estudo que se faça sobre as EC substantivais (e também nas EC verbais, como se verá em 1.1.2 e 3.1). Mathieu-Colas (1989) e Baptista (1994) estabeleceram tipologias relativamente sistemáticas das EC substantivais do francês e do português europeu respectivamente.

No aspecto formal, as EC substantivais podem ser constituídas de várias maneiras. Tanto podem ser constituídas por mais de um substantivo:

- (1) *As usinas termelétricas geram um gás que polui o meio ambiente, algumas em menor grau e outras em maior grau.  
FSP 04/10/97*
- (2) *O Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo aposta na ampliação de seu plano de saúde como alternativa para atrair novos filiados e aumentar sua arrecadação.  
FSP 05/01/97*
- (3) *Nosso sistema não tem ninguém digitando dados ou preenchendo formulários. Tudo é baseado em etiquetas e leitores de código de barras e transmissão de dados por rádio. FSP 02/12/96*

quanto por substantivo mais adjetivo

- (4) *O brinquedo se tornou oportunidade de ouro para os que atuam no mercado negro. FSP 29/08/97*
- (5) *O governo do Estado, a FAB (Força Aérea Brasileira) e a Petrobrás improvisaram uma ponte aérea para distribuir água potável<sup>2</sup>, comida, roupas e medicamentos às vítimas. FSP 07/01/97*

ou ainda por verbos conjugados

- (6) *Fica-se naquele vago território do chove não molha ou, para usarmos a expressão que o próprio presidente lançou, fica-se num nhenhênhê que, entre outras qualidades, está servindo para definir o governo. FSP 28/03/95*

e mesmo por frases inteiras:

- (7) *O que vale hoje é que as reservas estão altas. Mas, quando caírem, pode ser um Deus nos acuda... FSP 13/08/95*

Essas EC podem variar de uma relativa transparência:

- (8) *Para quem for ficar hospedado em casa de família, é importante lembrar que o café da manhã é por conta do estudante. Ou seja, ele deve prepará-lo. FSP 13/01/97*

---

<sup>2</sup> Borba (2001) nota que existem alguns elementos lexicais que têm o que ele denomina **dependência unilateral**: "(...) *arregalar* só se combina com *olho(s)* e *potável*, só incide sobre *água*. Trata-se, portanto, de palavras de distribuição única, que entram em sintagmas semi-fixos".

(9) *A terceira consiste em instalar filiais industriais ou comerciais na Bélgica, com todas as vantagens de penetração direta no mercado. CP –LJ –VIS*

(10) *Para ampliar as facilidades de penetração no mercado, obteve-se o direito de as pequenas agroindústrias terem seus produtos identificados pelo código internacional de barras. FSP 21/03/97*

(11) *O Micropoint é um aparelho de ponto eletrônico que controla o acesso de funcionários e pessoas a áreas restritas de empresas, estacionamentos e clubes. Faz leitura (por contato ou aproximação) de crachás com código de barras. FSP 22/07/97*

até a opacidade completa:

(12) *Uma das medidas tomadas será a transformação do acostamento na quarta faixa de rolamento da rodovia, que também receberá câmeras de TV, lombadas eletrônicas e radares fotográficos. FSP 11/03/97*

Baptista (1994) demonstra que a não-composicionalidade não é uma condição necessária para que se tenha uma EC substantival.

Assim, uma seqüência como *águas territoriais*, que pode ser lida como composicional, deve ser considerada como uma EC:

Há muitos nomes compostos que apresentam uma certa composicionalidade semântica. Assim, por exemplo, no nome composto *águas territoriais* :

*O navio já entrou nas nossas águas territoriais.*

o significado global do composto mantém uma parte importante dos significados individuais de cada um dos seus elementos. Não obstante, devemos classificá-lo como um composto, já que, entre outras restrições, ele não admite a variação em número:

*\* O navio já entrou na nossa água territorial.*

Por outro lado, a dificuldade em manipular intuições semânticas, sempre vagas e subjectivas, leva a flutuações na avaliação da composicionalidade de uma dada combinação. (Baptista, 1994, p.5-6)

Longo (2000) fez um estudo das EC substantivais de forma N1N2 no português do Brasil ou, mais especificamente, dos substantivos atributivos em posição N2. Nesse estudo especificam-se bem detalhadamente o comportamento e função sintática desses substantivos. Uma das conclusões mais interessantes, no que se refere à investigação do português escrito do Brasil, é que "a frequência do substantivo atributo está intimamente relacionada à inexistência de um adjetivo correlato" (Longo 2000, p.157).

A listagem das EC nominais é fundamental em estudos de terminologia, pois constituem a grande parte dos termos das chamadas linguagens de especialidade:

*(...) desde el punto de vista de la función que desempeñan en el discurso, los términos pueden clasificarse en varios grupos funcionales: nombres,*

*adjetivos, verbos y adverbios. En terminología, siguiendo las mismas pautas que en léxico común, la proporción de unidades que pertenecen a una u otra categoría gramatical es muy diferente. Así, la cantidad de nombres presentes en los léxicos de especialidad es desproporcionadamente elevada frente a adjetivos y verbos.(...) Observamos que, funcionalmente, los términos participan de las mismas categorías que el léxico común, si bien non las agotan. Las palabras eminentemente funcionales (preposiciones, conjunciones, artículos, pronombres) no tienen carácter terminológico. (Cabré, 1993, p.180)<sup>3</sup>*

As EC nominais constituem pois um vasto campo de estudo, tanto no que diz respeito à sua formação como também à sua sintaxe.

#### **1.1.1.2 EC adverbiais**

Os advérbios são outra categoria que comportam um enorme número de EC, bem diversificadas (Lodovici, 1989, p.66-67).

M.Gross (1986c) fez um estudo detalhado das EC adverbiais do francês e nota que elas têm funções semânticas análogas aos advérbios livres (M.Gross, 1986c; p.72). As expressões que Xatara (1994) chama de *expressões de matriz comparativa*, também estudadas por Ranchhod (1990b), podem ser consideradas como expressões adverbiais:

- (1) *Ele era forte como um touro, tinha gosto de viver, não sei por que quis ser minerador, queixava-se Juventino na quarta-feira. CP – LJ – VJ*

---

<sup>3</sup> Grifo nosso.

- (2) *Yo Yo Ma não se limita a tocar o violoncelo: toca o violoncelo e o próprio corpo. Sua gesticulação é exagerada. Nas notas longas, contempla extaticamente o alto, nos allegros ataca como um touro. FSP 08/06/96*
- (3) *Bete Mendes era cega como um morcego e Rodrigo Santiago era burro como uma mula em "Super Plá", uma das minhas novelas favoritas. FSP 31/08/97*
- (4) *Ao dizer "não sou marxista", o grande gênio insinuava que não se aferraria como uma mula a eternos dogmas ou táticas antigas, mas procuraria ser "radicalmente aferrado à complexidade" FSP 01/08/95*
- (5) *Repetiu a pergunta, em voz alta, e quem rompeu a palrar foi a ave inquieta, como a dizer que o preto era surdo como uma porta. CP - GRO - LR*

Essas expressões podem ser introduzidas por uma preposição:

- (6) *Foi a equipe econômica que errou ao reduzir de uma só tacada a alíquota de importação. FSP 11/02/95*
- (7) *Infelizmente, o Bamerindus, que é uma excelente marca, se meteu em muita encrenca, e a nossa principal tarefa agora é reconstruí-lo dos pés à cabeça. FSP 15/08/97*

- (8) *O Balé Kirov, um dos mais afamados do mundo, veio ao Brasil a preço de banana. FPS 09/08/97*

podem também ser constituídas por um grupo nominal:

- (9) *Não me lembro ao certo quantas estrelas tem o hotel da Praia do Forte, ao norte de Salvador, onde me hospedei alguns anos atrás. Só sei que são muitas e que a diária custa os olhos da cara. FSP 27/11/96*

ou ainda por uma frase introduzida por conjunção:

- (10) *Quem não levanta da poltrona nem que a vaca tussa pode até organizar uma pescaria no computador. FSP 17/04/96*

Alguns gramáticos tradicionais fazem referência às expressões adverbiais. Almeida (1963, p.283-286,§534) chega a fazer uma lista de algumas dessas expressões, enquanto Schwab (1985) elenca mais de 4.000 delas com abonações.

### 1.1.2 EC com verbo-suporte

A noção de verbo-suporte foi introduzida por Harris (1970)<sup>4</sup> para tratar as relações de nominalização. Por exemplo, as frases:

---

<sup>4</sup> Em realidade, Harris (1970) introduz o conceito como *verbo operador* e M.Gross (1981) efetua a distinção entre *verbo operador* e *verbo-suporte*, consolidando essa última denominação para os verbos que atuam como se descreve aqui. Em estudos de Gramática Gerativa, p.ex. Scher (2000), esses verbos são denominados "verbos leves" (*light verbs*).

(1) *Rui abraçou Ana*

= *Rui deu um abraço em Ana*

podem ser consideradas como equivalentes. No caso, o verbo *dar* da segunda frase funciona como *verbo-suporte*, ou seja, é ele que suporta as marcas de tempo, modo e pessoa do substantivo predicativo *abraço*. É como se o verbo *dar* funcionasse como um auxiliar, que tem as marcas características da morfologia verbal e o substantivo *abraço* funcionasse como elemento nuclear da frase. É esse substantivo que impõe as restrições de seleção às posições argumentais de sujeito e complemento. Assim, se o substantivo predicativo *abraço* parece não ter muitas restrições de seleção do complemento:

(1.a) *Ana deu um abraço na (bicicleta/porta/impressora)*

(1.b) \* *Ana deu um abraço no temporal.*

ele certamente tem restrições quanto ao tipo de sujeito:

(1.c) \* *A (bicicleta/porta/impressora) deu um abraço em Ana*

(1.d) \* *O temporal deu um abraço em Ana*

Já o substantivo predicativo *sermão* parece ter mais restrições de seleção, tanto no que se refere ao sujeito

(2.a) *Ana deu uma sermão em Rui*

(2.b) \* *A bicicleta deu uma sermão em Ana*

(2.c) \* *O temporal deu uma sermão em Ana*

quanto ao complemento

(2.d) ??? *Ana deu uma sermão na bicicleta*

(2.e) \* *Ana deu uma sermão no temporal*

Por sua vez, o substantivo predicativo *banho* tem menos restrições de seleção quanto ao sujeito

(3.a) *Ana deu um banho em Rui*

(3.b) *O temporal deu um banho em Rui*

mas tem restrições quanto ao complemento

(3.b) \* *Rui deu um banho no temporal*

Neves (1996) assinala que existe um *continuum* entre uma a construção livre e a construção com verbo-suporte.

Acrescentemos aqui que este *continuum* vai até a construção completamente cristalizada, como assinala M.Gross (1982, p.160): "(...) la délimitation n'est pas simple à tracer, au point que syntaxiquement il semble exister un *continuum* entre les formes figées et libres". Assim, nas ocorrências:

(4) *O presidente Muammar Khaddafi deu US\$ 1 bilhão a Farrakhan em 1996. FSP 06/01/97*

(5) *A comerciante Regina Carla Trevisanelli, 20, invadiu a avenida e deu um abraço no líder. FSP 11/02/97*

- (6) *Conde falou da transformação do Rio e deu garantias da melhora da infra-estrutura. FSP 07/03/97*
- (7) *Pont deu início ao terceiro mandato consecutivo do PT na capital gaúcha, recebendo o cargo de Tarso Genro. FSP 02/01/97*
- (8) *Pessoas ligadas ao ex-prefeito afirmam que já na campanha de 92, quando foi eleito, ele dava prioridade ao iogurte. FSP 03/01/97*
- (9) *Tempos depois, no Cairo, dei um vexame diante de 4.000 anos de história condensados nas pirâmides. FSP 09/03/97*
- (10) *Para esquecer que hoje é a data mais nefasta do ano, em vez de ficar dando de João sem braço, escolha uma das opções abaixo e mande ver. FSP 12/06/96*
- (11) *Serjão é um cara que dá a cara para bater. Que briga, discute, que fala demais, às vezes fala o que não deve. FSP 19/05/97*

vemos que as construções com o verbo *dar* vão desde o verbo pleno em (4), passando pelo verbo-suporte em (5), (6), (7) (8) e (9) até chegar a uma EC praticamente opaca em (10) e (11).

Apesar de sua importância na descrição das EC, decidimos não incluir expressões construídas com os verbo-suporte *ser, estar, ficar, fazer, ter, e*

*dar* em nossa análise. Isso se dá por várias razões. A primeira diz respeito à grande produtividade das construções com esses verbos. De fato, assim como as construções composicionais com verbo-suporte como:

- (12) *Rui deu um chute na bola*
- (13) *Ana fez a compra do aparelho*
- (14) *Zé tem intenção de viajar*
- (15) *Rui está com medo de sair de casa*

as EC com esses verbos também têm grande produtividade<sup>5</sup>. Das mais de 5.000 expressões que levantamos para o presente estudo, anotamos mais de 800 construídas com os verbos *ser*, *estar* e *ficar*:

- (16) *Em meados de 1990 o Peru estava à beira do abismo, mas, de lá para cá, deu uma virada de 180 graus, ostentando hoje uma nova estabilidade econômica e política. FSP 09/04/95.*
- (17) *A cúpula do PT está levando o partido para se transformar no PSDB de ontem, para ficar em cima do muro. FSP 23/05/95*
- (18) *O que essa política monetária maluca irá produzir são favas contadas. FSP 10/05/95.*

---

<sup>5</sup> Lodovici (1989, p.57-63), apesar de não utilizar essa terminologia (verbo-suporte), nota que os verbos mais frequentes em EC são os verbos *dar*, *pôr*, *ter*, *fazer*, *ser*, *estar* e *ficar*.

mais de 300 com o verbo *ter*:

- (19) *Para ele, o técnico Nikolai Karpol tem uma carta na manga e deve usá-la amanhã. FSP 27/10/94.*

cerca de 350 construídas com o verbo *dar*:

- (20) *Todo aquele badalado programa especial para se adaptar às quadras de saibro deu com os burros n'água. FSP 07/06/95.*

e pouco menos de 300 com o verbo *fazer*:

- (21) *Todas as análises competentes da economia internacional fazem gato e sapato da ideologia da globalização. FSP 17/10/96*

- (22) *Lá no Rio, o Flamengo faz das tripas coração para criar atrações dignas de uma economia de Primeiro Mundo. FSP 15/09/96*

Como já foi dito, o levantamento que fizemos não buscou a exaustividade, mas traçar pelo menos um quadro geral da construção das EC<sup>6</sup>. Em nosso levantamento, cerca de um terço das EC são constituídas por verbos-suporte. Isso já seria, em si, uma razão para que estudos específicos fossem feitos sobre as EC com esses verbos.

Além disso, as construções com verbos-suporte apresentam uma série de características peculiares (Giry-Schneider, 1987, p.87-93) que, apesar do

---

<sup>6</sup> Em realidade, o número de EC tende a ser bem maior. Os trabalhos de M.Gross (1985, 1988, 1986c, 1989) apontam cerca de 23.000 EC verbais para o francês.

grande interesse que despertam, nos desviariam largamente dos objetivos do presente trabalho.

Um outro aspecto é aquele estudado no português europeu por Vaza (1988) e por Baptista (1997): a relação das construções do verbo-suporte *dar* com construções com *receber* e *levar*, entre outros, as chamadas construções conversas (G.Gross, 1989). Assim, temos

(23.a) *Ana deu um abraço em Rui*

(23.b) *Rui recebeu um abraço de Ana*

(23.c) \* *Rui levou um abraço de Ana*

(24.a) *Ana deu uma rasteira em Rui*

(24.b) *Rui levou uma rasteira de Ana*

(24.c) ?? *Rui recebeu uma rasteira de Ana*

Um estudo das EC com verbo-suporte *dar* deverá necessariamente levar em conta essa relação entre frases. Tomemos duas das EC que se constróem com *dar* e *palavra*:

(25.a) *O presidente disse que "quebraria o protocolo" para dar a palavra ao candidato tucano. O ex-ministro detalhou suas ações nos 16 meses no Planejamento, ressaltando que seu "objetivo número um" foi "preservar e afirmar" a estabilidade da moeda FSP 05/06/96*

(26.a) *Quando Platão dá a palavra a Sócrates, não podemos afirmar com toda a certeza que foi Sócrates quem realmente disse tais palavras. Por isso não é fácil separar os ensinamentos de Sócrates dos de Platão. FSP 03/08/95*

Em ambas as ocorrências temos o esquema:

*N<sub>0 hum</sub> dá a palavra a N<sub>1 hum</sub>*

No entanto, apesar da construção idêntica, só em (25.a) pode-se ter a construção conversa:

(25.b) *O candidato tucano recebeu a palavra do presidente e detalhou suas ações.*

(26.a) \* *Quando Sócrates recebe a palavra de Platão, não podemos afirmar com toda a certeza que foi Sócrates quem realmente disse tais palavras.*

o que é demonstrado também pela ocorrência:

(27) *Depois de vários conferencistas terem falado, a grande maioria em inglês ou espanhol, Marzagão, um crítico da ação das madeireiras asiáticas no Brasil, recebeu a palavra. FSP 18/05/97*

Assim como essa, uma série de outras particularidades são próprias das EC com verbo-suporte e, a nosso ver, são necessários estudos específicos para as EC com cada verbo-suporte para que se tenha uma noção mais

completa das EC construídas com esses verbos. A exemplo dos estudos sobre o verbo-suporte *dar* de Vaza (1988) e Baptista (1997), sobre o verbo-suporte *estar* de Ranchhod (1990a) e sobre verbo-suporte *ser de* de Baptista (2000) no português europeu, ou ainda Salomão (1990) para o verbo *dar* no português do Brasil, onde são apontadas algumas EC construídas com esses verbos-suporte.

No entanto, convém ressaltar que várias expressões com verbo-suporte possuem variantes que poderão ser estudadas aqui. Isso se dá em função da variabilidade de algumas dessas as expressões. Isso pode ser exemplificado pelas ocorrências:

(28) (...) e se estou para dar com o rabo da cerca, quero ao menos saber do que é que morro, (...)CP – LR – TR

(29) (...) estavam achando que ele, Manuelzão, levava a breca, no bom repente ia bater com o rabo na cerca? CP – LR – COB

A EC *dar com o rabo da cerca* não constará de nosso estudo, enquanto que a EC *bater com o rabo na cerca* será incluída. A escolha aqui se dá unicamente pelo rigor necessário para se manter a análise dentro dos parâmetros que detalharemos mais à frente.

### 1.1.3 Provérbios e casos residuais

Tampouco nos ocupamos dos provérbios no presente trabalho, pois a análise valencial que queremos aplicar às EC, a nosso ver, ou pouco teria a acrescentar ou deveria ser concentrada somente nos provérbios e suas variantes:

- (1) *Os políticos muito experimentados sabem que cão que ladra não morde. As pressões, para serem eficazes, devem ser discretas. FSP 21/10/95*

Quando aparecem num texto, os provérbios tendem a ser destacados (Fotopoulou, 1993, p.13-16):

- (2) *Me perdoem essas coisas que tenho dito com insistência. Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. Um dia vão entender que o Brasil mudou mesmo. FSP 04/04/96*
- (3) *O lema do nosso professor é 'água mole em pedra dura tanto bate até que fura'. Acho que esse é o nosso lema também. FSP 18/05/97*

Em frases como essas pouco haveria a dizer sobre a estrutura valencial. Mas em determinados casos, pode haver um "reaproveitamento" de certas partes de um provérbio (Borba, 2001):

- (4) *Essas coisas são sempre sujeitas àquela lei da água mole em pedra dura tanto bate até que fura. O que muda agora é o tanto bate até que fura. FSP 16/05/97*
- (5) *Cão que ladra e não morde acaba passando vexame. De tanto ensaiar ameaças de força, sem a menor intenção de cumpri-las, o governo americano engoliu na semana passada mais um deboche do regime haitiano. VJ 18/05/94*

Assim, embora seja um tema de interesse, preferimos deixá-lo de fora de nossa análise, pois julgamos que seria mais útil um trabalho que se ocupasse somente desse reaproveitamento de partes de provérbios (Conenna 1988, 2000).

Em realidade, em alguns casos existe uma certa dificuldade para se delimitar o que é uma EC e o que é um provérbio (Borba, 2001; Conenna, 2000, p.292). Em geral essa identificação é feita de forma intuitiva: o provérbio teria uma acepção generalizante (M.Gross, 1982, p.161-164) ou ainda uma característica rítmica própria.

Algo semelhante acontece com EC do tipo:

- (6) *Comigo não, violão*
- (7) *Até aí, morreu Neves*
- (8) *Farinha pouca, meu pirão primeiro*
- (9) *Devagar com o andor, que o santo é de barro*

que tampouco entram no escopo deste trabalho. São expressões carregadas de sentido, com estatuto interjetivo.

No entanto, cabe notar que aqui também existem EC aparentadas a certos provérbios e que constarão de nosso trabalho. Esse é o caso da EC *meter a mão em cumbuca* :

- (10) *Sermão atrevido o desse padre! Ser mão dos outros colegas de vestido preto foi seu azar. Meteu a mão em cumbuca – fodeu-se, embora não fosse de sua prática, dado o rigor sexual da Companhia. CP – LR – CID*

que seria "derivada" do provérbio *Macaco velho não põe a mão em cumbuca*:

- (11) *O presidente da Fiesp, Carlos Eduardo Moreira Ferreira, disse que o fato não passa de um "problema político" entre as centrais sindicais, no qual a Fiesp não quer se envolver. "Macaco velho não põe a mão em cumbuca." FSP 21/04/95*

Notamos que o provérbio em (11) tem uma forma negativa, enquanto que em (10) a EC, ao fazer referência ao provérbio, o faz justamente numa forma afirmativa. Portanto, ela deve constar de nosso estudo, uma vez que podemos classificar sua valência segundo os critérios especificados no capítulo 3.

## 1.2 EC verbais

Como foi dito acima, uma característica fundamental das EC verbais é o fato de todas elas serem constituídas em torno de pelo menos um verbo. A morfologia desse verbo constitutivo das EC em nada difere da morfologia dos "verbos simples": seguem os paradigmas de conjugação e concordam sempre com o sujeito da frase.

É interessante notar que mesmo verbos defectivos como *chover* podem assumir todas as formas conjugadas em uma EC:

- (1) *Quando abordamos o problema do estágio, creio que, literalmente, chovendo um pouco no molhado, pela importância que tem o assunto dos estágios oferecidos pela indústria, não pensávamos, evidentemente, na pesquisa da indústria.*
- (2) *Odilon Guedes chove no molhado: o que ele pede para o Tribunal fazer em SVP já é feito não apenas nessa, mas em todas as secretarias. FSP 13/02/96*
- (3) *Sei que chovo no molhado ao tentar dissuadir Ana de sair sozinha.*

De uma maneira geral, as EC se estruturam como frases comuns. Certos autores tratam as EC como exceções ou anomalias lexicais (Perini 1996, p.347; Lyons 1979, p.184-186; Lyons 1987, p.141). No entanto, isso está longe de ser o que realmente se passa. Numa ocorrência como:

- (4.a) *Quero dizer que o cara bateu as botas porque sua dieta consistia em tranquilizantes e estimulantes tomados aos punhados (...). FSP 05/06/97*

a seqüência *bateu as botas* não pode ser interpretada nem pelo significado do verbo *bater* nem pelo do substantivo *bota*. Mas não se trata aqui de uma anomalia.

Na realidade, em todo o *corpus* (CP, FSP, VJ) encontramos uma única ocorrência da seqüência *bater as botas* que pode ser interpretada componencialmente:

- (5) *Fui chegando e subi num passeio de uns três palmos de altura que tinha lá e bati as botas na calçada para tirar a poeira, hum, peste que não sai. CP - LR -SAR*

enquanto que, com o significado cristalizado, foram encontradas 22 ocorrências de *bater as botas* (cinco no CP e 17 na FSP) e quatro ocorrências de *bater a bota* (todas no CP). Para que a seqüência *bater as botas* da ocorrência (5) seja interpretada componencialmente concorrem os seguintes fatores:

- a) o locativo *na calçada*;
- b) a explicação *para tirar a poeira*;
- c) o verbo conjugado no pretérito perfeito da primeira pessoa do singular;
- d) o fato de o texto ser um texto narrativo em que se sabe que o narrador não está descrevendo o momento de sua morte.

Ou seja, para a interpretação componencial é necessário o estabelecimento de todo um contexto que impeça a interpretação do significado cristalizado.

O que se nota, portanto, é que *bater as botas* é preferencialmente interpretada como ‘**morrer**’ pelos falantes do português do Brasil. Ou seja, ao contrário do que comumente se crê, a componencialidade é justamente a exceção nesse caso, pois a interpretação componencial é a que necessita de mais "condições especiais" para ser realizada.

Temos então como ponto de partida duas questões, a partir das quais formulamos nossa hipótese de trabalho. A primeira questão é de ordem formal e pode assim ser resumida: *As expressões cristalizadas são uma frase ou*

*um item do léxico da língua?* A segunda questão diz respeito à posição dessas expressões dentro da competência de cada falante e pode ser assim enunciada: *Como o falante distingue uma expressão cristalizada de uma forma não cristalizada?*

Da primeira questão, uma série de problemas podem ser levantados. Por um lado, se considerarmos as EC como frases, seremos confrontados com o fato de que expressões cristalizadas verbais exercem a função de um verbo como se fossem item lexical comum. Ou seja, o significado de uma expressão cristalizada pode, em boa parte das vezes, corresponder ao significado de um verbo simples:

(4.a) *Quero dizer que o cara bateu as botas(...)*

= *Quero dizer que o cara morreu(...)*

Notemos que a expressão não pode ser apassivada :

(4.b) \* *Quero dizer que as botas foram batidas pelo cara porque (...)*

nem sofrer alçamento ou topicalização:

(4.c) \* *Quero dizer que as botas, o cara bateu porque sua dieta (...)*

(4.d) \* *Quero dizer que foram as botas que o cara bateu porque (...)*

nem pode haver uma inserção de elementos entre os seus componentes:

(4.e) \* *Quero dizer que o cara bateu muito as botas porque sua  
dieta (...)*

No entanto, estes fatos não nos parecem suficientes para determinar que uma expressão cristalizada seja em si um item lexical. Afinal, sabe-se há muito que outras construções tampouco permitem estas operações. De fato, existem certos verbos transitivos que não admitem apassivação :

(6) *Rui possui um Fusca*

(6.a) \* *Um Fusca é possuído por Rui*

e nem inserção:

(6.b) \* *Rui possui muito um Fusca.*

Por outro lado, algumas outras características nos colocam diante de problemas semelhantes caso consideremos as expressões cristalizadas como item lexical: algumas têm um estatuto claramente cristalizado, enquanto outras parecem ser mais livres.

Por um lado, existem expressões nas quais a apassivação pode ocorrer. É o que acontece, por exemplo, com a expressão *queimar cartucho*, como nas ocorrências:

(7) *Diante do projeto de produzir uma segunda versão do folhetim, a emissora crê que não convém queimar cartucho com uma reprise. FSP 19/08/97*

- (8) *O melhor cartucho é queimado [por Renato Russo] na abertura do disco, com "Hey, That's No Way to Say Goodbye", de Leonard Cohen. "The Dance" mantém um pouco o nível. Depois, o CD desce a ladeira. FSP 12/11/97*

Além disso, se retomarmos a ocorrência (1), vemos que a EC *chover no molhado* permite inserção:

- (1) *Mesmo as "lideranças", como se dizia, do movimento por uma universidade crítica choviam um pouco no molhado. FSP 10/05/98*

Por outro lado, existem várias expressões que parecem ter sido originadas de uma metáfora:

- (9) *Quem entende de Congresso sabe que há na Casa uns 20 deputados que mandam, cerca de cem que carregam o piano, outros 80 que nem aparecem e o resto. FSP 22/04/98*

O problema seria então determinarmos se nas outras EC em que essa metáfora não parece evidente, o processo seria semelhante: a expressão se originaria de uma metáfora e se cristalizaria (cf. 2.4).

Este problema nos leva à segunda questão: *como o falante distingue uma expressão cristalizada de uma forma não cristalizada* ? Se em (9) a interpretação parece passar pelo caráter metafórico da expressão, o mesmo não podemos dizer de (4).

Mesmo que possamos constatar que a etimologia das expressões nos indique para um processo metafórico, é difícil demonstrar que o falante, ao identificar a expressão cristalizada, estabeleça necessariamente a relação metafórica entre a expressão e seu significado<sup>7</sup>.

Tomemos o caso de uma expressão recente:

(10.a) *Adoro a Folha, mas o pessoal do 'Painel' viajou na maionese. A música citada no comercial da Antarctica é um trecho da 'Sinfonia Paulista'. FSP 28/09/96*

que pode ser parafraseada por :

(10.b) *(...) o pessoal do 'Painel' delirou.*

Numa enquete informal que realizamos junto a pessoas que tinham acabado de utilizar a expressão, obtivemos pelo menos cinco versões diferentes sobre a possível interpretação metafórica de seu significado:

- a) "a maionese estava estragada e isso provocou febre e, portanto, delírio";
- b) "a pessoa gosta tanto de maionese que tem um delírio cada vez que come";
- c) "a pessoa comeu maionese acreditando que era um tipo de droga e imaginou ter um delírio";

---

<sup>7</sup> Prova disso são certos livros de "curiosidades verbais" que tentam determinar a origem de expressões cristalizadas com explicações por vezes verossímeis, por vezes fantasiosas. O caso mais recente, e significativo, é o de Prata (1996), no qual o autor cria uma série de explicações assumidamente fantasiosas para a origem de cada expressão. Um leitor incauto poderia perfeitamente aceitar algumas daquelas explicações como verdadeiras.

d) "a pessoa faz tratados delirantes a respeito de qualquer coisa, conseguindo até mesmo fazer tratados delirantes sobre uma coisa tão prosaica como uma maionese";

e) "a maionese é um material viscoso no qual é fácil de escorregar".

Não nos interessa aqui julgar a verossimilhança ou a adequação de uma explicação ou de outra, mas sim notar que existe uma grande divergência de possíveis interpretações metafóricas para uma expressão cujo aparecimento é demasiado recente – na FSP não se registra nenhuma ocorrência em 1994, apenas uma ocorrência em 1995, sete em 1996 e três em 1997 – e cujo processo metafórico deveria ser evidente.

Uma outra explicação para a interpretação de *viajar na maionese* seria a violação de seleção do verbo *viajar*, mesmo que seja um complemento tradicionalmente considerado como "circunstancial", no caso uma espécie de locativo. No entanto, para o caso específico de (10.a), se a identificação se desse unicamente a partir da violação de seleção do complemento do verbo, essa expressão deveria ter uma grande produtividade, o que não parece acontecer:

(10.c) ??? *O pessoal viajou no quibe*

(10.d) ??? *O pessoal viajou no azeite*

(10.e) \* *O pessoal viajou na panela*

(10.f) ??? *O pessoal viajou na cerveja.*

As seqüências (10.c), (10.d) e (10.f) só poderão vir a ser aceitáveis se forem consideradas como variações jocosas de (10.a), ou seja, variações que partem já da existência notória da EC *viajar na maionese*, enquanto que (10.e) é claramente inaceitável, pelo menos com um significado próximo a **delirar** de (10.a).

Da mesma maneira que a interpretação componencial é a exceção para a EC *bater as botas*, no caso de *viajar na maionese* a violação de seleção não parece ser o que importa para a interpretação. A idéia de que a interpretação passaria necessariamente por um processo metafórico (cf. 2.4), como em (9), parece não corresponder exatamente à interpretação que os usuários fazem dessa EC, ou, melhor, a "interpretação metafórica" leva a uma série de metáforas divergentes. Ou seja, se a interpretação tivesse que passar por uma metáfora, o que ocorreria é que os locutores acabariam criando uma metáfora para interpretá-la. É interessante notar o que M.Gross (1982) observou sobre essas "interpretações":

*Le besoin d'explication nous est apparu comme extrêmement compulsif pour les locuteurs confrontés à des formes figées. Nous avons observé ce comportement dans des milieux variés en culture et en âge. C'est ce comportement qui crée les étymologies populaires. (M.Gross, 1982, p.172)<sup>8</sup>*

De nossa parte, com base nessas constatações, renunciamos a qualquer tipo de explicação do significado das EC. Mas isso não significa que não

---

<sup>8</sup> "A necessidade de explicação pareceu-nos extremamente compulsiva da parte dos locutores confrontados às formas cristalizadas. Pudemos observar esse comportamento nos meios mais variados em formação cultural ou idade. É esse comportamento que cria as etimologias populares".

nos interessamos por seu significado: na seção 3.1 investigaremos a relação de transparência/opacidade das EC; isso será feito unicamente para se comparar a estrutura valencial das expressões com aquela dos verbos que as compõem. Além disso, o significado em si das EC nos interessará para estabelecer alguma relação entre EC diferentes e, em menor medida, para determinar no capítulo 5 uma tipologia de usos das EC.

Mas nosso interesse pelo significado termina aí. A etimologia da EC não faz parte do nosso objeto de estudo. No Anexo B daremos a lista das EC com seus respectivos significados apenas a título indicativo. Cremos que um trabalho mais aprofundado que deva levar em conta os significados das EC deverá ser, necessariamente, um dicionário de EC e de seus usos. Assim, nos colocamos claramente dentro de uma postura classificatória para estabelecer as estruturas mais comuns às EC verbais do português do Brasil.

### **1.2.1 Tipologia inicial**

Nosso objetivo é pois fazer um estudo sistemático das EC do português do Brasil. Para tanto, estabeleceremos uma tipologia das expressões verbais. Essa tipologia será valencial. Postulamos assim, a partir das duas questões que citávamos há pouco, que *uma expressão cristalizada verbal deve ser considerada como um item lexical* (i.e. um verbo) e, como tal, tem valências da mesma maneira que os verbos posicionais. Assim, diferentemente do verbo *bater* que pode ter valência 1, 2 ou 3, de acordo com seu emprego:

- (1) *A porta bateu*
- (2) *Uma carreta bateu em uma torre de alta tensão na noite do dia 24. FSP 28/12/95*
- (3) *Ao cair, Kawgut bateu com a cabeça na guia e sofreu traumatismo craniano. FSP 27/09/95*

as expressões compostas com o verbo *bater* podem ter valências diversas. Por exemplo, a EC *bater as botas* terá valência 1:

- (4) *Pois o avô batera as botas depois de duas extravagâncias. FSP 01/11/96*

enquanto que as EC *bater boca* e *bater na tecla* terão valência 2:

- (5) *Irritado, Piva bateu boca com Miranda na reunião de ontem. FSP 29/03/96*
- (6) *Motta voltou ontem a bater na tecla da reeleição. FSP 08/11/95*

No entanto, para estabelecer essa tipologia valencial, é necessário estabelecer uma tipologia de cristalização de cada expressão. Tal tipologia deverá levar em conta todos os componentes cristalizados das EC.

Dentro do universo que delimitamos, podemos estabelecer num primeiro momento a seguinte tipologia, sem nos preocuparmos, por enquanto, com a natureza dos complementos, diretos ou preposicionados:

I. expressões com sujeito fixo:

a. expressões com sujeito fixo, sem complemento (valência zero):

(7) *A cobra vai fumar quarta-feira no Canindé, ninguém vai conseguir nos prejudicar. FSP 21/04/97;*

b. expressões com sujeito fixo e complemento fixo (valência zero):

(8) *O líder do PSDB, José Aníbal (SP), disse que os deputados de seu partido consideraram "tímida" a proposta de Temer. "Eles temem que, depois de todo esse esforço, a montanha venha a parir um rato." FSP 14/03/96;*

c. expressões com sujeito fixo, um complemento fixo e um complemento livre (valência um):

(9) *Depois da Copa de 94, o sucesso subiu à cabeça de Romário e ele relaxou. FSP 07/05/96;*

d. expressões com sujeito fixo e um complemento livre (valência um):

(10) *Entrou areia na negociação de Maluf e Covas para que o PPR apoie o candidato tucano, Ricardo Tripoli, na presidência da Assembléia paulista. FSP 08/03/95;*

II. expressões com sujeito livre:

a. expressões com um complemento fixo (valência um):

(11) *Faustão lavou a égua no Ibope, anteontem. FSP 30/09/97;*

(12) *O PMDB gaúcho caiu do cavalo. E os intelectuais acreditavam que tinham chegado ao poder. FSP 12/02/95*

b. expressões com dois complementos fixos (valência um):

(13) *Por mais que os liberais queiram tapar o sol com a peneira, há uma diferença essencial entre o capital nacional e o estrangeiro. FSP 11/04/94;*

(14) *Em pouco tempo, o futebol italiano mudou da água para o vinho e passou a ser o mais encorpado do mundo. FSP 19/08/96*

c. expressões com um complemento fixo e um complemento livre (valência dois):

(15) *Severino Cavalcanti (PPB-PE) lavou a alma da oposição. Ganhou a 2ª vice-presidência do governista Pauderney Avelino (PPB-AM) por 323 a 133. FSP 06/02/97.*

(16) *Mas o governo FHC abre baterias contra a CPMF aprovada no Congresso, tentando exatamente eliminar sua cobrança para os especuladores em Bolsas de Valores. FSP 19/12/96*

(17) *Eloá Quadros, mulher de Jânio, tratava a cadela a pão-de-ló. Fazia de tudo para agradá-la. FSP 25/03/97*

d. expressões com dois complementos fixos e um complemento livre (valência 2):

(18) *Menos de vinte minutos após o início dos negócios na Bovespa, na quarta-feira, o governador Mário Covas jogou mel na boca dos investidores. FSP 09/06/97.*

### 1.2.2 Limite: EC com sujeito fixo

Dessa tipologia julgamos necessário destacar, inicialmente, as EC com sujeito fixo: elas serão descartadas de nossa análise. Isso se dá por várias razões. A primeira consiste no fato já citado de haver uma fronteira muito tênue entre os provérbios e algumas dessas EC. Por exemplo, na ocorrência:

- (1) *"Essa é uma situação injusta para nós. Os clubes faturam um bom dinheiro vendendo os jogadores que já passaram para a seleção para o exterior. Uma mão lava a outra", disse Zagallo. FSP 01/05/97*

É difícil saber qual é realmente o estatuto da frase *uma mão lava a outra*: um "ditado popular", um provérbio ou uma expressão. A segunda diz respeito ao caráter bastante heterogêneo dessas EC. Com efeito, se nas EC com sujeito livre podemos estabelecer classes bastante extensas que apresentam um número considerável de regularidades, nas EC com sujeito fixo temos uma série de fenômenos que, a nosso ver, deveriam apontar para um estudo específico dessas EC distinto das demais. Assim, podemos ter uma parte livre dentro do grupo nominal sujeito:

- (2) *O sonho de uma estabilização indolor acabou. FSP 28/02/96*

ou em como parte de um constituinte em posição complemento:

- (3) *A equipe econômica teme que o sucesso suba à cabeça de Itamar. VJ 03/08/94*

ou ainda uma parte livre como constituinte:

(4) *Mas é do lado de fora da porta da rua que o santo baixa em  
Courtney Love. VJ 05/07/95*

(5) *Foi então que a sorte sorriu para ele. FSP 25/01/96*

Encontramos menos de 200 EC com sujeito fixo. Esse número é, por certo, maior do que o de algumas classes aqui. No entanto, como veremos no capítulo 4, as classes se caracterizam por uma certa homogeneidade bem distinta das EC com sujeito fixo. Além dessa heterogeneidade, o número de EC com sujeito fixo é relativamente pequeno. Assim, decidimos deixá-la de fora do presente trabalho.

### **1.2.3 Limite: EC com mais de um verbo**

Por razões diversas das apresentadas acima, decidimos não abordar neste trabalho as EC que possuam mais de um verbo em sua estrutura. Com efeito, encontramos várias EC que possuem mais de um verbo:

(1) *Mas querer fazer reforma agrária pela via fiscal é como  
querer fazer omelete sem quebrar os ovos. FSP 02/06/96*

(2) *Sobre juro, [Ricupero] afirmou que adotará uma "política  
prudente". "Não vamos usar um canhão para matar uma  
pulga". FSP 21/05/94*

As EC com mais de um verbo apresentam particularidades que, pelo menos numa primeira abordagem, as distinguem das EC com apenas um verbo. Um primeiro problema seria saber se os verbos têm o mesmo sujeito, o que

ocorre em (1) e (2), pois existem EC que possuem como um de seus componentes fixos uma frase inteira, como:

- (3) *Raí comeu o pão que o diabo amassou em seus primeiros anos no futebol francês. FSP 10/10/97*

o que leva a outras considerações sobre a melhor classificação valencial. A nosso ver, as EC com mais de um verbo em sua estrutura apresentam problemas que vão além dos que pretendemos tratar na presente tese. São verdadeiros problemas de sintaxe, muitas vezes com implicações das noções de coordenação e subordinação, como no caso da ocorrência:

- (4) *Digamos que, nos dois casos, Gilberto Braga atirou no que viu e acertou no que não viu. FSP 21/09/97*

Além disso, somos levados a excluir as EC com mais de um verbo de nossa análise pelo fato de essas EC constituírem um pequeno efetivo em relação ao total de EC. Com efeito, da 5000 EC que compilamos, pouco mais de uma centena possuem mais de um verbo. Em realidade, temos um número semelhante em outras classes que abordamos aqui. Além disso, ao observarmos bem as ocorrências (1), (2) e (3), somos levados à mesma questão que apresentamos em 1.1.3: não teríamos ali também uma espécie de "reaproveitamento de provérbio" ? Por todas essas razões, para os fins da presente tese não levaremos em conta as EC com mais de um verbo.

### 1.3 Objeto do trabalho

Dessa forma delimitamos, enfim, nosso objeto de trabalho como sendo **as expressões cristalizadas verbais que possuam apenas um verbo e ao menos a casa do sujeito a ser preenchida**, ou seja, com valência maior ou igual a um.

A tipologia das EC será melhor explicitada de acordo com o natureza do complemento fixo que aparece nas expressões, se é introduzido por preposição ou não, e ainda o grau de cristalização: a possibilidade de uma expressão ter variações (como *tapar o sol com a peneira*, *esconder o sol com a peneira*), de se introduzir um modificador entre os termos cristalizados ou ainda de apassivação para certas estruturas. Assim, partimos da observação da estrutura de cada expressão para podermos em seguida classificá-la. O critério inicial é, portanto, formal.

## 2. Abordagens

### 2.1 A ausência de uma abordagem pela Gramática Tradicional

Não se pode dizer que a gramática tradicional tenha realmente uma abordagem no que se refere às EC. Dentre as principais gramáticas tradicionais do português, apenas Almeida (1963, p.404) e Bechara (1999, p.603) se referem a "expressões idiomáticas", mas num sentido bem distinto àquele comumente empregado<sup>9</sup>. Almeida (1963, p.404,§786) se refere a

idiotismo ou expressão **idiomática** é o termo ou dicção existente numa língua, sem correspondente em outros idiomas. Por **idiotismo** se compreendem também as frases e modismos que se afastam dos princípios gerais da sintaxe, sendo, porém, consagrados pelo uso de pessoas cultas e geralmente adotados na boa linguagem<sup>10</sup>

Em realidade, Almeida elenca como idiotismos certas características do português, como o infinitivo flexionado ou certas preposições. Não faz especificamente nenhuma referência às EC tal qual são entendidas aqui, a não ser em seu capítulo sobre os advérbios, no qual faz uma lista das locuções adverbiais (Almeida, 1963, p.283-6,§534).

Nas gramáticas tradicionais essas são as únicas referências às EC. Essa não-abordagem mostra como o tema foi posto de lado na tradição gramatical, certamente por ser considerado um tema menor, ou ainda pelo fato de

---

<sup>9</sup> Cunha & Cintra (1985) e Rocha Lima (1998) sequer fazem menção ao fenômeno.

<sup>10</sup> Grifos do autor

a gramática tradicional ter sempre sido o campo da normatividade. Com efeito, a tradição normativa pouco tem a dizer a respeito das EC, a não ser aconselhar evitá-las. Por isso também pode-se incluir aqui pérolas como o seguinte verbete retirado do *Manual de Estilo* do jornal *O Estado de S.Paulo* (Martins, 1997):

CORRER ATRÁS DO PREJUÍZO. Além de constituir modismo, é expressão incorreta. Corre-se atrás do empate, da vitória, da vantagem, do título, do lucro e nunca "do prejuízo". (Martins, 1997, p.82)

Pode-se ver aí o problema que as EC causam aos puristas. Da mesma forma, no seguinte trecho da coluna de Pasquale Cipro Neto (FSP 06/01/2000)

Já vi muita gente boa defender a legitimidade dessa construção ("correr atrás do prejuízo"), com o argumento de que o uso lhe dá razão. O estranho é que ninguém diz que corre atrás do fracasso, do insucesso, da tristeza. O que se diz é que o time corre atrás da medalha, da vitória, da classificação. Por que diabos, então, correr atrás do prejuízo?

podemos ver como determinadas EC são execradas. Em ambos os casos, os autores não conseguem se conformar com o fato de que os componentes da EC não seguem a lógica ou, melhor, que a EC em questão descreve um ato que não está necessariamente expresso por seus componentes. Assim, *correr atrás do prejuízo* não significa que o sujeito esteja buscando o prejuízo, mas, ao contrário, busca se livrar dele. O que define a expressão, muito mais do que seus componentes, é, efetivamente, o uso – como apontam os interlocutores de P. Cipro Neto – posto que é justamente no uso que se cria e se transmite seu significado.

Nos manuais do "bem escrever", encontram-se também outras prescrições quanto à utilização das EC (Lapa, 1975, p.61-73). Em vários casos prescreve-se que seu uso deva ser evitado por "constituir-se em modismo". Em outros, fala-se da impropriedade de tal ou tal expressão, ou ainda de sua etimologia. O que se pode notar é que, em vários casos, o uso das EC é tido como um "vício de linguagem".

Convém ainda lembrar que Perini (1996, p.347) faz referência às EC, mas sobretudo para notar seu caráter "idiossincrático":

Finalmente, o léxico precisa incluir ainda certas expressões idiomáticas fixas, do tipo *bater as botas*, *a olhos vistos* etc. Estas não são propriamente palavras: por exemplo, em *bater as botas* podemos flexionar a primeira parte: *bateu as botas*, *baterão as botas* etc., o que nunca ocorre com as palavras propriamente ditas. Mas as expressões idiomáticas não podem tampouco ser consideradas frases ou sintagmas normais, por várias razões: primeiro, na fala, nunca podem ser interrompidas por hesitações, sem destruir o efeito de expressão idiomática. Assim, se alguém disser

Cidinha bateu – ééé... – as botas

a mensagem transmitida não será 'Cidinha morreu', mas de que realmente bateu umas botas (para tirar a poeira, talvez).

Depois, essas expressões se compõem de elementos fixos. Não podemos sequer mudar certas flexões; a frase

Cidinha bateu a bota

novamente quer dizer que ela esteve limpando o calçado, e não que morreu.

Finalmente, em certos casos, como em *a olhos vistos*, a própria estrutura da expressão é peculiar e não corresponde exatamente à estrutura de um sintagma (igualmente, se interpretarmos a expressão literalmente, o resultado pode ser anômalo).

Concluímos que tais expressões não são estruturas montadas pela sintaxe e interpretadas pela semântica, mas verdadeiros itens compostos, listados separadamente no léxico.

Ou seja, de uma certa maneira, o que esse autor faz é reconhecer que o problema existe para colocá-lo de lado. Embora não possamos classificá-lo como representante da tradição gramatical, no que se refere às EC, sua postura é semelhante: tratar nas "gramáticas" aquilo que pode ser sistematizado em um "conjunto de regras" e deixar para os "dicionários" a parte "idiossincrática" das línguas. Além disso, pelo que foi exposto em 1.2, suas afirmações são, para dizer o mínimo, apressadas: se a EC *bater as botas* não pode ser interrompida, isso não quer dizer que, no geral, as EC "**nunca** podem ser interrompidas por hesitações, sem destruir o efeito de expressão idiomática" (grifo nosso). Ou seja, têm-se a impressão de que ele não examinou outras EC além de *bater as botas*. E mesmo para esta EC, suas afirmações também são equivocadas, pois *bater a bota* pode ser interpretada como **morrer**: como já dissemos em 1.2, a seqüência *bater a bota* teve quatro ocorrências no *corpus* e somente com o sentido de **morrer** e nunca com a interpretação componencial.

## 2.2 Tradução e ensino de línguas estrangeiras

No que se refere à tradição dos estudos lingüísticos, três áreas apresentam um interesse particular pelas EC: a lexicografia, o ensino de línguas estrangeiras (aqui também compreendido o ensino de português como língua estrangeira) e a tradução. A lexicografia monolíngüe será abordada na seção seguinte. No que se refere ao ensino de línguas estrangeiras, é interessante notar que um dos indicadores de fluência em língua estrangeira é justamente a habilidade que o aprendiz demonstra em utilizar as EC (Tagnin, 1989; Yorio 1980, 1989). Desse modo, repertórios de EC encontram-se, em geral, em alguns dicionários bilíngües. Esses repertórios são destinados a aprendizes de língua estrangeira. Cabe aqui notar que são poucos os dicionários realmente bilíngües. Ou seja, os dicionários específicos de EC do português do Brasil destinados a estrangeiros aprendizes de português como língua estrangeira praticamente inexistem: temos apenas Serpa (1982), que apresenta EC tanto em inglês quanto em português.

Xatara (1994, 1998) também descreve EC em francês e em português com o objetivo claro de estabelecer equivalências entre expressões nas duas línguas. Seu trabalho tem utilidade na tradução e o número de expressões é considerável. Cabe ressaltar também o trabalho de Tagnin (1989) que descreve EC do inglês e leva o leitor a refletir também sobre as EC do português. Os trabalhos de ensino de línguas estrangeiras muitas vezes levam a descrições bastante detalhadas de fenômenos lingüísticos marginalizados pela tradição gramatical.

## 2.3 Abordagem de um dicionário

Por lidarem com a complexidade do léxico, os dicionários monolíngües, como Aurélio, Michaelis ou Koogan-Houaiss<sup>11</sup> sempre apresentam EC em seu corpo. No caso do Aurélio, o número de EC é bastante significativo. No entanto, não há um critério fixo para o aparecimento dessas expressões. Por exemplo, no verbete *cavalo* do Aurélio, encontram-se as seguintes expressões:

### **Cavalo da sela.**

1. O que vai à esquerda do cocheiro. [Cf. cavalo de sela.]

### **Cavalo de batalha.**

1. Desus. Montaria adestrada para ser cavalgada em dia de batalha.
2. Fig. Complicação, embaraço, dificuldade:
3. Fig. Razão de ser; bandeira: [Cf. cavalo-de-batalha.]

### **Cavalo de campo. Bras., N.**

1. Cavalo adestrado em que o vaqueiro campeia o gado.

### **Cavalo de meia jorna. Bras.**

1. Cavalo avelhentado.

### **Cavalo de pobre. Bras.**

1. Burro ou macho asneiro.

### **Cavalo de sela. Bras.**

1. Cavalo de boa andadura ou pisada, que não faz outro trabalho senão o transporte de cavaleiros. [Cf. cavalo da sela.]

### **Cavalo de Tróia.**

1. [Alusão ao imenso cavalo de madeira que, visando a tomar Tróia, os gregos arditamente construíram, a conselho de Ulisses, enchendo-lhe o bojo de soldados armados e mandando-o de presente aos troianos.] Inimigo encoberto, que se insinua numa instituição ou família para ocasionar-lhe a ruína: [Cf. presente de grego.]

### **Cavalo do santo. Bras.**

1. O médium possuído pelo orixá. [Cf. aparelho (9).]

---

<sup>11</sup> Respectivamente: Ferreira (2000) .... Houaiss (1995). Preferimos nos referir a esses dicionários pelos "nomes de fantasia" pelos quais eles são conhecidos correntemente pelo público.

**A cavalo.**

1. Montado ou escarranchado sobre cavalo ou sobre qualquer coisa.
2. Art. Gráf. Em canoa.

**Abrir o cavalo. Bras.**

1. Mandar outrem retirar o que disse.

**Andar no cavalo dos frades.**

1. Andar a pé.

**Cair do cavalo.**

1. Ter forte ou grande surpresa.

**Convidar o cavalo nas puas. Bras., RS.**

1. Cravar-lhe as esporas.

**Passar de cavalo a burro.**

1. Ficar em pior situação; baixar de categoria.

**Tirar o cavalo da chuva. Bras.**

1. Desistir dum propósito, dum intento.

Pode-se notar nesse verbete aquilo que observa Borba (2001):

"Um exame, mesmo superficial, nos nossos principais dicionários, mostra, de cara, duas coisas: (i) ausência de um conceito de lexia complexa que norteia a seleção e (ii) ausência de um critério de entrada/subentrada". De fato, encontram-se sob o verbete *cavalo* tanto *cavalo de campo* quanto *cavalo de pobre* ou ainda *cavalo de tróia*, além das expressões verbais. Pode-se comparar essas EC com aquelas que existem no verbete *burro*:

**Burro da retranca. Marinh.**

1. Cada uma das pequenas talhas engatadas no lais da retranca e nas alhetas do navio, uma por bordo, e destinadas a agüentá-la quando a vela estiver caçada.

**Burro de carga.**

1. Animal asinino ou muar utilizado como cargueiro.
2. Fig. Pessoa que recebe tarefa excessiva, que a outrem deveria caber.

**Dar com os burros na água. Bras.**

1. Perder um negócio.
2. Não se conter; perder o autodomínio.
3. Fazer tolice, asneira. [V. levar na cabeça..]

**Pra burro. Gír.**

1. Em grande quantidade ou intensidade; muito; pra cachorro.

Nota-se aí a mesma falta de critério: *cavalo de campo* é um tipo de *cavalo*, assim como *burro de carga* é um tipo de *burro*, o que não é o caso de *burro da retranca* – termo que nada tem a ver com o animal *burro* e cuja entrada como EC se justifica plenamente. Pode-se questionar se, sob o ponto de vista assumido neste trabalho, *cavalo de campo* é uma expressão cristalizada. Quanto à entrada *burro de carga*, é curioso que a acepção 1 apareça no dicionário, afinal essa definição é praticamente literal, ou seja, ela descreve a própria composicionalidade da entrada:

animal asinino ou muar [isto é: *burro*] utilizado como cargueiro [isto é: *de carga*].

O caso é o mesmo para a acepção 1 de *cavalo de batalha*, (curiosamente etiquetado de "desusado"). Em realidade, o que interessaria em *cavalo de batalha* seriam justamente as acepções 2 e 3, e em *burro de carga* a acepção 2, ou seja, aquelas que o dicionário, ao dar seu significado, demonstra serem distintas do que a simples análise dos componentes da expressão pode informar. Uma possível justificativa para que a acepção 1, tanto de *burro de carga* quanto de *cavalo de batalha*, apareça no dicionário seria para estabelecer o contraste com as acepções cristalizadas. Mas se esse fosse o critério, por que razão não se estabeleceria o mesmo contraste para a entrada *cavalo de campo* ?

Nesses verbetes, entretanto, o que mais interessa ao presente trabalho são as expressões verbais, ou seja: *abrir o cavalo, andar no cavalo dos frades, cair do cavalo, convidar o cavalo nas puas, passar de cavalo a burro, tirar o cavalo da chuva e dar com os burros n'água.*

Por um lado, é de se perguntar se *convidar o cavalo nas puas*, dada como uma expressão típica do Rio Grande do Sul, deveria aparecer como simples exemplo sob o verbete **convidar**, no qual encontramos a seguinte acepção como verbo pronominal, sem abonações nem exemplos,:

**convidar**

(...)

**V.p.**

(...)

10. Bras., RS. Combinar (os corredores entre si) o começo da corrida, a largada.

Ou seja, *convidar o cavalo nas puas* pode tanto ser uma expressão, como um emprego da acepção 10 do verbo *convidar*.

Por outro lado, nota-se que a EC aparentemente mais bem descrita é *dar com os burros n'água*, pois são apresentados três significados diferentes, além de se apresentar também uma EC sinônima de um deles (*levar na cabeça*). No entanto, nenhum desses três significados daria conta dos empregos das seguintes ocorrências:

(1) *A sensação que isso passa – e tomara que seja uma equivocada suspeita – é que, no íntimo, o sujeito esfrega as mãos, numa torcida nervosa para que as coisas dêem com os burros n'água*FSP 05/02/98

- (2) *Por que o projeto "autoral" deu com os burros n'água? Por que a década iniciou com um filme simples como "Easy Rider", que obteve um êxito inesperado de público, e terminou com uma extravagância vazia e fracassada na bilheteria como "No Fundo do Coração"? Como filmes pessoais foram abandonados em favor de roteiros simplórios e espetáculos de efeitos especiais? FSP 26/05/98*

Em ambos os casos, a acepção que mais se aproximaria do significado dessa EC nos dois exemplos seria a acepção 1. No entanto, nota-se que o sujeito de ambas seria justamente o **negócio que fracassa**. Tal como está no Aurélio, tem-se a impressão de que o emprego para *dar com os burros n'água* deveria ser como o da seguinte ocorrência:

- (3) *[Marcos Frota] Foi também camelô, caixa de supermercado, office-boy, motorista de táxi, recepcionista de motel e vendedor de elevadores - achava que numa cidade como São Paulo, cheia de prédios, tal artigo faria sucesso. Deu com os burros n'água em todos os biscates. "Era um problema, ele não parava em emprego nenhum nem estudava desde moleque, quando terminou o colégio", diz seu pai, o aposentado Vicente Frota Filho, de 72 anos. VJ 02/04/94*

Chega-se então ao ponto principal da crítica que se faz aqui aos dicionários de língua: não existe neles nenhuma informação sobre os empregos das EC. Em realidade, essa crítica poderia ser feita de forma mais generalizada,

pois pouca ou nenhuma informação sobre os empregos dos demais itens lexicais são encontradas nos dicionários. Não bastasse isso, as demais informações sobre as expressões são, em geral, incompletas. Por exemplo, o significado da expressão *cair do cavalo* é dado unicamente como **ter forte ou grande surpresa**. No entanto, o que se verifica nas ocorrências dessa expressão é que o componente principal de seu significado pode ser:

(a) ter uma surpresa contrariando uma expectativa, ou seja, sofrer uma decepção:

(4) *Caiu do cavalo quem imagina que o belga Ernest Sarlet, o secretário, fez um endeusamento da máquina. Entregou aos professores algo que considerava mais importante que o computador: o livro "Educação e Mudança", de Paulo Freire. FSP 13/02/98*

(5) *Não tem cabimento ele ser do PMDB e dizer que não apóia o candidato do partido. Se ele estiver preconizando minha derrota, vai cair do cavalo e perder a chance de estar ao lado do futuro presidente. FSP 20/08/94*

(6) *Posso até cair do cavalo, mas dane-se. Tenho que apostar em alguma coisa e há algumas semanas dediquei esse espaço a uma torcida descarada pela volta do baixinho. FSP 12/02/94*

(b) decepcionar, errar ou equivocar-se:

(7) *Thalma, também atriz de novela, faz sua estréia em CD homônimo pela Sony, no qual vem se unir à coqueluche soul/funk arrumadinho a que o país assiste. Ela, mais despudorada, toma colheradas de elementos da disco e da dance music, com resultado bobinho, mas simpático. À vontade em faixas próprias, ela só cai do cavalo ao interpor a seu pop/soul uma regravação chinfrim de "Eu Sei", do Legião Urbana. FSP 15/07/97*

(8) *Uma coisa que chama a atenção em "A Ostra e o Vento" é essa presença quase física do vento. É o tipo de situação em que é muito fácil cair do cavalo. Qual foi a dificuldade de mexer com um material tão abstrato? FSP 23/07/97*

De fato, o que distingue os empregos da expressão *cair do cavalo* é a natureza de seus argumentos. Ou seja, enquanto nas ocorrências (4), (5) e (6) o sujeito da expressão é afetado, em (7) e (8) o sujeito tem um papel ativo no processo envolvido. Este tipo de informação não aparece em nenhum momento nem no Aurélio nem nos demais dicionários citados. Assim, mesmo que tenhamos aqui dado como exemplo apenas o que ocorre no Aurélio, essas mesmas observações podem ser aplicadas aos outros dicionários.

## **2.4 As abordagens psicolingüística e cognitivista**

A abordagem psicolingüística procura compreender como as EC são produzidas e compreendidas pelo falante/ouvinte. A abordagem cognitivista, em geral, leva em conta os processos cognitivos usados pelo falante na compreensão das EC.

### **2.4.1 Abordagem psicolingüística**

Os trabalhos de psicolingüística abordam o problema, *grosso modo*, com duas hipóteses excludentes: a primeira, exposta por Glass (1983), é a de que a interpretação de uma EC passa necessariamente pela interpretação literal de seus componentes; a segunda, exposta por Gibbs (1985), é exatamente o inverso, ou seja, de que a interpretação da EC não passa pela interpretação literal de seus componentes. Em um artigo posterior, Gibbs (1990) revisará esta posição, notando que um certo número de EC são interpretadas a partir de seus componentes.

A demonstração de ambas as hipóteses se dá empiricamente, ou seja, com a experimentação das hipóteses em grupos de sujeitos. O que interessa ao presente trabalho é o fato de esses estudos verificarem empiricamente a transparência/opacidade das expressões, tema que será retomado no capítulo 3.

Em todas essas abordagens, são feitos testes de compreensão com um certo número de sujeitos. Esses testes levam em conta o tempo que os indivíduos testados necessitam para entender que uma determinada seqüência é uma expressão ou uma frase livre (i.e. o sentido é literal em determinado contexto).

## 2.4.2 Abordagem cognitivista

De sua parte, Lakoff (1986, p.380-415) faz um interessante estudo sobre expressões que em inglês americano denotam *raiva*. Ele estabelece uma tipologia, classificando as expressões segundo um certo número de metáforas e metonímias mais ou menos recorrentes. Assim, inicia sua análise a partir de uma "teoria popular" (*folk theory*) que partiria da metonímia dos efeitos que a raiva exerce sobre o corpo humano. Deste modo, a raiva é metaforizada como CALOR, FLUIDO, FOGO ou LÍQUIDO INFLAMÁVEL. Ele trata também de outras metáforas que comparariam a raiva com INSANIDADE ou um Oponente em uma luta ou ainda um ANIMAL PERIGOSO. Em todas essas metáforas, Lakoff identifica um roteiro de construção das metonímias e metáforas. Demonstra a seguir que essas metáforas e metonímias convergem para um modelo que seguiria um roteiro prototípico dos seguintes estágios (numa versão bastante resumida):

- a) o sujeito sofre um ato agressivo (Offending event) injustificado;
- b) raiva: o sujeito experimenta uma série de efeitos fisiológicos em diferentes graus decorrentes da raiva;
- c) o sujeito tenta manter o controle;
- d) o sujeito perde o controle;
- e) o sujeito revida contra quem o provocou.

Esse esquema prototípico pode ser aplicado ao português com expressões que também denotem *raiva*, ou seja, expressões como:

(1) *Ana explodiu de raiva*

- (2) *Paulo rodou a baiana na reunião*
- (3) *Marcos perdeu a paciência com as brincadeiras de Rui*
- (4) *Raul perdeu as estribeiras*
- (5) *Rui chutou o pau da barraca*
- (6) *Rui chutou o balde*
- (7) *Maria tem o pavio curto*

parecem seguir o mesmo esquema explicitado acima. Esse esquema poderia dar uma pista sobre a origem dessas expressões, origem aqui entendida não como etimologia mas como o percurso cognitivo que os falantes utilizariam tanto para produzir tais expressões quanto para decodificá-las.

É interessante notar que Gibbs (1990) utiliza também estes conceitos para descrever o "percurso psicolinguístico" em suas pesquisas. Assim, estabelece que "RAIVA É UM LÍQUIDO QUENTE" ou "RAIVA É UM ANIMAL PERIGOSO". Este tipo de abordagem tem origem em Lakoff & Johnson (1980) que estabelecem uma tipologia de metáforas.

Essas abordagens apresentam interesse na medida em que procuram demonstrar o percurso que o falante deve efetuar para interpretar uma expressão. Evidentemente, a esmagadora maioria da EC são cristalizações de metáforas (ou, como chamam alguns autores, *metáforas mortas* ou *metáforas altamente convencionais*). Não faz parte dessas abordagens uma investigação

mais aprofundada da estrutura das EC. Mesmo que Gibbs (1986) faça uma escala da decomponibilidade das expressões, seu problema permanece sendo a compreensão pelos falantes/ouvintes.

No entanto, se essas teorias conseguem explicar o percurso psicolinguístico/cognitivo da produção/compreensão das EC, falta a elas ainda a explicação do contrário, ou seja, essas teorias podem explicar o percurso da compreensão de EC como *chutar o balde* ou *chutar o pau da barraca* mas não explicam a razão de *chutar a lata de lixo*, que seguiria o mesmo percurso cognitivo, não poder ser considerada como uma EC (cf.3.1).

## **2.5 A abordagem do Léxico-Gramática**

A abordagem das EC que mais interessará neste trabalho será aquela estabelecida pela teoria do Léxico-Gramática. Essa teoria tem sido desenvolvida nos últimos 30 anos por Maurice Gross e a equipe do Laboratoire d'Automatique Documentaire et Linguistique (LADL). Sua formulação de base é que a unidade de significado são as frases simples (M.Gross, 1981, p.48). A metodologia adotada consiste em estabelecer classes cujos elementos possuem características sintáticas semelhantes.

A teoria do Léxico-Gramática é uma descendente direta da teoria transformacional de Zellig S. Harris. Embora a palavra "transformacional" possa evocar, em geral, a Gramática Gerativa - que, em algumas de suas várias formulações, foi chamada de Gramática Gerativa Transformacional -, a abordagem de Maurice Gross é bem diversa. Com efeito, a abordagem do Léxico-Gramática é, antes de mais nada, uma procedimento empírico. Maurice Gross

crítica na Gramática Gerativa o seu caráter especulativo: os seguidores de Chomsky raramente fazem apelo a dados reais. Assim, M.Gross critica alguns princípios básicos da Gramática Gerativa, como a construção de modelos:

*(...) la grammaire générative oppose la construction de modèles logico-informatico-mathématiques à l'approche descriptive qualifiée de procédurale. On voit donc se construire de nombreuses variantes de modèles dotés en intention de pouvoirs prédictifs et explicatifs, mais en fait construits à partir d'observations empiriques très limitées: sont considérés comme faits linguistiques les seuls phénomènes permettant une confirmation ou une infirmation d'un modèle existant.(...) On ne peut guère interpréter cette frénésie de construction de modèles que comme la prise à la lettre du truisme célèbre 'la langue est un système où tout se tient'. Cet 'axiome' semble légitimer l'étude d'interactions quelconques entre phénomènes quelconques, quand phénomène il y a. L'approche est telle que même si les faits sont authentiques, ils sont pris au hasard parmi une population de phénomènes dont la taille n'a jamais été estimée. (M.Gross, 1976, p.7-8)<sup>12</sup>*

Seu argumento principal é o fato de que esses modelos da Gramática Gerativa dão conta apenas dos poucos exemplos que examina, sem levar em conta qual é sua real produtividade na língua. Assim, fatos que têm pouca produtividade são assimilados a outros cuja produtividade é grande.

---

<sup>12</sup> "(...) a gramática gerativa opõe a construção de modelos lógico-informático-matemáticos a uma abordagem descritiva, qualificada de procedimental. Vê-se assim serem construídos inúmeros modelos dotados de intenção de poderes preditivos e explicativos, mas em realidade construídos a partir de observações empíricas muito limitadas: são considerados como fatos linguísticos apenas os fenômenos que permitem a confirmação ou o falseamento de um modelo existente. (...) Só se pode interpretar esse frenesi de construção de modelos como uma interpretação literal do célebre truismo 'a língua é um sistema onde tudo se encaixa'. Este 'axioma' parece legitimar o estudo de interações quaisquer entre fenômenos quaisquer, se é que fenômeno existe. A abordagem é tal que mesmo que os fatos sejam autênticos, eles são tomados ao acaso numa população de fenômenos cujo tamanho nunca foi estimado".

O princípio segundo o qual a unidade de significado é a frase simples acarreta uma diferença metodológica fundamental: ao invés do método hipotético-dedutivo preconizado pela Gramática Gerativa, o Léxico-Gramática assume claramente uma postura taxonômica:

*L'examen systématique du lexique constitue donc un moyen, vraisemblablement le seul à l'heure actuelle, d'appréhender une langue de façon globale, c'est à dire, d'en construire une image ayant un certain caractère de généralité. Ce n'est que dans un tel cadre qu'il est possible de détecter des phénomènes massifs, et de les opposer éventuellement à des exemples marginaux ou exceptions.*(M.Gross, 1976, p.9)<sup>13</sup>

Assim, a taxonomia torna-se um meio para se encontrar as regularidades da língua. Essa taxonomia tem também uma aplicação direta no tratamento automatizado da linguagem (Silberztein, 1993).

M.Gross (1982, 1985, 1986c, 1988, 1989) estabelece uma classificação das EC verbais e adverbiais do francês. Essa classificação consiste em separar os elementos em classes distintas, que tornam mais operacional o trabalho classificatório. No que se refere às EC verbais, M.Gross (1982) estabelece uma classificação que as separa de acordo com a estrutura interna: os constituintes fixos e os constituintes livres. Nota também que as expressões são em número bem maior do que se costuma supor nos estudos lingüísticos que, em geral, as tratam como exceções. Assim, para o francês, se o número verbos

---

<sup>13</sup> "O exame sistemático do léxico constitui um meio, certamente o único no momento atual, de apreender uma língua de maneira global, isto é, de construir uma imagem da língua que tenha uma característica de generalidade. Somente num quadro desse tipo é possível detectar os fenômenos massivos, opondo-os eventualmente aos exemplos marginais ou exceções".

"simples" gira em torno de 8.000, o número de EC verbais estudadas por M.Gross ultrapassa 23.000. Por essa metodologia de trabalho já foram descritas EC do árabe (Benkaddour, 1987), do coreano (Lim, 2000), do espanhol (Massó, 1989), do grego (Fotopoulou 1993), do inglês (Machonis 1985) e do italiano (Vietri 1985), entre outros trabalhos.

Ao dividir o léxico em classes, o Léxico-Gramática constrói tábuas com as propriedades sintáticas de cada item lexical. Assim se dá também com as EC. O procedimento que utilizamos aqui é semelhante.

Nossa abordagem só difere daquela de M.Gross quando, além das propriedades sintáticas, anotamos também nas colunas das tábuas as propriedades de uma tipologia valencial que leva em conta o tipo de dinamicidade das EC. Assim, ao lado de propriedades como a possibilidade de apassivação de uma EC, notamos se a EC pode ser descrita como **ação, processo, ação-processo** ou **estado**.

### **3. Valência das EC**

Ao estudarmos a valência das EC verbais, defrontamo-nos, inicialmente, com dois tipos de problema. Os dois dizem respeito à valência do verbo em torno do qual se estrutura a EC. O primeiro seria saber se uma determinada EC não seria apenas um emprego especial de determinado verbo. O segundo trata da própria estrutura valencial e de seus constituintes. Examinaremos a seguir esses dois pontos para, na seqüência, estabelecermos as classes valenciais.

#### **3.1 Transparência e opacidade**

Pode-se entender transparência como a maior proximidade do cálculo do significado total da expressão por seus componentes, enquanto que a opacidade seria a total impossibilidade desse cálculo. Se notamos que algumas expressões podem ser mais facilmente calculadas a partir de seus componentes que outras, estamos em uma situação na qual não temos limites bem definidos sobre o que seja uma expressão cristalizada, isto é, a definição de expressão cristalizada se aproximaria mais de uma definição prototípica (Taylor, 1989; Kleiber 1999) do que de uma definição com componentes "necessários e suficientes". De fato, encontramos fenômenos um tanto quanto distintos. Examinemos as seguintes ocorrências de expressões cristalizadas construídas com o verbo *lavar*:

- (1) *Severino Cavalcanti (PPB-PE) lavou a alma da oposição. Ganhou a 2ª vice-presidência do governista Pauderney Avelino (PPB-AM) por 323 a 133. FSP 06/02/97*
- (2) *Na reunião com vice-líderes do PMDB, Michel Temer lavou as mãos em relação ao futuro da emenda da reeleição: "Meu compromisso é votar na comissão. Isso, devo ao governo. Depois, não é mais problema meu". FSP 15/01/97*
- (3) *Faustão lavou a égua no Ibope, anteontem. Bateu o SBT por 28 a 6. FSP 30/09/97*

A escolha dessas expressões se dá porque intuitivamente parecemos que a expressão *lavar a alma* é mais transparente que *lavar a égua*, e pelo fato de a expressão *lavar as mãos* poder ser considerada antiga o bastante para poder ser lexicalizada. Com efeito, *lavar as mãos* é uma expressão que a cultura ocidental conhece, pelo menos, desde os primórdios do cristianismo. Mas como determinar a maior transparência da ocorrência (1)?

Notamos que (1) guarda ainda um traço semântico de certos empregos do verbo *lavar*, aqueles que, em Borba et al. (1990), são assim classificados:

"1.2. Com complemento expreso por nome **abstrato**, significa *tornar puro, expurgar, purificar (...)*".

O fenômeno que nos interessa na comparação é o fato de que a EC *lavar a alma* sempre vem acompanhada de um complemento humano. Ou seja, a expressão *lavar a alma* tem necessariamente dois argumentos: um **sujeito**

**agente/causativo** e um **complemento paciente-humano**. O mesmo não acontece nem com *lavar as mãos* nem com *lavar a égua*. Ou seja, frases como

(4) *Ana lavou as mãos de Zoe.*

(5) *Rui lavou a égua de Max.*

têm como interpretação preferencial o sentido componencial, ou seja, **limpar banhando, retirar as impurezas com água** de objetos concretos – no caso, *mãos* e *égua*. Assim, podemos estabelecer que aquilo que aparecia intuitivamente como uma "maior transparência" da expressão pode ser expresso por critérios sintático-semânticos mais explícitos, tais como a valência ou um complemento concreto ou abstrato. No entanto, é ainda necessário notar que o traço semântico de **limpeza** ou **purificação** aparece, de alguma maneira, nas três expressões, que guardariam assim algum tipo de ligação com o verbo *lavar*<sup>14</sup>. Poder-se-ia aqui argumentar que o complemento humano de (1) seria, em realidade, apenas um argumento valencial de *alma*. Não se considerará por agora essa possibilidade por uma razão de ordem metodológica: a hipótese consiste em considerar as expressões cristalizadas como núcleo valencial da frase. Se tomássemos o complemento humano apenas e tão somente como argumento valencial de *alma*, dificilmente poderíamos considerar *lavar a alma* como uma expressão cristalizada, uma vez que ela seria necessariamente enquadrada na definição (1.2) acima. No entanto, na seção seguinte levaremos em conta esse fato e faremos dele um dos elementos para a definição de algumas classes.

---

<sup>14</sup> O que não acontece, por exemplo, com a expressão *uma mão lava a outra*.

A expressão *lavar a alma* é freqüente em textos escritos e, mesmo que aparente uma certa transparência, tem o estatuto de expressão cristalizada. Note-se que não se pode trocar a palavra *alma* por outra semanticamente próxima – *espírito*:

(6) \* *Severino Cavalcanti lavou o espírito da oposição.*

Em realidade, encontramos apenas uma ocorrência do verbo *lavar* associado ao substantivo *espírito* em nosso corpus:

(7) *Nas fontes vemos a água antiga que lava nosso espírito já ligeiramente atraído e o contamina ainda mais.*  
*FSP 27/01/97*

que tem um significado bem diverso daquele de *lavar a alma*. Assim, pode-se considerar *lavar a alma* como uma EC, embora seu campo semântico esteja bem próximo daquele da definição (1.2) acima.

Já a expressão *lavar a água* apresenta um outro fenômeno. Seu significado também se encontra num campo semântico relativamente próximo da expressão anterior, mas seu uso não pede nenhum complemento como demonstram as seguintes ocorrências:

(8) *Se Jaguariúna virar Dallas, a cidade já tem o seu J.R., o chefão do seriado. Poliselli Jr. vai lavar a água.*  
*FSP 06/04/97*

(9) *Este ano, o Devotos do Ódio lavou a água como principal representante do mangue beat. FSP 28/04/97*

(10) *O SBT lavou a égua na noite de segunda-feira. FSP 08/10/97*

(11) *(...) a conta foi para outra agência que lavou a égua durante anos com o "Garoto" da DPZ. FSP 25/03/96*

Assim, pode-se dizer que, enquanto *lavar a égua* indica **processo**, com **sujeito paciente-humano**<sup>15</sup>, *lavar a alma* indica **ação-processo**, com um **sujeito agente/causativo** e um **complemento paciente-humano**. Pode-se notar isso nas seguintes ocorrências, em que o complemento está sempre presente:

(12) *Lavou-me a alma o artigo 'A pior ditadura', do deputado Cascione. FSP 31/01/97*

(13) *Depois, o apresentador se saiu com uma piada de lavar a alma dos republicanos. FSP 26/03/98*

ou é reduzido a um possessivo:

(14) *O velho e bom Brizola lavou a minha alma na noite de quinta. FSP 26/05/97.*

No entanto, outras ocorrências apresentam a mesma expressão com um emprego aparentemente semelhante ao emprego de *lavar a égua*:

---

<sup>15</sup> Em realidade, de 20 ocorrências de *lavar a égua*, em apenas uma tem-se **ação-processo** com **sujeito causativo** e um complemento:

*(...) como se a ida de Weffort para a Cultura, administrando 0,2% do Orçamento, possa lavar a égua da nação. FSP 16/12/94*

Já com *lavar a alma* temos a configuração variável descrita acima em 121 ocorrências, das quais 50 na forma participial, 40 com sujeito **agente** ou **causativo**. e 31 com sujeito **paciente/experimentador**.

(15) *Vamos lavar a alma, homenageando Barbosa Lima Sobrinho*  
*FSP 16/01/97*

(16) *Lavei a alma, semana passada, com os discursos dos*  
*senadores Pedro Simon e Jefferson Peres na sessão do*  
*Senado de quinta-feira. FSP 20/05/97*

Nesses dois exemplos o verbo está na primeira pessoa, o que levaria a supor que a correferência entre o sujeito e o complemento, ao invés de colocar a expressão numa forma reflexiva (*lavei-me a alma*), teria como resultado o apagamento do complemento. Essa análise levantaria um problema para a classificação: dificilmente poderíamos considerar nesses casos o sujeito como **agente/causativo**, pois pelo próprio significado da expressão o sujeito seria experimentador. Assim, o que temos aqui é um emprego da mesma expressão com *lavar a alma* indicando **processo**.

Mas, analisando mais de perto os exemplos, nota-se que o **causativo** está presente na forma de complementos aparentemente circunstanciais – em (15) a *homenagem a Barbosa Lima Sobrinho* e em (16) os *discursos dos senadores* –, ou seja, esses exemplos podem ser considerados como uma reestruturação de frases como:

(17) *A homenagem a Barbosa Lima Sobrinho vai lavar nossa*  
*alma.*

- (18) *Os discursos dos senadores Pedro Simon e Jefferson Peres, na sessão do Senado de quinta-feira da semana passada, lavaram minha alma.*

Assim, guarda-se a coerência de uma unidade de classificação, posto que o significado da expressão *lavar a alma* é exatamente o mesmo em todos os exemplos acima<sup>16</sup>.

É interessante verificar que *lavar a alma* permite outros empregos, em forma participial, como:

- (19) *Saiu de lá com a alma lavada, sem nenhuma objeção comprometedora. VJ 26/04/95*
- (20) *Após um difícil começo de temporada, me sinto com a alma lavada. FSP 28/04/97*
- (21) *Mas basta um filme para que a alma das platéias se sinta lavada. FSP 11/05/97*

Já com a expressão *lavar a égua* isso não ocorre:

- (10.a) \* *O SBT teve a égua lavada na noite de segunda-feira.*

---

<sup>16</sup> Evidentemente, outros fenômenos de reestruturação (Guillet & Leclère, 1981) podem estar aqui envolvidos. Por exemplo, pode-se ter ainda o **causativo** em:

*Os senadores Pedro Simon e Jefferson Peres lavaram minha alma com seus discursos.*

Apesar do interesse que essas possibilidades apresentam, elas não serão discutidas nesta seção, pois o que interessa é somente demonstrar que a expressão *lavar a alma* permanece com sua estrutura bivalencial e não monovalencial como se poderia supor. Na seção seguinte, deveremos levar em conta todos esses fenômenos e em 3.4.2 mostraremos como lidamos com eles em nossa classificação.

(10.b) \* *O SBT se sentiu com a égua lavada na noite de segunda-feira.*

(10.c) \* *A égua do SBT foi lavada na noite de segunda-feira.*

Nota-se, portanto, que a estrutura valencial do verbo *lavar* está mais próxima de *lavar a alma* do que de *lavar a égua*. Assim, *lavar a égua* poderia ser considerada como mais opaca que *lavar a alma*. Ou seja, os traços semânticos de *lavar* estariam muito mais presentes em *lavar a alma*.

Assim, mesmo que *lavar a alma* pudesse ser considerada como fazendo parte da definição (1.2) de Borba et al. (1990), o mesmo não pode ocorrer com *lavar a égua*. Ou seja, essa é uma EC com regras sintáticas próprias e com uma estrutura valencial definida completamente diversa daquelas dos outros empregos do verbo *lavar*.

É bem verdade que nos concentramos na transparência das expressões tentando estabelecer uma ligação de seu significado com os significados de seus componentes, em especial do verbo que estaria em seu núcleo. De uma certa maneira, como já foi visto em 2.4, o caminho inverso foi feito por Lakoff (1986) ao partir de expressões com significados semelhantes para estudar a construção que lhes dá origem e estabelecer o percurso cognitivo que o falante/ouvinte estabeleceria para enunciar/interpretar a EC. No entanto, para os fins da taxonomia que apresentaremos adiante, esse percurso cognitivo pouco poderia ajudar. A única utilidade que ele teria seria se ele pudesse prever fenômenos semelhantes. Mas, como vimos com *lavar a alma* comparada a *\*lavar*

*o espírito*, o que parece é que a explicação do percurso cognitivo só consegue explicar os fenômenos *a posteriori*.

Desse modo, mesmo considerando uma relativa transparência de *lavar a alma*, deveremos considerá-la também como uma EC a parte inteira, uma vez que o complemento cristalizado não pode ser permutado por um substantivo semanticamente próximo como *espírito*.

### **3.2 Constituintes**

A partir das constatações sobre a transparência/opacidade e levando em conta a tipologia que apresentamos em 1.2.1, nos defrontamos com o seguinte problema: como segmentar os constituintes das EC ?

Nossa classificação se fundamenta na distribuição dos constituintes fixos e livres das EC. Mas, quando observamos as estruturas das EC, parece haver uma curiosa redefinição do que seja realmente um constituinte. Por exemplo, se tomarmos as seguintes ocorrências de EC construídas com o verbo *chutar*

- (1) (...) *o governador paulista Mário Covas chutou o balde e desistiu definitivamente de manter o Banespa sob controle do Estado.* FSP 27/08/96
- (2) *Minha esperança é que Lillian Witte Fibe chute o pau da barraca já no primeiro dia (...)* FSP 31/03/96

podemos notar alguns problemas para a classificação. Inicialmente, observamos que (1) e (2) são praticamente sinônimas. No entanto, superficialmente, as duas EC parecem ter estruturas diferentes. Uma teria a forma

$$N_0 V C_1$$

e a outra teria a forma

$$N_0 V C_1 \text{ Prep } C_2.$$

Apesar dessa diferença aparente de estrutura, tenderíamos a considerar *pau da barraca* como uma EC nominal dentro da EC verbal, ou seja, *chutar o pau da barraca* poderia ter como estrutura:

$$N_0 V C_1$$

onde

$$C_1 =: [\textit{pau da barraca}]$$

De fato, isso ocorre com uma série de expressões, como é o caso de

(3) *Ana viveu um conto de fadas.*

em que *conto de fadas* é claramente uma EC nominal. No entanto, ao nos depararmos com ocorrências como

(4) *O senador Jáder Barbalho (PA), líder do PMDB, chuta o pau de várias barracas com apenas duas frases. FSP 29/04/95*

notamos que pode haver um tipo de variação do determinante que não seria possível no interior da EC nominal em (3):

(3.a) \* *Ana viveu um conto de várias fadas.*

Notemos que este tipo de variação do determinante é possível entre o verbo e o complemento fixo

(3.b) *Ana já viveu vários contos de fadas*

e é relativamente freqüente nas EC (M.Gross, 1985). Em várias delas pode-se encontrar uma alternância entre um determinante definido, um possessivo, um numeral ordinal ou cardinal ou fracionário, ou ainda um adjetivo:

(3.c) *A estudante Juliana Moreira viveu seu conto de fadas em fevereiro. FSP 04/05/97*

(3.d) *Ana viveu três contos de fadas antes de se casar.*

(3.e) *Ana viveu seu primeiro conto de fadas quando completou 15 anos.*

(3.f) *Shirley viveu um verdadeiro conto de fadas. FSP 29/12/97*

Mas no caso de *chutar o pau da barraca*, como em (4), essa inserção deve ser efetuada necessariamente entre os dois complementos cristalizados *pau* e *barraca* :

(4.a) \* *Jáder chutou seu pau da barraca com duas frases*

(4.b) \* *Jáder chutou nosso pau da barraca com duas frases*

(4.c) \* *Jáder chutou aquele pau da barraca com duas frases*

(4.d) \* *Jáder chutou um verdadeiro pau da barraca com duas frases*

Dessa forma, torna-se necessário classificar *chutar o pau da barraca* como tendo a estrutura

$N_0 V C_1 Prep C_2$

onde

$C_1 =: pau$

$C_2 =: barraca$

para podermos anotar a variação do determinante de *barraca*, o que não seria possível se considerássemos *pau da barraca* como um componente cristalizado único. Já com a EC *viver um conto de fadas* deveremos considerar cristalização de seu componente nominal. Ou seja, a EC *viver um conto de fadas* deverá ter uma estrutura

$N_0 V C_1$

e deveremos considerar

$C_1 =: [conto de fadas]$

além de anotar a possibilidade de variação do determinante de *conto de fadas*.

Já no caso de *chutar o balde*, não se admite nenhuma variação de determinante:

(1.a) \* *Covas chutou vários baldes*

(1.b) \* *Covas chutou seus baldes*

- (1.c) \* *Covas chutou nossos baldes*
- (1.d) \* *Covas chutou o primeiro balde*
- (1.e) \* *Covas chutou um verdadeiro balde*

o que deverá ser anotado em sua classificação.

Assim, constatamos que as EC podem ter constituintes complexos que podem ser assimilados a constituintes simples – o que é o caso de *conto de fadas* – e que certos constituintes complexos que pareceriam assimiláveis a constituintes simples – como *pau da barraca* – devem ser decompostos em sua estrutura para que possamos descrever a possibilidade de variação (M.Gross, 1989, p.2-17). Tal decisão foi tomada a cada EC, de acordo com sua estrutura e variabilidade.

O outro caso de figura que temos seria o reverso da moeda. Em 3.1, considerávamos que na ocorrência

- (5) *Severino Cavalcanti (PPB-PE) lavou a alma da oposição. Ganhou a 2ª vice-presidência do governista Pauderney Avelino (PPB-AM) por 323 a 133. FSP 06/02/97*

o complemento *oposição* seria um argumento valencial de *lavar a alma* e não de *alma* embora anunciando que aquela consideração era provisória. De fato, se comparamos (5) com as seguintes ocorrências

- (6) *Em dois meses de campanha, nenhum político meteu o bedelho nos programas de televisão. FSP 27/07/97*

- (7) *Veja, por exemplo, o problema da dinheirama que azeita a engrenagem das campanhas eleitorais. FSP 20/06/94*

notamos que nelas o sujeito é livre, o primeiro complemento é fixo, e o segundo é livre. À primeira vista, elas poderiam ser consideradas como aparentadas.

Mas, olhando melhor, observamos que os fenômenos envolvidos podem ter natureza distinta. Com efeito, a melhor estrutura formal para a EC em (6) pode ser explicitada como:

$$N_0 V C_1 prep N_2$$

enquanto que nas ocorrências (5) e (7) a estrutura

$$N_0 V (C de N)_1$$

parece ser mais adequada. Ou seja, o grupo nominal em posição complemento seria constituído por uma parte fixa e outra parte livre.

Aparentemente isto apresentaria um problema para a própria noção de valência das EC: a casa a ser preenchida seria interna a um constituinte nominal que, por sua vez, estaria preenchendo a casa valencial de um verbo que, por sua vez, seria o centro estruturador da frase. Assim, a EC não funcionaria, como em nossa hipótese, como centro estruturador da frase.

A contradição é apenas aparente. Em realidade, a primeira constatação que fizemos sobre as EC verbais (cf. 1.1 e 1.2) consistia no fato de que **toda EC verbal se estrutura em torno de um verbo**. Quando assumimos uma postura claramente classificatória, o fizemos porque notamos que sem essa postura poderíamos tentar assimilar e colocar dentro de um mesmo saco

fenômenos de natureza distinta que nos levariam a nos afastar do rigor necessário, a nosso ver, para a descrição dos fatos lingüísticos. Assim, ao estabelecermos uma taxonomia das EC, o fazemos para tentar observar as possíveis regularidades das manifestações dos objetos estudados.

Portanto, para que exista uma certa coerência e homogeneidade na classificação, torna-se necessário criar classes que contemplem esses tipos de estrutura. Além disso, notamos uma certa regularidade em algumas dessas construções.

Com efeito, na ocorrência (5) o substantivo livre que complementa o argumento à direita do verbo deve ser um substantivo necessariamente **humano**:

(5.a) \* *Severino lavou a alma da cadeira*

(5.b) \* *Severino lavou a alma da liberdade*

Isso confere a este tipo de estrutura propriedades sintáticas peculiares, como a pronominalização do componente livre à direita do verbo:

(8) *Lavou-me a alma* o artigo 'A pior ditadura', do deputado  
*Cascione. FSP 31/01/97*

Poderíamos ser levados a pensar que existiria um certo número de EC que poderiam ter dois tipos de classificação, conforme a distribuição dos argumentos livres. Este é o caso da EC *encher os olhos* que pode tanto ter um sujeito causativo como em:

- (9) *Porque, ao mesmo tempo em que o show de uma dupla como a do Barcelona enche os olhos da gente e arranca até gargalhadas de satisfação (...) FSP 27/08/96*

um sujeito agentivo em:

- (10) *O estilista francês Christian Lacroix encheu os olhos do público de moda anteontem à noite, com seu desfile na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), (...). FSP 24/05/97*

quanto um sujeito experimentador, como em:

- (11) *Nesse domingo, enchi meus olhos com o caderno de Esporte da Folha. FSP 02/08/95*

De fato, em (9) e (10) o complemento fixo *olhos* pode ser considerado como uma **parte do corpo** (cf. 3.4.1) do N livre à direita do verbo, enquanto que em (11) seria uma **parte do corpo** de  $N_0$  (o sujeito sintático da frase). O que se dá aqui é um tipo de reestruturação (Guillet & Leclère, 1981). O que era parte do complemento em (9) e (10) passa a ser sujeito em (11). Esse tipo de reestruturação tem uma certa regularidade nas EC de estrutura

$N_0 V (C \text{ prep } N_{hum})_1$

em que, no argumento entre parênteses, C é uma **parte do corpo** ou uma **parte inalienável** – que notamos Npc – de um N humano (Nhum). De fato, das 157 EC que se enquadram nessa classe, cerca de 56 podem ser assim reestruturadas<sup>17</sup>.

Ora, ao se estabelecer uma classificação, o que se espera é justamente que cada emprego de EC seja representado em apenas uma classe, que representa uma determinada estrutura. As EC *lavar a alma e encher os olhos* podem apresentar estruturas diferentes, mas o que notamos é que todas são derivadas de uma mesma estrutura. Assim, temos

(10.a) *O estilista encheu os olhos do público com o desfile*

(10.b) *O desfile do estilista encheu os olhos do público*

(10.c) *O público encheu os olhos com o desfile do estilista*

No entanto, convém notar que nem todas as EC com estrutura

$N_0 V (C \text{ de } Nhum)_1$

podem ser reestruturadas dessa maneira. De fato, se tomamos a ocorrência:

(12) *Nhá Tuca(...) ouvia choro da patroa e aquilo lhe cortava o coração. CP – LR - GRO*

temos:

(12.a) *A patroa cortava o coração de Nhá Tuca com seu choro*

(12.b) *O choro da patroa cortava o coração de Nhá Tuca*

---

<sup>17</sup> A reestruturação será melhor tratada em 3.4.2

mas não podemos ter o sujeito experimentador:

(12.c) \* *Nhá Tuca cortava o coração*

Assim, torna-se necessário anotar nas entradas da classe as EC que podem sofrer a reestruturação e as que não podem. Assim, decidimos criar a classe PB-CDH com esta estrutura e com esta característica:

$N_0 V (C \text{ Prep } Nhum)_1$

em que a preposição *de* pode alternar com a preposição *a*:

(12.b) *O choro da patroa cortava o coração de Nhá Tuca*

(12.d) *O choro da patroa cortava o coração a Nhá Tuca*

em que C pode ser considerado como um Npc. Uma outra característica desta classe é o fato de o complemento Nhum livre poder ser pronominalizado como em (8) e (11).

Essas características diferenciam essa classe de uma outra, que denominamos PB-CDN, que contempla EC como a da ocorrência (7) cuja estrutura é também

$N_0 V (C \text{ de } N)_1$

mas cujo N livre à direita do verbo pode ser **não humano** (N-hum) e na qual não existe, em geral, a alternância da preposição *de* com a preposição *a*.

(13) *Sob essa nuvem, uma onda de fusões e aquisições de bancos sacode a poeira dos principais centros financeiros internacionais. FSP 20/11/95*

No entanto, nenhuma dessas duas classes dá conta de EC como as da ocorrência (6), que tem como estrutura:

$N_0 V C_1 prep N_2$ .

Para contemplá-la criamos a classe PB-C1PN. Nesta classe, encontram-se as EC que têm realmente dois complementos, sendo o primeiro direto e cristalizado e o segundo livre e introduzido por preposição. Menos homogênea que as precedentes, esta classe apresenta uma grande variedade de preposições e é inequívoca a existência de dois constituintes independentes à direita do verbo.

Ao tratarmos ainda das EC com um complemento cristalizado e outro livre, um dado curioso a respeito das EC com complemento livre direto e complemento cristalizado introduzido por preposição, como o das ocorrências:

- (14) *[Villela] mostra que não é necessário jogar o autor para escanteio para colocar no palco suas idéias. VJ 09/03/94*
- (15) *Na primeira administração de Bill Clinton (1993-96), o governo americano cozinhou o assunto em banho-maria. FSP 20/08/97*
- (16) *Na virada da década, quando o fim da corrida do ouro quase riscou Boa Vista do mapa, Serão atravessou seu ônibus para a Venezuela. VJ 19/07/95*

é o fato de as EC deste tipo apresentam sempre uma estrutura

$N_0 V N_1 prep C_2$

e que nenhuma delas apresenta uma estrutura do tipo

$N_0 V (N prep C)_1$

fato que não poderia ser previsto *a priori* pois nada poderia indicar inicialmente tal regularidade. Discutiremos na seção 4.2.4 a composição desta classe.

Notemos também que existem EC com a mesma forma e mais de um emprego e significado, o que nos leva por vezes a efetuar mais de uma entrada em uma mesma classe - como é o caso da EC *esticar as canelas* que pode tanto ter o significado de **fugir** (ação):

(17) *Antes que aquele convidado chato chegasse à nossa mesa, resolvemos esticar as canelas.*

quanto de **morrer** (processo):

(18) *Além disso, cortou gastos inúteis, como os telegramas oficiais enviados a autoridades do Estado: "Porque se derrubou a Bastilha - um telegrama; porque o deputado federal esticou as canelas - um telegrama". VJ 01/02/95*

Além disso, pode-se perceber que algumas EC que se encontram em uma determinada classe podem ter entradas parecidas em outras classes. Por exemplo, a EC *fechar as portas* pode ter entradas em classes. De fato, podemos ter três tipos de estrutura diferentes para esta EC:

$N_0 fechar as/poss^0 portas.$

*N<sub>0</sub> fechar as portas (a/para) N<sub>2</sub>.*

*N<sub>0</sub> fechar as portas de N<sub>2</sub> (a/para) N<sub>3</sub>*

Por sua vez, cada uma dessas estruturas pode ser desdobrada em duas outras conforme a natureza dos seus actantes. Assim, nas ocorrências:

(19) *O evento fecha suas portas domingo, com um público estimado em cerca de 370 mil visitantes. FSP 06/12/96*

(20) *Empresas menos competitivas serão absorvidas ou fecharão suas portas, o que poderá favorecer competidores como a Klabin. FSP 23/12/96*

(21) *A concentração do sistema bancário irá continuar. Sobrarão menos bancos, só que bem mais fortes. Os pequenos irão deixar de existir. Ou serão absorvidos, ou fecharão as portas por falta de competitividade. FSP 15/12/96*

temos uma estrutura:

*N<sub>0</sub> [-ativo +afetado] fechar (as/poss<sup>0</sup>) portas*

enquanto que em:

(22) *Já os palestinos dizem que Israel está fechando as portas à paz e incentivando a violência ao construir 6.500 casas num assentamento em Jerusalém oriental, área reivindicada pelos árabes. FSP 26/03/97*

a estrutura é:

*N<sub>0</sub>hum [+ativo] fechar as portas a/para N<sub>2</sub>-hum(=:Nabstrato)*

Já em :

(23) *Da mesma forma que os Mamonas abriram um pseudo-espaço, eles fecharam as portas para bandas que façam besteiro. FSP 26/10/96*

a estrutura é

*N<sub>0</sub> [-ativo +causativo] fechar as portas a/para N<sub>2</sub>hum*

e em:

(24) *Mas nunca tantas cidades na França tentaram resolver o problema da pobreza fechando suas portas para os mendigos como no verão de 1996. FSP 15/09/96*

temos a estrutura:

*N<sub>0</sub>hum [+ativo] fechar Poss<sup>0</sup> portas a/para N<sub>2</sub>hum*

Notemos que a distinção entre um sujeito [+ativo] ou [-ativo] pode determinar uma nuance de significado da EC. Esse é o caso das ocorrências (23) e (24) acima, assim como na ocorrências:

(25) *O desempenho dos atletas, considerado fraco pelo técnico, praticamente fechou as portas da seleção para eles. FSP 28/12/96*

- (26) *Com Sarney e Maluf virtualmente afastados da sucessão presidencial de 98, só falta para FHC fechar as portas de um grande partido a Itamar. FSP 13/04/97*

temos praticamente a mesma estrutura

*N<sub>0</sub> fechar (as portas de N)<sub>1</sub> a/para N<sub>2</sub>.*

Mas se em (25) o significado é algo próximo de **excluir**, em (26) a EC parece ter um significado mais próximo de **impedir**. Isso se deve ao traço [-ativo] que caracteriza o sujeito sintático da EC (25) e ao traço [+ativo] do sujeito da EC em (26). Além disso, com os mesmos componentes cristalizados mas em posição sintática distinta – com *porta(s)* em posição sujeito, temos ainda EC como as das ocorrências:

- (27) *O presidente do Flamengo, Kléber Leite, disse ontem que "as portas do clube não se fecharam para Romário". FSP 13/09/96*

com uma estrutura

*(As portas de N)<sub>0</sub> se fechar para N<sub>1</sub>*

e ainda

- (28) *No momento em que as portas se fecham para o Brasil (...) é fundamental que o presidente Fernando Henrique Cardoso, (...), faça um vigoroso discurso em favor da reforma econômica FSP 18/04/95*

com uma estrutura:

*As portas se fechar para  $N_1$*

Mesmo que, conforme dissemos em 1.2.2, as EC com sujeito fixo – como as das ocorrências (27) e (28) – não sejam estudadas na presente tese, é interessante notar a existência de EC "aparentadas" como as desses exemplos.

Pode-se pensar, à primeira vista, que alguns destes exemplos de *fechar as portas* deveriam ser considerados como reestruturações de outros. No entanto, quando examinamos cada uma das ocorrências, notamos que as diferentes estruturas são, em realidade, empregos distintos de uma mesma EC. Parece-nos claro portanto que cada um deles deva ser classificado em uma tábua específica. Daí, poderíamos pensar que empregos com características diferentes poderiam ter, em cada tábua, entradas distintas. No entanto, parece-nos demasiado estabelecer entradas diferentes para casos como os das ocorrências (22), (23) e (24), principalmente porque não se trata aqui de uma diferença tão clara entre esses empregos de EC como no caso de *esticar as canelas*. É mais econômico, a nosso ver, introduzir nas tábuas uma possibilidade de fazer a diferença entre esses diferentes empregos quando o caso se configurar apenas como uma distinção entre um emprego [+ativo] ou [+afetado] e tal distinção não causar um efeito distintivo tão forte como no caso de *esticar as canelas*. Assim, introduzimos nas tábuas uma marcação dessas propriedades. Veremos a seguir, ao explicitarmos a constituição geral das tábuas como isso é feito.

### 3.3 Classes e valências

No primeiro capítulo delimitamos nosso objeto de trabalho: as EC que possuam ao menos a casa do sujeito a ser preenchida, ou seja, com valência maior ou igual a um. Nas seções anteriores examinamos a gradação que vai da transparência à opacidade das EC à luz de uma explicação valencial e explicitamos a estrutura dos constituintes das EC. Podemos assim estabelecer a taxonomia das expressões.

Nossa taxonomia é baseada em tábuas semelhantes às do Léxico-Gramática. Para cada classe de EC apresentamos uma tábua diferente, que leva o nome da classe. Temos dez classes:

**Tabela 1 – Relação das tábuas, com respectivas estruturas e efetivos.**

Tábua	Estrutura		efetivo
PB-C1	$N_0V C_1$	Rui <u>bateu as botas</u>	1206
PB-CP1	$N_0V Prep C_1$	Rui <u>entrou pelo cano</u>	660
PB-CDH	$N_0V (C \text{ de } Nhum)_1$	O filme <u>encheu o saco</u> de Rui	157
PB-CDN	$N_0V (C \text{ de } N)_1$	A notícia <u>acendeu o pavio</u> da crise	100
PB-C1PN	$N_0V C_1 Prep N$	Ana <u>arrasta uma asa</u> por Rui	321
PB-CP1PN	$N_0V Prep C_1 Prep N$	Rui <u>pisou no calo</u> de Ana	127
PB-CNP2	$N_0V N Prep C_2$	Rui <u>colocou Ana</u> para escanteio	341
PB-C1P2	$N_0V C_1 Prep C_2$	O governo <u>pôs as cartas</u> na mesa	423
PB-CPP	$N_0V Prep C_1 Prep C_2$	Rui <u>mudou da água</u> para o vinho	90
PB-C1P2PN	$N_0V Prep C_1 Prep (C \text{ de } N)_2$	Rui <u>pôs lenha</u> na fogueira da CPI	124

Nas tábuas, são contempladas as propriedades observadas nas EC de forma econômica e clara. Sua organização é matricial e se dá da seguinte forma:

- nas linhas das tábuas encontram-se as expressões;
- nas colunas suas propriedades;
- as colunas que se encontram à esquerda da expressão são aquelas que dizem respeito à natureza do sujeito ou ainda,

quando for o caso, da obrigatoriedade de uma negação ou aparecimento de um pronome reflexivo;

- d) as propriedades referentes ao complemento fixo ou ainda aos possíveis complementos livres e ainda outras propriedades, como a possibilidade de apassivação encontram-se nas colunas à direita;
- e) mais à direita encontram-se, em todas as tábuas, quatro colunas que dizem respeito à natureza semântica da EC, classificadas em: **ação**, **ação-processo**, **processo** e **estativas**;
- f) as propriedades são marcadas com um sinal positivo (" + ") quando se verificarem, ou negativo (" - ") quando não se verificarem para cada expressão.

N0=:Nhum	N0=:N-hum	Neg. obrigatoria	V	N0V	DET- obrigat.	DET opcional	C1	Modificador	C1=Nplural	C1=:Npc	Com N	Apassivação	ação	ação-processo	processo	estativo
+	-	-	<abotoar>	-	o		paletó	-	-	-	-	-	-	-	+	-
+	-	-	<abrir>	-	o	um	berreiro	+	-	-	-	-	+	-	-	-
+	-	-	<bater>	-	<a>		<bota>	-	+	-	-	-	-	-	+	-
+	-	-	<salvar>	-	os	poss0	anéis	-	+	-	+	+	+	-	+	-
+	-	-	<fechar>	-	as	poss0	portas	-	+	-	-	+	+	+	+	-
+	-	-	<perder>	-	a		cabeça	-	-	+	-	-	-	-	+	-
+	-	-	<entregar>	-	os		pontos	-	+	-	-	-	-	-	+	-
+	-	+	<mandar>	-			<recado>	-	+	-	-	-	-	-	+	+
+	+	+	<valer>	-	um		tostão	-	-	-	-	-	-	-	-	+
+	-	-	<sacudir>	-	o		esqueleto	-	-	+	-	-	+	-	-	-
-	+	-	<tomar>	-		um	vulto	+	-	-	-	-	-	-	+	-

Figura 1 – Fragmento da tábua PB-C1. Expressões com a forma N<sub>0</sub>VC<sub>1</sub>

Por exemplo, no fragmento da tábua PB-C1 apresentado na figura 1 pode-se notar que:

- a) as palavras que admitem algum tipo de flexão encontram-se entre os sinais "<" e ">"; isso ocorre com os verbos e com alguns dos complementos cristalizados, como é o caso da EC *bater a bota*, que pode ter o complemento fixo tanto no plural como no singular; nesse caso, a coluna **C<sub>1</sub>=Nplural** está marcada com um " + ";
- b) a EC *salvar os anéis* tem o complemento fixo obrigatoriamente na forma plural, assim, a entrada é feita no plural e a coluna **C<sub>1</sub>=Nplural** está marcada com um " + "; já a EC *abotoar o paletó* tem o complemento fixo obrigatoriamente na forma singular; a entrada é feita no singular e a coluna **C<sub>1</sub>=Nplural** está marcada com um " - ";
- c) as EC *abotoar o paletó*, *abrir o berreiro*, *bater a bota*, *perder a cabeça* e *sacudir o esqueleto* só podem ter um sujeito humano, enquanto que a EC *tomar vulto* só pode ter um sujeito não-humano;
- d) das EC apresentadas nesse fragmento de tábua, apenas *salvar os anéis* pode aparecer na forma passiva, como está marcado com um " + " na coluna **Apassivação**;
- e) os complementos fixos das EC *abrir o berreiro* e *tomar vulto* podem apresentar modificadores, o que está marcado com um " + " na coluna **Modif**;

- f) apenas a EC *salvar os anéis* pode apresentar um argumento "instrumental", marcado com um " + " na coluna **Com N**, que pode ser alçado à posição de sujeito (cf. 3.4.2).

Trataremos a seguir das propriedades sintáticas e das propriedades semânticas explicitadas nas tábuas para, na seqüência, estabelecermos inicialmente as diferentes classes, segundo o tipo de expressão e, enfim, apresentarmos cada classe em particular.

### **3.4 Propriedades sintáticas**

Podemos notar neste estudo uma série de propriedades sintáticas de natureza distribucional e outras de natureza transformacional. As propriedades distribucionais dizem respeito à natureza dos componentes que preenchem as casas livres de cada EC. As propriedades transformacionais são aquelas que dizem respeito à possibilidade de transformação, ou seja, à possibilidade de apagamento de constituintes – livres ou cristalizados – das EC, a apassivação, a pronominalização de constituintes das EC. Todas propriedades são anotadas nas colunas de cada tábua.

#### **3.4.1 Propriedades distribucionais lexicais**

Como propriedades distribucionais, temos o tipo de distribuição dos constituintes, sejam eles livres ou fixos. Assim, temos as seguintes colunas, como propriedades distribucionais:

a)  $N_i (i=0,1,2,3) =: N_{hum}$

Nhum é definido como um substantivo ou grupo nominal **humano**. Um substantivo pode ser considerado como **humano** se ele responde a um dos seguintes critérios: a) corresponde um nome de uma pessoa; b) pode ser substituído pelo pronome *alguém* ou por um pronome pessoal de primeira ou de segunda pessoa; c) pode responder a uma pergunta formulada com o pronome *quem*. Podem se enquadrar nessa definição tanto nomes próprios humanos:

- (1) *Gugu revela à Revista da Folha que pretende montar sua rede nacional de televisão. Já está até mexendo os pauzinhos em Brasília. FSP 03/09/95*

quanto substantivos que designam um coletivo humano:

- (2) *A defesa do Palmeiras retribuiu a gentileza do Vasco. FSP 21/08/96*
- (3) *A população brasileira ainda não se deu conta de como as nossas elites mexeram os seus pauzinhos para que as eleições do próximo ano sejam um jogo de cartas marcadas. FSP 09/11/97*

ou ainda nomes de países, instituições, empresas:

- (4) *A Alemanha está mexendo os pauzinhos para transferir a sede da ONU de Nova York para Bonn. VEJA 10.Jun.92*

- (5) *Mas os outros países também estão mexendo os seus pauzinhos. FSP 23/05/94*
- (6) *O PT preferiu cair em uma armadilha eleitoral a criar um conflito interno explosivo. FSP 11/07/96*
- (7) *A Arisco, que continua atirando forte para todos os lados, vai importar tecnologia do Oriente para produzir aqui seu próprio macarrão instantâneo. FSP 22/08/96*

ou até obras humanas:

- (8) *Aparentemente, também, o filme australiano não cai em armadilha fácil de propostas congêneres. FSP 29/11/96*

Preferimos esta classificação àquela que se faz em geral de **animado** pelo fato de, a nosso ver, a especificidade de **humano** (Borba, 1996, p.159-161) ser mais adequada para caracterizar os argumentos tanto de verbos quanto das EC. Em realidade, o que notamos é que são poucos os casos em que um grupo nominal em posição argumento se refere a um ser **animado** que não seja humano. De fato, o caso mais comum é o de grupos nominais que podem se referir a **humano** e que não podem se referir a um ser **animado** que não seja humano. Assim, se podemos encontrar tanto um Nhum quanto um N[+animado] em:

- (9) *O rapaz pegou no sono e os animais se soltaram.*  
VJ 30/11/94

- (10) *O vento sossegara e a bicharada tinha pegado outra vez no sono. CP-LR-V*

isso se torna mais difícil com outras EC:

- (11.a) *Netanyahu está brincando com fogo FSP 01/04/97*
- (11.b) \* *O cavalo do mocinho está brincando com fogo*
- (12.a) *FHC perdeu as estribeiras por causa da reforma administrativa. FSP 20/10/95*
- (12.b) \* *O inseto perdeu as estribeiras*
- (13.a) *"Marte Ataca!" (...) é violento a ponto de embrulhar o estômago de adultos e fazer as crianças delirarem. FSP 10/02/97*
- (13.b) \* *O filme embrulhava o estômago do gado*

que só admitem um Nhum em posição argumental sujeito em (11) e (12), e em posição argumental complemento em (13).

**b)  $N_i$  (i= 0,1,2,3) =: N-hum**

N-hum é definido como um substantivo obrigatoriamente **não-humano**. Esse substantivo tanto pode ser um substantivo concreto como abstrato. Em realidade, basta-nos como critério que esse substantivo possa ser substituído pelo pronome *algo* e que não possa ser substituído pelo pronome *alguém*:

(14.a) *Decerto me fizeram a cama, a minha triste caveira, e a volante ainda vai querer botar a coisa em pratos limpos. CP-LR - OSD*

(14.b) \* *A volante vai querer botar Rui em pratos limpos.*

(14.c) *A volante ainda vai querer botar algo em pratos limpos.*

(14.d) \* *A volante ainda vai querer botar alguém em pratos limpos.*

É necessário ainda notar que certos grupos nominais mais complexos podem tanto funcionar como **Nhum** quanto como **N-hum**. Assim, com o grupo nominal *CPI dos Precatórios*<sup>18</sup> podemos tanto ter um emprego como **Nhum**:

(15.a) *A CPI dos Precatórios começou a fechar o cerco sobre Fausto Solano Pereira. FSP 25/04/97*

ou como **N-hum**:

(16.a) *A CPI dos Precatórios acabou em pizza. FSP 29/07/97*

Para tais casos o teste da substituição do grupo nominal por *alguém e/ou algo* :

(15.b) *Alguém fechou o cerco sobre Fausto*

(15.c) \* *Algo fechou o cerco sobre Fausto*

(16.b) \* *Alguém acabou em pizza.*

---

<sup>18</sup> Evidentemente estão aqui envolvidos diversos processos de elipse e metonímia que fazem com que um grupo nominal como esse possa ser considerado como **Nhum**.

(16.c) *Algo acabou em pizza.*

acaba sendo o teste definitivo para a distinção entre **Nhum** e **N-hum**.

c)  $N_0 =: Nnr$

Nnr é definido como um substantivo que não tem nenhum tipo de restrição, assim como o que é definido por M.Gross (1975, p.50-52) e Boons, Guillet & Leclère (1976, p.171). Pode tanto ser um **humano**

(17) *Eu enchi o saco do meu pai para me levar e acabei saindo do cinema tonto. FSP 22/10/95*

como um não-humano

(18) *Foi num desses congestionamentos que estão enchendo o saco dos cariocas. FSP 13/12/95*

ou ainda uma frase

(19) *Encheu o saco ver objetos e paisagens patéticos construídos por computador. VJ 11/01/95*

Com essa propriedade, marcamos, em realidade, a ausência de obrigatoriedade de restrição para posição sujeito de algumas EC.

d)  $C_{i(i=1,2,3)} =: Npc$

Npc é definido como uma **parte do corpo, inalienável**, de um Nhum. Julgamos útil apresentar essa coluna em algumas tábuas devido ao número relativamente elevado de elementos cristalizados que designam **parte do corpo**:

(21) *Na prorrogação, o técnico Carlos Alberto Silva perdeu a cabeça, deixou o espaço reservado para os técnicos e bateu boca com um gandula. FSP 07/08/95*

(22) *As gargalhadas satânicas do dr. Sanada, na história sobre os seres abissais, gelavam-me o sangue. FSP 08/03/96*

Nos comentários de algumas tábuas veremos a correlação que esta propriedade apresenta com o determinante definido.

e)  $C_i (i=1,2,3) =: N_{\text{plural}}$

Marcamos como Nplural as EC nas quais um elemento lexical cristalizado nominal aparece obrigatoriamente no plural:

(23.a) *A instituição está esquentando as turbinas para triplicar sua rede de 19 agências no país e, assim, assumir de vez sua vocação para o "consumer banking" (banco de massa). FSP 21/10/95*

(23.b) \* *A instituição está esquentando a turbina para triplicar...*

ou cujo elemento cristalizado nominal possa aparecer no plural:

(24) *Quem imagina crescer dependendo do guarda-chuva oficial pode pendurar as chuteiras. Esse tempo já passou. FSP 12/08/95*

(25) *Eu, como cidadão comum e prestes a pendurar a chuteira, falo de coração. FSP 07/01/95*

É importante frisar que as propriedades *Nhum*, *N-hum* e *Nnr* dizem sempre respeito aos constituintes livres das EC, enquanto que *Npc* e *Nplural* são sempre anotados em função de um elemento cristalizado das EC.

**f) Modificador**

Nesta coluna é indicada a possibilidade de um modificador atuar junto ao elemento cristalizado da EC:

(26) *Vamos ver se eles agüentam o tranco, quando as pesquisas aumentarem muito. FSP 19/02/97*

(27) *Hoje, dada a grande quantidade de reservas, o governo tem condições em alguma medida de agüentar o tranco inflacionário resultante de uma desvalorização. FSP 26/11/95*

No entanto, convém distinguir o caso acima daquele das EC que possuem modificador obrigatório como parte da estrutura:

(28.a) *É um absurdo o PT lavar roupa suja sobre as causas das derrotas eleitorais. FSP 21/11/96*

(28.b) \* *O PT lava roupa sobre as causas das derrotas eleitorais*

Com efeito, em (28.a) temos uma estrutura :

$N_0 V C_1$

na qual :

$C_1 = :$  [roupa suja]

ou seja, o modificador *suja* faz parte do componente nominal cristalizado.

Convém lembrar que boa parte das EC não aceitam modificadores junto aos elementos cristalizados:

(30) \* *Rui chutou o balde horrível*

Nos comentários das tábuas examinaremos as possibilidades e condições de realização do modificador nas EC.

### 3.4.2 Reestruturações

Além das propriedades distribucionais lexicais, achamos útil também anotar nas tábuas algumas propriedades que dizem respeito à reestruturação de constituintes. Já falamos brevemente a respeito em 3.2. quando tratamos de frases como:

(1.a) *A criança cortava o coração de Ana com (o/seu) choro*

(1.b) *O choro da criança cortava o coração de Ana*

(1.c) \* *Ana cortava o coração com choro da criança*

ou como:

(2.a) *O desfile do estilista encheu os olhos do público*

(2.b) *O estilista encheu os olhos do público com seu desfile*

(2.c) *O público encheu os olhos com o desfile do estilista*

(2.d) *O público encheu os olhos*

A observação dessas operações nos levou à necessidade de anotar as possibilidades de reestruturação para cada EC. Trata-se de duas operações, marcadas em duas colunas diferentes, nas tábuas em que elas são significativas.

a) *Com N*

Estabelecemos esta coluna para anotar a possibilidade de um complemento semelhante ao que Borba (1996, p.54) chama de **instrumental** aparecer em posição de sujeito. Aparentemente, isso nos levaria o estabelecer, diferentemente de Guillet & Leclère (1981), que a frase de base seria da forma:

$N_0 V (C \text{ de } N_{hum})_1 \text{ com } N_2$

em que o  $N_2$  poderia ser alçado à posição de sujeito. Em realidade, o que notamos – e que confirmaria as observações de Guillet & Leclère (1981) – é que existe nas frases com essa estrutura uma relação de dependência do  $N_2$  em relação ao  $N_0$ . Ou seja, nos exemplos (1.a) e (1.b) a relação entre *choro* e *criança* é claramente uma relação de dependência. Assim, se considerarmos

*O choro da criança*

como um grupo nominal de forma

$(N_a \text{ de } N_b)$

notaremos que a frase

(1.b) *O choro da criança cortava o coração de Ana*

tem como estrutura:

$(N_a \text{ de } N_b)_0 V (C \text{ de } N_{hum})_1$

que se reestrutura

*Nb V (C de Nhum) com Na*

Já se considerássemos como forma de base a frase

(1.a) *A criança cortava o coração de Ana com o choro*

não poderíamos recuperar essa informação de dependência, que pode ser demonstrada por:

(1.d) \* *A criança cortava o coração de Ana com o choro dos pais*

Assim, na coluna *Com N*, marcamos a possibilidade dessa reestruturação.

b) *N<sub>2</sub> V C<sub>1</sub>*

Já para o caso de frases como:

(2.a) *O desfile do estilista encheu os olhos do público*

notamos que em uma estrutura

*(Na de Nb)<sub>0</sub> V (C de Nhum)<sub>1</sub>*

podemos ter duas reestruturações. Uma é a mesma que no exemplo precedente:

*Nb V (C de Nhum)<sub>1</sub> com Na*

Mas a outra apresenta uma estrutura diferente:

*Nhum V C com (Na de Nb)*

que pode também ocorrer, como em (2.d), com o apagamento do argumento *com (Na de Nb)*:

*Nhum V C*

Nos tábuas em que tal propriedade ocorre, apresentamos a coluna  $N_2 V C_1$  indicando a possibilidade dessa reestruturação.

c)  $(N_0 e N_2) V C_1$  ou  $(N_0 e N_2) V Prep C_1$

Esta é uma propriedade que aparece em algumas tábuas e que permite explicitar o que Borba (1996, p.31) denomina *comitativo* e que Boons, Guillet & Leclère (1976, p.207) chamam de *interpretação simétrica*. Assim, podemos colocar em relação frases como:

(3) *Agora que acertou os ponteiros com a ex, a estonteante (...)*  
*Mônica Santoro, Romário está demonstrando ser um*  
*profissional de primeira linha, motivadíssimo. FSP 05/04/95*

(4) *O diretor Mike Ockrent, o produtor James Freyberg e a*  
*coreógrafa Susan Stroman estão acertando os ponteiros para*  
*a realização de uma versão musical do filme "Big - Quero*  
*Ser Grande". FSP 06/05/94*

Em outras palavras, uma frase com estrutura:

$N_0 V C_1$  com  $N_2$

(5.a) *Ana acertou os ponteiros com Rui*

pode ser reestruturada em:

$N_2 V C_1 N_0$

(5.b) *Rui acertaram os ponteiros com Ana*

ou ainda:

$(N_0 \text{ e } N_2) \vee C_1$

(5.b) *Ana e Rui acertaram os ponteiros*

Isso nos leva a distinguir empregos diferentes de certas EC, como é o caso de *acertar as contas*. De fato, temos para esta EC pelo menos dois empregos diferentes. Um primeiro, que aceita o comitativo:

(6.a) *A empresa piauiense (...) deverá acertar suas contas com a Eletrobrás na próxima semana. FSP 09/11/95*

(6.b) *A empresa piauiense e a Eletrobrás deverão acertar suas contas na próxima semana*

(7.a) *A última coisa que meu marido me disse, antes de desaparecer, foi que ia acertar as contas com o Ricardo. FSP 03/06/95*

(7.b) *A última coisa que meu marido me disse, antes de desaparecer, foi que ele e Ricardo iam acertar as contas*

e outro que não aceita esse comitativo

(8.a) *Nesta obra, Kierkegaard acerta as contas com a ironia romântica e com a forma descompromissada de os românticos brincarem com a ilusão. FSP 10/08/95*

(8.b) \* *Nesta obra, Kierkegaard e a ironia romântica acertam as contas.*

Verificamos que essa interdição do comitativo é decorrente da natureza dos argumentos. Assim, em (6.a) e (7.a) o comitativo é possível por causa da mesma natureza de  $N_0$  e  $N_2$  – ambos são Nhum – enquanto que em (8.a) e (8.b)  $N_0$  e  $N_2$  são de natureza distinta – o primeiro é um Nhum e o segundo um N abstrato, como observam Boons, Guillet & Leclère (1976, p.208). No entanto, mesmo com argumentos  $N_0$  e  $N_2$  de mesma natureza, existem alguns empregos nos quais o comitativo parece inadequado:

(9.a) *Caso contrário, restará aos servidores (...) acertarem as contas com esses insensíveis deputados, nas urnas, no próximo ano. FSP 03/11/97*

(9.b) ??? *Servidores e deputados acertarão as contas nas urnas.*

A explicitação dessa propriedade nas tábuas em que for pertinente permite que se distinga os diferentes empregos de EC: o que vemos nos exemplos acima é que *acertar as contas* tem uma acepção que vai de algo semelhante a **chegar a um entendimento até punir**.

### 3.4.3 Apassivação

Nas tábuas em que se mostrou pertinente, colocamos uma coluna para demonstrar a possibilidade da EC aparecer na forma passiva. Isso é necessário porque, mesmo se uma boa parte das EC não admite uma forma apassivada:

- (1.a) *Agora, o PT vai dobrar a língua antes de condenar os outros sem dar chances de defesa. FSP 14/07/94*
- (1.b) \* *Agora, a língua vai ser dobrada pelo PT antes de condenar os outros.*
- (1.c) \* *Agora, a língua do PT vai ser dobrada antes de condenar os outros.*
- (2.a) *É verdade que os fãs tendem a comparecer mais à medida que a competição ganha relevo. FSP 12/01/97*
- (2.b) \* *É verdade que os fãs tendem a comparecer mais à medida que relevo é ganho pela competição*

não é raro encontrar ocorrências de empregos de EC na voz passiva:

- (3) *Em 93, a empresa atingiu o fundo do poço, com o processamento de apenas 300 mil metros de filmes por mês. FSP 23/12/96*
- (4) *Empresas se reorganizaram, foram vendidas ou quebraram e o fundo do poço já foi atingido. FSP 01/10/95*

Além disso, existem várias EC para as quais a forma passiva parece ser bastante aceitável mesmo que não tenhamos encontrado delas nenhuma ocorrência:

(5.a) *Na Ásia, até o início dos anos 90, não havia Aids, e, hoje, as drogas e a prostituição abriram as comportas para a passagem do HIV. FSP 29/11/96*

(5.b) *Na Ásia, as comportas para a passagem do HIV foram abertas pelas drogas e pela prostituição.*

Parece-nos também necessário notar que certas EC podem dar origem a outras através da forma passiva. Um exemplo disso é a EC *perder terreno* que parece ser inaceitável na forma passiva

(6.a) *O rock nacional perdeu terreno para bandas americanas e para Michael Jackson. FSP 23/06/97*

(6.b) \* *O terreno do rock nacional foi perdido para bandas americanas e para Michael Jackson*

(6cb) \* *O terreno foi perdido pelo rock nacional para bandas americanas e para Michael Jackson*

(7.a) *Ora, o Brasil deste final de século está perdendo terreno nas duas frentes de batalha. FSP 07/02/97*

(7.b) \* *O terreno está sendo perdido pelo Brasil deste final de século nas duas frentes de batalha.*

para a qual, entretanto, encontramos ocorrências aparentemente apassivadas que são, em realidade, componentes de uma outra EC:

- (8.a) *As indústrias fabricantes de carpete têxtil preparam, a partir deste mês, uma ofensiva para recuperar o terreno perdido. FSP 05/05/97*

Assim, marcamos com um "+" na coluna *Passiva* a existência da possibilidade de apassivação das EC – como *atingir o fundo do poço* ou *abrir as comportas* –, e com um "-" a impossibilidade de apassivação, como em *dobrar a língua*, *ganhar relevo* ou *perder terreno*.

#### **3.4.4 Negação obrigatória**

Uma propriedade que apresentamos em todas as tábuas é a obrigatoriedade, para certas EC, da negação. De fato, existem EC que só admitem uma forma negativa:

- (1.a) *Mesmo com todo o sucesso, "Tootsie" não chega aos pés dos melhores filmes do diretor que, no mais, também não tem nada de gênio. FSP 26/12/95*

- (1.b) \* *"Tootsie" chega aos pés dos melhores filmes do diretor.*

Pareceu-nos necessário explicitar essa propriedade pois essa forma negativa não é necessariamente expressa pela presença de *não* na estrutura da EC, podendo assumir várias formas.

Com efeito, a negação pode estar na estrutura da frase, ligada ao verbo da EC, com *jamais*, *nada*, *nem*, *nunca*, *sequer*

(2) *Com essas escassas façanhas, o futebol colombiano jamais chegou aos pés nem das grandes (Brasil, Argentina e Uruguai) nem das médias seleções sul-americanas (Paraguai, Chile e Peru). VJ 27/04/94*

(3) *Beavis e Butt-Head (...) são dois dos maiores idiotas já inventados. Rosencrantz e Guildenstern, os espiões atrapalhados de "Hamlet"; os cretinos de Flaubert, Bouvard e Pécuchet - nada chega aos pés deles. FSP 26/12/96*

(4) *Gertrude não é a maior criadora literária do século, comparável ao maior cientista do século, nem chega aos pés de Shakespeare, por mais que a sua anedótica megalomania a tenha induzido ao disparate dessas comparações. FSP 21/07/96*

(5) *Nesse ritmo, Sampa nunca chegará aos pés do Carnaval carioca. FSP 05/02/97*

(6) *A esperteza de Ana sequer chega aos pés da maldade de Rui*

ou ainda ser parte integrante do sujeito (retomando anaforicamente um elemento de uma frase anterior):

(7) *Inicialmente, várias bandas tentaram seguir os passos do grupo. Nenhuma conseguiu chegar aos pés da vendagem do conjunto de Guarulhos. FSP 01/03/97*

(8) *Mas o martírio de nenhum deles chega aos pés da cruz que o Flamengo anda carregando. FSP 23/10/95*

(9) *A princesa Margareth, irmã da atual rainha, fez poucas e boas no seu devido tempo. Mas nada que chegasse aos pés do sobrinho Charles, que há muito está no olho de um furacão. FSP 21/10/94*

ou de outro elemento constitutivo da frase:

(10) *Não que o casal Hunter-Hurt chegue aos pés do charme e da graça dos reis da comédia romântica, o par Katherine Hepburn-Spencer Tracy. FSP 07/10/95*

Em certos casos pode acontecer de não haver nenhum elemento claramente negativo aparecer explicitamente na frase, mas, ainda assim, existe um tipo de negação que chamamos de ideológica que se exprime por algum elemento lexical, como o verbo *duvidar* em:

(11) *Podem pesquisar nos livros – duvido que encontrem exemplo que chegue a seus pés. FSP 02/10/94*

ou ainda pelo sentido geral da frase:

(12) *Quando pintarem bandas que cheguem aos pés de Buzzcocks, Siouxsie, Pistols e Bauhaus, as coisas vão mudar. FSP 11/04/94*

- (13) *Apesar da pretensão de sua gravadora, para chegar aos pés de Louis Armstrong, Jones ainda tem décadas de estrada pela frente. FSP 21/10/95*

Pareceu-nos também necessário marcar nessa coluna casos de EC cujo sentido na forma negativa é distinto daquele da forma sem a negação. Assim, as formas afirmativa e negativa de uma EC como *morrer de amores* têm sentidos distintos, isto é, a forma negativa não é necessariamente a negação da forma afirmativa. Assim, se examinarmos as seguintes ocorrências

- (14) *A câmera limita-se inicialmente a acompanhar a personagem, garota ingênua e sonhadora que morre de amores por Duda, um amigo de infância. FSP 09/01/95*
- (15) *E, surpresa, ela [Fernanda de Abreu] não se deprime, morre de amores pelo povo bamba, e diz: quem foi que disse que miséria não sorri?*
- (16) *Nos anos 80, todas as mulheres do mundo morriam de amores por aquele tipo abjeto, o yuppie, que também era supostamente careta, mas não era nada confiável. FSP 09/06/96*
- (17) *Maluf não morre de amores pelo presidente pefelista desde que ele fez seu partido apoiar FHC e não ele, em 94. FSP 06/02/96*

(18) *Seu chefe imediato, Tasso Jereissati, não é nenhum troglodita político, mas tampouco morre de amores pelos métodos do MST. FSP 13/06/97*

(19) *Como a maioria dos jornalistas, não morro de amores pela PM. FSP 28/11/97*

notamos que o sentido de *morrer de amores* está bem próximo de **gostar de** ou **apaixonar-se por**, enquanto que *não morrer de amores* tem um sentido mais próximo de **ter restrições a**. Assim, ao criarmos duas entradas distintas, o que fazemos é diferenciar as duas EC.

Evidentemente, nos casos de uma EC cuja forma negativa nada mais é do que a negação da forma afirmativa, sem nenhuma nuance de sentido, essa coluna não é marcada.

#### **3.4.5 Pronome reflexivo**

Em algumas tábuas colocamos uma coluna explicitando a possibilidade do pronome reflexivo. De fato, existem EC que devem ter necessariamente esse pronome em sua estrutura:

(1.a) *Desde que sua nomeação foi anunciada, Serra fechou-se em copas. VJ 21/12/94*

(1.b) ??? *Serra fechou em copas*

É interessante notar que esta propriedade encontra-se apenas nas tábuas em que o complemento cristalizado é introduzido por preposição.

### 3.5 Propriedades semânticas

Em todas as tábuas apresentamos sempre as mesmas propriedades semânticas referentes à função semântica da frase que contém a EC. Essas propriedades são adaptadas de Borba (1996, p.19-83) e são as colunas

**ação**

**ação-processo**

**processo**

**estativo**

No que diz respeito ao sujeito, inicialmente havíamos pensado em introduzir três colunas:

**N<sub>0</sub> ativo**

**N<sub>0</sub> causativo**

**N<sub>0</sub> afetado**

em que **N<sub>0</sub> ativo** seria marcado quando o sujeito possuísse o controle da ação. Isso coincide em geral com **N<sub>0</sub>=:Nhum**. Nessa classificação simplificávamos ao mínimo aquela apresentada por Borba (1996, p.31) e não explicitávamos casos como **beneficiário, instrumental<sup>19</sup>, experimentador, objetivo**.

Mas notamos que essas colunas apresentavam um alto grau de redundância com as colunas **ação, ação-processo, processo e estativo**. De fato, para todas as EC marcadas como **ação**, teríamos marcada também a coluna **N<sub>0</sub> ativo**, para praticamente todas as EC marcadas com **processo** teríamos marcada a coluna **N<sub>0</sub> afetado**. As colunas marcadas com **ação-processo**

---

<sup>19</sup> Se alçado à posição sujeito.

corresponderiam *grosso modo* com aquelas marcadas **N<sub>0</sub> causativo**. Mesmo que possamos ter casos em que uma EC exprime **ação-processo** e tem um sujeito **N<sub>0</sub> ativo**, o fato de **N<sub>0</sub> ativo** corresponder sempre com **N<sub>0</sub>=:Nhum** aponta também para a economia de colunas nas tábuas.

Em realidade, usamos apenas o necessário para que possamos, nas quatro colunas das funções semânticas das EC, explicitar se a EC exprime **ação**, **ação-processo**, **processo** ou **estado**. De fato, a combinação dessas características – associadas às propriedades distribucionais de 3.4 – mostrou-se suficiente para que possamos fazer a distinção entre os diversos empregos das EC, mais ou menos como foi mostrado para a EC *fechar as portas* em 3.2.

Além disso, como veremos no capítulo 6, cremos que só num estudo dos usos das EC poderão ser examinados todos os casos.

Classificamos essas colunas como *propriedades semânticas* para diferenciar das propriedades sintáticas explicitadas em 3.4. De fato, essas propriedades, mesmo que dependentes da sintaxe, são em última instância semânticas. A vantagem de colocá-las em cada tábua consiste em podermos justamente enxergar como a sintaxe e a semântica estão entrelaçadas nas EC. Veremos as conseqüências disso no capítulo 5 em que discutiremos os resultados.

## 4. Comentário das tábuas

Nos comentários que se seguem, apresentamos as principais características de cada tábuas. Procuramos nos deter nas características mais notáveis de cada classe no que se refere às propriedades sintáticas, dando apenas exemplos para as propriedades que não apresentem relevância. No que diz respeito às propriedades semânticas, nossa escolha foi de fazer um comentário que mostra as possíveis regularidades de cada classe.

### 4.1 Sujeito livre e um complemento fixo

Estas classes apresentam uma relativa homogeneidade. A maioria da EC pertencem a estas classes. Basicamente, temos duas classes: PB-C1, com um complemento fixo direto, e PB-CP1, com um complemento fixo introduzido por preposição.

#### 4.1.1 Classe PB-C1

Trata-se da classe mais produtiva, com mais de 1200 EC. Ela se caracteriza pela estrutura:

$$N_0 V C_1$$

e tem uma grande variedade de configurações da distribuição no que diz respeito ao determinante do elemento cristalizado.

De fato, em PB-C1 podemos ter EC cujo elemento cristalizado é introduzido por um determinante definido obrigatório:

(1.a) *Ele atravessou os anos de chumbo e encarou os chamados "anos débeis" sem entregar a rapadura. FSP 02/02/97*

(1.b) \* *Ele atravessou os anos de chumbo e encarou os chamados "anos débeis" sem entregar uma rapadura.*

(1.c) \* *Ele atravessou os anos de chumbo e encarou os chamados "anos débeis" sem entregar rapadura.*

por um determinante indefinido obrigatório:

(2.a) *Vamos cortar um doze só para rolar as amortizações que estarão vencendo no ano. FSP 25/03/97.*

(2.b) \* *Vamos cortar o doze só para rolar as amortizações que estarão vencendo no ano.*

(2.c) \* *Vamos cortar doze só para rolar as amortizações que estarão vencendo no ano.*

(2.d) \* *Vamos cortar nosso doze só para rolar as amortizações que estarão vencendo no ano.*

ou ainda a obrigatoriedade da ausência de determinante:

(3.a) *Afinal, os corruptos sentam praça em todos os partidos do mundo. FSP 04/07/97*

(3.b) \* *Os corruptos sentam a praça em todos os partidos do mundo.*

(3.c) \* *Os corruptos sentam uma praça em todos os partidos do mundo.*

(3.e) \* *Os corruptos sentam sua praça em todos os partidos do mundo.*

(3.f) \* *Os corruptos sentam nossa praça em todos os partidos do mundo.*

Pode-se também verificar para certas EC uma variabilidade de determinantes, que podem permutar:

(4) *Titãs reencontram caminho em 'Acústico'. FSP 22/05/97*

(5) *Já o São Paulo engrenou outra vez. O time parece ter reencontrado o seu caminho. FSP 01/06/97.*

(6) *No Campeonato Brasileiro, Valdir parece ter reencontrado o bom caminho. FSP 07/02/97.*

Apesar dessa configuração variável, decidimos colocar todas essas EC dentro de uma mesma classe. Se fôssemos estudar profundamente a distribuição dos determinantes, como faz M.Gross (1985), poderíamos subdividir essa classe em pelo menos quatro outras: a) EC com determinante definido obrigatório; b) EC com determinante indefinido obrigatório; c) inexistência obrigatória de determinante nas EC; d) EC com variação de determinantes. No entanto, pareceu-nos que uma tal divisão não se faz absolutamente necessária dentro do presente trabalho.

Mesmo assim, é interessante notar, por um lado, que para certas EC o aparecimento ou a variação do determinante tem como correlação a existência de um **Modificador** do elemento cristalizado. Por exemplo, a EC *bater bola* normalmente é construída sem determinante:

- (7) *Rogério conta como chegou ao clube tricolor, por que começou a chutar faltas e quem lhe ensinou a bater bola.*  
FSP 26/07/97

Para que haja um determinante parece ser necessária a existência de um **Modificador**:

- (8.a) *É bem verdade que, se os portugueses batessem a bola refinada que julgam possuir, o resultado teria sido outro.*  
FSP 07/10/96

O que verificamos é que, para esta EC, a presença do **Modificador** acarreta necessariamente a existência de um determinante:

- (9.a) *Como batia uma bola redondinha, eu insistia: largue essa neurose de jornalismo, vá jogar futebol em Mônaco (...).*  
FSP 17/07/96

- (8.b) \* *Se os portugueses batessem bola refinada que julgam possuir*

- (9.b) \* *Como batia bola redondinha, eu insistia*

Em realidade, na maior parte das EC que admitem **Modificador**, notamos a existência de uma correlação entre o determinante indefinido e o

**Modificador.** Isto pode ser ilustrado pela EC *segurar a barra* que, sem **Modificador**, tem o determinante relativamente livre:

(10) *Diante de uma platéia de punks, não dá para saber se esse grupo novato vai segurar a barra. FSP 25/11/96*

(11) *Quando menino, escrevi um artigo contra o Dia das Mães. Segurei uma barra em casa. FSP 29/12/97*

mas que, com a presença de um **Modificador**, tende a ter um determinante indefinido.

(12.a) *Nós, da Gaviões, temos uma força. E a gente está segurando uma barra difícil. FSP 25/08/96*

(12.b) \* *A gente tá segurando barra difícil*

(12.c) \* *A gente tá segurando a barra difícil*

Por outro lado, notamos uma forte correlação entre as EC cujo elemento cristalizado é um substantivo **Parte do Corpo** (C<sub>1</sub>=:Npc) e o determinante definido:

(13.a) *A turma cluber também vai poder chacoalhar o esqueleto em uma rave futurista comandada pelo DJ Magoo. FSP 27/10/97*

(13.b) \* *A turma cluber também vai poder chacoalhar um/qualquer esqueleto em uma rave*

- (13.c) \* *A turma cluber também vai poder chacoalhar esqueleto em uma rave*

Das EC com  $C_1 = \text{Npc}$  nesta classe, 90% apresentam essa correlação<sup>20</sup>. Em boa parte dos casos, o determinante definido pode alternar com um possessivo correferente com o sujeito da frase:

- (14) *É inegável a coragem dele, ao arriscar a pele nos lugares mais infernais do planeta. VJ 07/04/93*

- (15) *Prefiro pagar um pouco a mais no táxi a arriscar minha pele. FSP 16/12/97*

Levando em conta tais constatações, não é de se espantar que sejam poucas as EC com  $C_1 = \text{Npc}$  que admitem um modificador – oito no total.

Além daquelas descritas acima, esta classe possui as seguintes propriedades distribucionais:

$N_0 = \text{Nhum}$

A esmagadora maioria das EC desta tábua – 1177 sobre um total de 1200 – admite sujeito humano.

- (16.a) *Muita gente temia que você perdesse a cabeça com a maratona de viagens, o assédio das fãs. FSP 26/05/97*

- (16.b) \* *A viagem perdeu a cabeça*

---

<sup>20</sup> Isso se verifica também em outras classes cf 4.2.1

**N<sub>0</sub>:=N-hum**

Das 1200 EC desta tábua, menos de 180 aceitam um sujeito não-humano.

(17.a) *Só a experiência de conviver no ambiente da seleção e da proximidade com os mais velhos, já vale a viagem para os novos craques que estão sendo testados. FSP 27/04/95*

(17.b) \* *Os jogadores mais velhos valem a viagem*

Apenas 23 EC desta classe aceitam exclusivamente um sujeito não-humano.

**Negação Obrigatória**

Nesta tábua, 36 EC aparecem sempre em forma negativa:

(18) *Vou falar o que já disse para a imprensa, não vou mudar uma vírgula, apesar de tantos interesses envolvidos. FSP 25/10/97*

(19) *Luís Eduardo (PFL) não moverá uma palha a favor da urgência da CPI do futebol. FSP 20/08/97*

**C<sub>1</sub>:=Nplural**

Marcamos nesta coluna tanto as EC cujo elemento cristalizado deve vir obrigatoriamente no plural:

(20.a) *São muitos os casos de grandes filmes em que o diretor é substituído. "Cleópatra" é um caso em que na produção houve mudanças, com Richard Zanuck assumindo o problema, e Joseph Mankiewicz, honrado diretor de clássicos como "A Malvada" ou "A Condessa Descalça", entrando para salvar os móveis. FSP 01/11/95*

(20.b) \* *Zanuck assumiu a produção do filme para salvar o móvel*

quanto aquelas em que o elemento cristalizado pode variar entre singular e plural:

(21) *Até Roberto Carlos está nessa de reciclar a aura roída por séculos de exposição ao consumo. Chega a hora de Ben Jor fechar a cortina por algum tempo. FSP 30/01/94*

(22) *Nada assegurava a Verdi que encerrar a carreira com uma ópera bufa fosse uma atitude sensata. Até Mozart, especialista no gênero, preferiu fechar as cortinas com um "Requiem". FSP 02/04/94*

Nesta classe, 220 EC (pouco mais de 18% do total) têm esta propriedade, sendo que em 54 EC destas o elemento cristalizado pode variar entre singular e plural.

**C<sub>1</sub>:=Npc**

Já tratamos mais acima da correlação entre o determinante definido e a propriedade **C<sub>1</sub>:=Npc**.

- (23) *Se o PT se apresentar dizendo que é contra a estabilidade, qualquer candidato vai quebrar a cara, porque o povo e todos nós somos favoráveis à estabilidade. FSP 12/11/97*

Nesta classe, 296 EC (cerca de 25%) têm esta propriedade

### **Modificador**

Já tratamos acima a correlação entre o aparecimento de um

**Modificador** e a presença de um determinante:

- (24) *A montadora desfez a união com a sensação de que perdeu um tempo precioso na vida e tem pressa em recuperar o charme da época de solteira. VJ 11/01/95*

Nesta classe, 110 EC apresentam esta propriedade.

### **Com N**

Marcamos nesta coluna a possibilidade de reestruturação do sujeito. Se compararmos:

- (25.a) *O surpreendente bom humor de Osmar ajudou a amenizar o clima doméstico. FSP 28/01/96*
- (25.b) *Osmar amenizou o clima doméstico com seu surpreendente bom humor.*

notamos que o sentido da frase é praticamente o mesmo. Borba (1996, p.54) considera em (25.b) o complemento *com seu surpreendente bom humor* como um complemento instrumental que seria alçado à posição sujeito em (25.a).

Como explicamos em 3.4.2, nossa análise é diversa: consideramos que o sujeito de (24.a) é reestruturado em (24.b), com sua parte nuclear passando a ocupar a posição instrumental. Isto explicaria, por exemplo, a razão de considerarmos esta EC como tendo apenas um sujeito não-humano: o sujeito humano de (24.b) é, em realidade, fruto da reestruturação do sujeito não-humano de (24.a). Assim, à marcação positiva da coluna **Com N** existe, em geral, um correspondente correlato na coluna **N<sub>0</sub>=:N-hum.**

### **Apassivação**

Marcamos nesta coluna a possibilidade das EC desta tábua poderem ocorrer na forma passiva. Assim, a EC *puxar o freio* em:

- (25) *Quando o pânico nos mercados de ações e de moedas tornou-se generalizado, no final de outubro, não houve alternativa senão puxar rapidamente o freio, dobrando os juros, aumentando os impostos e reduzindo os gastos.*  
*FSP 28/12/97*

pode ter uma forma passiva, como na ocorrência:

- (26) *A situação atual, se comparada à de 1995, tem como desvantagem o fato de que a economia já se desacelerava antes das medidas recessivas. Há dois anos o freio foi puxado numa fase de euforia e consumismo. FSP 19/12/97*

Nesta tábua, cerca de 28% das EC podem ser apassivadas.

### Propriedades semânticas

Nesta classe<sup>21</sup>, encontramos 67% das EC que exprimem **ação**, 43% que exprimem **processo** e 13% que podem ser consideradas como estativas. Marcamos também cerca de 5% das EC desta tábua como **ação-processo**, embora possa haver aí uma controvérsia. De fato, se consideramos que as EC desta tábua não têm um complemento livre, não haveria como termos **ação-processo**, pois não haveria um complemento no qual a ação do verbo incidisse. No entanto, pela própria natureza metafórica sobre a qual são construídas várias EC, não há como desconsiderar a possibilidade de termos também uma interpretação **ação-processo** em uma ocorrência como:

- (27) *O mesmo governo que manteve a Ufir, por sensata via das dúvidas –"para não queimar todos os navios no estratégico combate a inflação"– resolveu congelar os preços do todo através de um insustentável congelamento das parcelas.*  
*FSP 21/08/94*

Assim, ao marcar esta EC como podendo descrever tanto **ação** quanto **ação-processo**, deixamos aberta a possibilidade para as duas interpretações.

#### 4.1.2 Classe PB-CP1

Esta classe é também numerosa: pertencem a ela 660 EC. Ela pode ser definida pela estrutura:

---

<sup>21</sup> A soma das porcentagens em todas as tábuas é maior que 100% porque existem EC que podem tanto ter empregos que exprimem **ação** ou **ação-processo**; **ação** ou **processo**; **ação** ou **estatividade**; **ação-processo** ou **processo**, **ação-processo** ou **estatividade**, ou ainda **processo** ou **estatividade**..

*N<sub>0</sub> V Prep C<sub>1</sub>*

As preposição são variadas:

- (1) *Uma saída para o "establishment", que ficaria órfão no caso de o atual presidente ir para o beleléu. FSP 15/11/97*
- (2) *O novo ombudsman, Mario Vitor Santos, caiu de cama com hepatite. FSP 29/09/96*
- (3) *Mas, voltando à vaca fria, Recife é o único lugar do país e, quiçá, do mundo, em que o Dunga sai de campo aplaudido. FSP 25/03/94*
- (4) *Pefelistas dizem que FHC brinca com fogo ao colocar Serjão para enfrentar ACM. FSP 27/11/97*

Nesta classe, um bom número das EC é construído em torno de verbos de movimento como *andar, cair, chegar, entrar, fugir, ir, passar, sair, vir* e *voltar*. Alguns parecem ser um tipo de variante aspectual de certos verbos-suporte. Trataremos deste assunto no capítulo 5.

**N<sub>0</sub>=:Nhum**

A maioria das EC desta tábua tem o sujeito humano obrigatório.

- (5.a) *Anthony Garotinho subiu nas tamancas desde que seu rival Marcello Alencar passou a responder suas provocações com um "calma, Beth". FSP 06/11/94*

(5.b) \* *A entrevista subiu nas tamancas*

#### **N<sub>0</sub>=:N-hum**

Nesta tábuá, existe um pequeno número de EC com sujeito obrigatoriamente não-humano.

(6.a) *A CPI dos Precatórios acabou em pizza. FSP 29/07/97*

(6.b) \* *O deputado acabou em pizza*

É interessante notar que existem várias EC cujo sujeito pode tanto ser humano:

(7) *E, por estar mexendo com os sem-terra, sempre andei na corda bamba, tentando conduzir a trama sem criar atritos.  
FSP 26/01/97*

como não-humano:

(8) *Você ri, em parte porque a solução é mesmo cômica, em parte aliviado: o roteiro andou na corda bamba, mas chegou lá. FSP 29/11/96*

#### **Negação Obrigatória**

Um pequeno número de EC – um total de 21 – tem como característica a obrigatoriedade da negação. Notemos que em:

(9.a) *Carybé era um peão que não brincava em serviço.*  
FSP 02/10/97

(9.b) ??? *Carybé era um peão que brincava em serviço.*

O que observamos é que a seqüência (9.b) só faz sentido se for derivada de (9.a), isto é, se partir da EC negativa para, num jogo de palavras, criar um novo significado na forma afirmativa.

Como já dissemos em 3.4.4, a **Negação Obrigatória** pode assumir várias formas:

(10) *As formiguinhas de Hollywood tampouco brincam em serviço.* FSP 30/08/95

(11) *E fica bem claro que Hollywood nunca brincou em serviço.*  
FSP 17/11/94

inclusive aquilo que chamamos de "negação ideológica", na qual o aparecimento da EC na forma afirmativa é negada pelo sentido total do discurso:

(12) *Esse América do Vail Motta é um time que pode surpreender o super-Palestra. Isso, claro, caso os palmeirenses resolvam brincar em serviço, o que não tem sido um traço da personalidade desse time.* FSP 16/02/94

### **Pronome Reflexivo**

Esta é uma das tábuas em que algumas EC apresentam um pronome reflexivo:

(13) *Mais de 10% dos senadores que assumiram em fevereiro podem sentar-se no banco dos réus se o Senado conceder as licenças pedidas pelo STF (Supremo Tribunal Federal) para processá-los. FSP 10/06/95*

(14) *A CPI do Orçamento parece estar se afogando em pouca água. FSP 01/01/94*

O que notamos é que esse pronome reflexivo é, na maioria dos casos, parte integrante do verbo constitutivo da EC, não tendo necessariamente, nenhuma influência na estrutura da EC. Além disso, pode-se constatar que para algumas EC pronome reflexivo não é, necessariamente, obrigatório:

(15) *Do momento em que a polícia inicia a investigação de uma chacina ao dia em que o autor senta no banco dos réus, há um funil. FSP 02/02/97*

### **C<sub>1</sub>=:Nplural**

Marcamos nesta coluna as EC cujo elemento cristalizado deve vir obrigatoriamente no plural:

(16.a) *A população pegou em armas e expulsou o Exército de várias cidades. FSP 16/04/97*

(16.b) \* *A população pegou em arma e expulsou o Exército de várias cidades.*

Nesta tábua, 97 EC apresentam esta propriedade.

**C<sub>1</sub>=:Npc**

- (17) *Se Motta entendesse de jornalismo, teria notado que um bom jornalista enxerga nele o homem talhado para "morrer pela boca". FSP 19/05/97*

Nesta tábua, 56 EC apresentam esta propriedade.

**Modificador**

Marcamos essa coluna para a possibilidade de aparecimento de um **Modificador** junto ao elemento nominal cristalizado da EC:

- (18) *(...) todos os jornais têm de se comportar da mesma maneira em relação aos fatos para não serem furados ou para não remarem contra a maré. FSP 17/03/97*
- (19) *Remando contra a maré dominante nas escolas de samba cariocas, o Império Serrano decidiu apostar, este ano, numa madrinha de bateria da própria "comunidade". FSP 19/01/97*

enquanto que outras EC – a maioria, em realidade - não admitem nenhum

**Modificador:**

- (20.a) *Lis conta que já tentou promover encontros de família, mas toda vez a velha história vem à tona e a reconciliação não acontece. FSP 14/02/97*
- (20.b) \* *Toda vez a velha história vem à tona familiar*
- (20.c) \* *Toda vez a velha história vem à tona grande*

(20.d) \* *Toda vez a velha história vem à grande tona*

É interessante notar que existem várias EC cujo elemento cristalizado já comporta um modificador. Esse é o caso de:

(21) *Além disso, tentando pescar em águas turvas, o sr. Massi questiona também o fato de Álvaro Mendes (...) e eu (...) concorrermos na categoria dos "estreantes". FSP 10/05/97*

Nesses casos, não é marcada a coluna, a não ser, evidentemente, que o elemento cristalizado comporte um outro **Modificador** opcional como em:

(22) *A mesma atitude teve também o governador do Espírito Santo, Vitor Buaiz, que se recusou a embarcar na canoa furada oferecida pelos bancos hoje denunciados como integrantes do esquema. FSP 14/03/97*

Em algumas EC, a existência do **Modificador** determina o aparecimento de um determinante definido:

(23.a) *Dentro de dois anos, quando deve ser eleito o novo presidente, Mandela sai da cena pública. FSP 18/12/97*

(23.b) \* *Mandela sai de cena pública*

que não se mostra necessário quando a EC ocorre sem o **Modificador**:

(24) *Os bandeirantes brasileiros no circuito mundial de surfe profissional saíram de cena. FSP 02/01/97*

Nesta tábua, 112 EC apresentam esta propriedade.

## Propriedades semânticas

Nesta classe, encontramos 44% das EC que exprimem **ação**, 57% que exprimem **processo** e 24% que podem ser consideradas como estativas. Não encontramos nesta tábua nenhuma EC que pudéssemos considerar como **ação-processo**.

### 4.2 Sujeito livre, um complemento fixo e um complemento livre

Estabelecemos as classes PB-CDH, PB-CDN, PB-C1PN, PB-CNP2 e PB-CP1PN que têm em comum o fato de possuírem um elemento livre à direita do verbo e apenas um componente cristalizado.

#### 4.2.1 Classe PB-CDH

A esta classe pertencem as EC com estrutura

$N_0 V (C \text{ de } N_{hum})_1$

na qual o constituinte (*C de Nhum*) é composto por uma parte fixa C que é definida como **Parte do Corpo** (C=:Npc) ou uma característica **inalienável** de Nhum:

(1.a) *Severino Cavalcanti (PPB-PE) lavou a alma da oposição.*

*FSP 06/02/97*

(2.a) *Ele precisava cortar as asas de Clemente, mais do que isso,*

*tirá-lo da sua vida. CP – LR -AGO*

(3.a) *(...) os balidos feriam a consciência, cortavam o coração dos*

*algozes. CP- LJ - ACI*

O complemento *de Nhum* pode ser pronominalizado em *lhe*:

- (4) *Agora, há quem queira arrancar-lhe a língua, que se tornou afiada com a idade e o ilustre cargo. FSP 19/11/95*

ou ainda, em certos casos, ser reduzido a um possessivo não correferente ao sujeito da frase:

- (5) *Até já usei a tranca para intimidar um cara que veio encher meu saco. FSP 24/07/95*

Uma regularidade notável nesta classe diz respeito aos determinantes: praticamente todas as EC desta tábua têm determinante definido:

- (1.b) \* *Severino lavou uma alma da oposição*
- (1.c) \* *Severino lavou alma da oposição*
- (2.b) \* *Ele precisava cortar umas asas de Clemente*
- (2.c) \* *Ele precisava cortar asas de Clemente*
- (3.b) \* *Os balidos cortavam um coração dos algozes*
- (3.c) \* *Os balidos cortavam coração dos algozes*

As exceções são as EC *arrancar lágrimas* e *não encher barriga* que admitem a ausência de determinante:

- (6) *"Tudo pela Vida", embora seja um filme francamente sentimental, tem o mérito de não fazer questão de arrancar lágrimas do espectador. FSP 11/01/95*

- (7) *O Brasil continuará "autoritário", para usar a expressão de Alfred Stepan, se nele a luta política se pautar, não pela Constituição e pelas leis, mas por slogans como "na lei ou na marra", "democracia não enche barriga de ninguém" e outros. FSP 11/10/94*

embora essa ausência de determinante não seja obrigatória:

- (8) *Busco sobretudo fruir o momento mágico em que o balé viril, dançado por 11 atletas, se converte na alegria do gol, que percorre instantânea cidades, campos, nações, provocando o riso, arrancando as lágrimas, iluminando cotidianos tristes com a faísca elétrica da felicidade. FSP 14/06/96*
- (9) *Como se vê, esses índices inventados pelos economistas não enchem a barriga do povo. FSP 16/03/95*

Temos nesta classe as seguintes propriedades distribucionais:

**N<sub>0</sub>=:Nhum**

Em toda a classe é reduzido o número de EC cujo sujeito é obrigatoriamente humano, como em:

- (10) *Tentativas de torná-las virtuosamente socialistas custaram muito caro (...) e satisfizeram tão pouco os seus supostos beneficiários que estes, ingratamente, chutam o traseiro dos beneficentes socialistas assim que encontram uma oportunidade. FSP 07/07/96*

- (11) *E o que fazem Jorge Amado e Zélia Gattai puxando o saco do ACM? FSP 09/01/94*

embora a maioria aceite um sujeito humano, mas nas condições que veremos mais à frente.

**N<sub>0</sub>=:N-hum**

Também é reduzido o número de EC cujo sujeito é obrigatoriamente não-humano:

- (12.a) *A baixa produção da semana passada, com derrotas para o Grêmio e Santos, mudou o semblante do técnico corintiano. FSP 12/05/97*

- (12.b) ??? *Marcelinho mudou o semblante o técnico corintiano*

**N<sub>0</sub>=:Nnr**

A grande maioria das EC que catalogamos nesta classe tem como característica o fato de o sujeito poder variar livremente entre Nhum e Nhum. Isto é explicitado pela coluna Nnr.

- (13) *Calogero presencia um crime cometido por Sonny e livra a cara deste quando a polícia o convoca para reconhecer o assassino. FSP 03/05/95*

(14) *Segundo a presidente da entidade, Claudia Marques Maximino, um "termo de compromisso" assinado pelo paciente "só serviria para livrar a cara do médico e do laboratório". FSP 06/02/97*

(15) *E assim foi que, a partir dessa noite, Dorinha juntou-se aos esforços do irmão para fazer amigos Alfredo e Matilde. Mas se essa perspectiva enxugou as lágrimas da jovem, não conseguiu, todavia, aliviar a alma aflita da esposa. CP- LR - PV*

Esta coluna é correlata com a coluna **ação-processo**, o que significa que praticamente todas as vezes em que a coluna  $N_0=:Nnr$  estiver marcada com um "+", o mesmo acontece com a coluna **ação-processo**.

#### **C=:Nplural**

Marcamos nesta coluna as EC cujo elemento cristalizado deve vir obrigatoriamente no plural:

(16) *O saldo da discussão é que não vale a pena atar as mãos das autoridades econômicas em nome de virtudes que podem ter um custo potencial muito elevado. FSP 05/02/95*

Nesta classe, 32 EC possuem esta propriedade.

## **C=:Npc**

Mesmo que esta seja a coluna praticamente definitória da classe, é necessário notar que existem nela alguns elementos cristalizados que não são necessariamente uma **Parte do Corpo**

(17) *Afinal, encontramos políticos que na ditadura lamberam as botas dos generais e hoje ocupam cargos eletivos.*  
FSP 28/04/94

(18) *Se o pessoal do meu trabalho descobrir eu acho que isso pode acabar queimando o meu filme.* FSP 14/03/94

Pode-se questionar se o elementos cristalizados das ocorrências acima deveriam ser considerados como elemento **inalienável**. Tendemos a considerá-los como tal pois têm prototipicamente as características de um **inalienável**. Mesmo assim, achamos melhor anotar as EC em que o elemento cristalizado não é uma parte "absolutamente inalienável" com um "-" na coluna **C=:Npc**, como é o caso de *botas* em (17) e *filme* em (18). Temos um total de 23 EC nessa condição.

## **Com N**

Como já expusemos em 3.2 e 3.4.2.1, existe para boa parte das EC a possibilidade da reestruturação do sujeito:

(13.a) *Nhá Tuca(...) ouvia choro da patroa e aquilo lhe cortava o coração.* CP – LR - GRO

(13.b) *A patroa cortava o coração de Nhá Tuca com seu choro*

(13.c) *O choro da patroa cortava o coração de Nhá Tuca*

Notamos que essa propriedade se aplica a 60% das EC desta tábua.

### **Apassivação**

Nesta tábua, anotamos a possibilidade de termos a construção passiva das EC:

(14) *Acham que será preciso FHC afagar o ego dos deputados para que se sintam importantes ao votar. FSP 10/02/96*

(15) *Suas opiniões sugerem que, se o ego masculino for suficientemente afagado, o homem fica bonzinho. VJ 28/09/94*

Essa propriedade se aplica a 102 EC (cerca de 67%) desta tábua.

### **N<sub>2</sub> V C<sub>1</sub>**

Nesta coluna, anotamos a possibilidade do Nhum pertencente ao complemento poder ser alçado à posição de sujeito da EC.

(16) *Todos esses processos abriram os olhos de extensos segmentos de trabalhadores e os levaram a fincar pé na defesa de suas conquistas. FSP 23/12/97*

(17) *Já era hora de os restaurantes abrirem os olhos para este público potencial. FSP 05/09/97*

Nesta tábua, 56 das EC (cerca de 37%) possuem esta característica.

### Propriedades semânticas

Nesta classe, 52% das EC podem exprimir **ação**, 75% exprimem **ação-processo** e apenas três EC podem ter empregos estativos (*não encher barriga, guardar as costas e livrar a cara*). Não temos nesta tábua nenhuma EC que exprima **processo** quando realizada plenamente com a estrutura  $N_0 V (C \text{ de } Nhum)_1$ . Note-se, no entanto, que praticamente todas as EC que aceitam a reestruturação  $N_2 V C_1$  têm, neste caso, empregos que exprimem **processo** – que, por isso mesmo, não é marcado na tábua. É interessante notar também que essa reestruturação praticamente só se aplica às EC que exprimem **ação-processo**.

#### 4.2.2 Classe PB-CDN

Nesta classe, encontram-se as EC de estrutura

$N_0 V (C \text{ de } N)_1$

na qual: (i) a parte fixa C do complemento não pode ser definida como uma **Parte do Corpo** ou **inalienável** do grupo nominal livre à direita; (ii) o grupo nominal livre à direita pode não ser um Nhum:

- (1) *Veja, por exemplo, o problema da dinheirama que azeita a engrenagem das campanhas eleitorais. FSP 20/06/94*
- (2) *Esses poucos exemplos bastam para que se tenha uma idéia da tranquilidade e despreocupação com que Franco vai desfiando o rosário de suas crenças. FSP 27/10/96*

É interessante notar que esta classe, em contraste com a precedente, não tem a possibilidade do grupo nominal livre à direita ser alçado à posição sujeito. Além disso, não encontramos nenhuma EC nesta classe que tivesse a **obrigatoriedade da negação**.

Esta classe apresenta as seguintes propriedades distribucionais:

**N<sub>0</sub>=:Nhum**

A maioria da EC desta tábua podem ter sujeito humano.

- (2) *Esses poucos exemplos bastam para que se tenha uma idéia da tranquilidade e despreocupação com que Franco vai desfiando o rosário de suas crenças. FSP 27/10/96*

**N<sub>0</sub>=:N-hum**

- (3) *Mas se a revolta acendeu o pavio político da crise, o combustível econômico foi dado pela grande inquietação que já existia com relação ao déficit comercial FSP 23/12/94*

**N<sub>0</sub>=:Nnr**

Boa parte das EC que catalogamos nesta classe tem como característica o fato de o sujeito poder variar livremente entre Nhum e N-hum, o que é explicitado pela coluna **N<sub>0</sub>=:Nnr**.

- (5.a) *Os ataques do governador cearense às lideranças peemedebistas puxaram o tapete do Fundo Social de Emergência. FSP 03/02/94*

- (5.b) *O governador cearense puxou o tapete do Fundo Social de Emergência com seus ataques às lideranças peemedebistas*

### **C=:Nplural**

Marcamos nesta coluna as EC cujo elemento cristalizado deve vir obrigatoriamente no plural:

- (6) *O que mata o governo é a sensação de que o presidente perdeu as rédeas da administração pública. FSP 10/12/95*

Nesta classe, 19 EC possuem esta propriedade.

### **Modificador**

Marcamos essa coluna para a possibilidade de aparecimento de um **Modificador** junto ao elemento nominal cristalizado da EC:

- (7) *Nos palcos, rádios e TV, o grupo de rock Planet Hemp se encarrega de levantar a bandeira explícita da legalização da maconha. FSP 18/06/95*

Nesta classe, 23 EC apresentam esta propriedade.

### **Com N**

Nesta tábua, consideramos a possibilidade da reestruturação do sujeito:

- (5.a) *Os ataques do governador cearense às lideranças peemedebistas puxaram o tapete do Fundo Social de Emergência. FSP 03/02/94*

- (5.b) *O governador cearense puxou o tapete do Fundo Social de Emergência com seus ataques às lideranças peemedebistas*

Esta propriedade se aplica a 36 EC desta classe – cerca de 39 % das EC.

### **Apassivação**

Nesta tábua, anotamos a possibilidade de termos a construção passiva das EC:

- (8) *O pavio também poderia ser aceso a partir da esfera pública, desde que em seus gabinetes e corredores transitasse um entendimento filosófico e um desprendimento existencial sobre o significado da presença de intelectuais no poder.*  
*FSP 19/07/97*

Trata-se de uma propriedade notável nesta classe: cerca de 77% das EC podem ser apassivadas.

### **Propriedades semânticas**

Nesta classe, encontramos 45% das EC que exprimem **ação**, 29% das EC que exprimem **ação-processo**, 29% que exprimem **processo** e 11% que podem ser consideradas como estativas.

#### **4.2.3. Classe PB-C1PN**

Nesta classe, temos as EC de estrutura

*N<sub>0</sub> V C<sub>1</sub> Prep N<sub>2</sub>*

O que diferencia esta classe das duas precedentes é o fato de aqui termos realmente dois complementos independentes, o primeiro, direto, cristalizado e o segundo, introduzido por preposição, livre. As preposições são variadas:

- (1) *Em dois meses de campanha, nenhum político meteu o bedelho nos programas de televisão. FSP 27/07/97*
- (2) *O título do trabalho (...) tira uma casquinha de "Na Cama com Madonna", o documentário de 1990 FSP 08/03/97*
- (3) *As primeiras empresas a vender seu peixe aos investidores institucionais do velho continente com ajuda do Unibanco são: Eletropaulo, Cofap e Coteminas. FSP 09/02/97*
- (4) *O professor Guilhon Albuquerque (...) abre as baterias contra a candidatura de Lula à Presidência da República. FSP 23/06/94*
- (5) *O Marrocos nunca cortou os laços com o Islã, sempre teve uma relação equilibrada com este. FSP 25/02/96*

As preposições podem também variar em algumas EC

- (6) *Os petistas também fingiram-se de mortos no instante em que o Congresso decidiu pôr uma pedra sobre as investigações do escândalo do Orçamento. FSP 21/09/94*

- (7) *O Centro de Atenção Integrada à Saúde da Mulher (...) vai inaugurar seu novo berçário e pretende pôr uma pedra no incidente que causou a morte de sete bebês no ano passado na instituição. FSP 05/10/96*
- (8) *Sinto deixá-la alarmada, mas, como não tenho nenhum dente quebrado, desconfio que seu irmão anda arrastando uma asa pela Ângela Rô Rô. FSP 06/04/97*
- (9) *E Vera, a esquelética pálida, arrastaria a asa para alguém chamado "Bebeto a Jato"? FSP 14/01/96*

Das 314 EC desta classe, a maioria tem preposições com um sentido locativo, como nas ocorrências (1), (4) e (6).

Esta classe apresenta as seguintes propriedades:

**N<sub>0</sub>=:Nhum**

Praticamente todas as EC desta tábua aceitam sujeito humano em sua estrutura:

- (10) *A verdade é que os oti e os ofaiés, tão espantosamente pacíficos como os guaranis, jamais levantaram a mão contra ninguém. FSP 24/06/96*
- (11) *Depois da passagem surpreendente por Washington, onde o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, rasgou seda para os esforços brasileiros. VJ 23/03/94*

## **N<sub>0</sub>=:N-hum**

Um número reduzido de EC desta tábua aceita sujeito não-humano.

- (12) *Como pano de fundo, a estampinha de bicho na t. shirt de Lacroix pega carona na egotrip da moça e garante o bom humor do desfile. FSP 11/09/94*

Boa parte das EC não aceita sujeito não-humano:

- (13.a) *Alguns coleguinhas, desta vez, não naquela, apoiaram a decisão isolada e bateram palmas para o ministro, que, em entrevista à Folha, declarou sentir-se de alma lavada quando leu o artigo de um deles em favor de seu despacho, de efêmera glória, pois acabou enterrado com todas as velas e todas as palmas. FSP 10/05/96*

- (13.b) \* *A decisão do colega bateu palmas para o ministro*

## **Negação Obrigatória**

- (14.a) *Também é decisão de governo que a Cesp não vai mais colocar um centavo sequer nas usinas de Porto Primavera e Canoas, que estão incompletas. FSP 11/06/95*

- (14.b) \* *A Cesp vai colocar um centavo nas usinas incompletas*

Nesta tábua, 25 EC aparecem sempre em forma negativa.

**C<sub>1</sub>=:Nplural**

Marcamos nesta coluna as EC cujo elemento cristalizado aparece sempre no plural

(15.a) *Mas Maria da Conceição preferiu voltar suas baterias contra o outro astro da tarde FSP 20/03/94*

(15.b) \* *Mas Maria da Conceição preferiu voltar sua bateria contra o outro astro da tarde*

Esta propriedade se aplica a 83 EC desta classe.

**C<sub>1</sub>=:Npc**

Nesta coluna marcamos os elementos cristalizados que designam **parte do corpo**:

(16) *Antes, é verdade, Marcio já abrira o coração a Beatriz, aliás de um modo típico da dramaturgia gonçalvina. FSP 20/11/94*

Se esta propriedade não corresponde a um tipo de restrição quanto ao determinante, pode-se ver pelo menos uma certa tendência ao determinante definido: das 102 EC desta tábua que têm esta propriedade, 70 são construídas com determinante definido, como em (16), (1) e (10). Esse determinante definido também pode alternar em boa parte dos casos com um possessivo correferente ao sujeito:

(17) *Sei que não devo meter meu bedelho, mas já que a maionese está batida... FSP 05/12/94*

- (18) *Charmoso, pé-de-valsas, ele adorava companhia feminina e abria seu coração às "amigas mais íntimas". VJ 18/01/95*

Em outros casos, como (7) e (9), pode haver uma alternância entre o determinante definido e o indefinido.

### **Modificador**

Nesta coluna anota-se a possibilidade do aparecimento de um modificador junto ao elemento cristalizado.

- (19) *Uma vida gay riquíssima, um agitado circuito de moda e a explosão cultural fincam o pé recifense no próximo milênio.  
FSP 17/02/97*

É interessante notar que por vezes podemos ter até mesmo dois modificadores, antes e depois do elemento cristalizado:

- (20) *Já o governo brasileiro autorizou a venda com a esperança de fincar um novo pé econômico em Angola. VJ 15/09/93*

Nesta classe, 75 EC aceitam um modificador.

### **N<sub>2</sub>=:Nhum**

Nesta coluna, explicitamos a possibilidade do elemento livre à direita poder ser um substantivo humano.

- (21) *Após o bate-boca pela imprensa com o relator do Orçamento 96, Serra resolveu fumar o cachimbo da paz com o Congresso. FSP 13/10/95*

Nesta tábua 264 EC apresentam esta propriedade.

**N<sub>2</sub>=:N-hum**

Nesta coluna, explicitamos a possibilidade do elemento livre à direita poder ser um substantivo não-humano.

(22.a) *No Congresso, avalia-se que o diplomata dos EUA jogou a pá de cal no Sivam. FSP 21/12/95*

(22,b) \* *O diplomata jogou a pá de cal sobre a mulher.*

Temos 154 EC nestas condições.

É interessante notar que existem 100 EC que podem apresentar tanto um complemento livre humano, quanto um não-humano:

(23) *Matheus Gomes desce a lenha nos grupos que unem ritmos brasileiros e rock. FSP 19/05/97*

(24) *O que nada mais é que reggae tradicional com letras descendo a lenha nos males do mundo. FSP 19/01/94*

**(N<sub>0</sub> e N<sub>2</sub>) V C<sub>1</sub>**

Anotamos esta propriedade para as EC que podem apresentar o comitativo (Borba. 1996, p.31) ou interpretação simétrica (Boons, Guillet & Leclère, 1976, p.207):

(25) *O presidente Fernando Henrique Cardoso voltou a trocar farpas com o Poder Judiciário. FSP 28/02/97*

- (26) *Goldman e Bornhausen trocaram farpas já na abertura dos trabalhos FSP 27/02/97*

Notamos que quase todas as EC que possuem esta propriedade têm a preposição *com* em sua estrutura. As exceções são algumas EC que, por sua vez, apresentam o adjetivo *mesmo* ou *mesma* como parte integrante da EC:

- (27.a) *A indústria, no entanto, não está falando a mesma língua do IBGE. FSP 09/10/97*

- (28.a) *O treinador e os dirigentes não estão falando a mesma língua. FSP 19/03/97*

Neste caso, o adjetivo *mesma* poderia ser apagado na estrutura com a realização do complemento

- (27.b) *A indústria, no entanto, não está falando a língua do IBGE.*

- (28.b) *O treinador não está falando a mesma língua dos dirigentes.*

mas não pode ser apagado quando o complemento é alçado:

- (27.c) \* *A indústria e o IBGE não estão falando a língua*

- (28.a) \* *O treinador e os dirigentes não estão falando a língua.*

Nesta classe, 60 EC apresentam esta propriedade.

### **Apassivação**

Nesta tábua, anotamos a possibilidade de termos a construção passiva das EC:

- (29) *Com Sarney e Maluf virtualmente afastados da sucessão presidencial de 98, só falta para FHC fechar as portas de um grande partido a Itamar. FSP 13/04/97*
- (30) *[Sarney] Foi rejeitado publicamente pelo PP, PFL (onde estão seus filhos), PTB e PL. Por "n" razões, as portas foram fechadas. FSP 06/01/94*

Nesta classe, 120 EC (cerca de 38%) podem ser apassivadas.

#### **Propriedades semânticas**

Nesta classe, temos 76% das EC que exprimem **ação**, 16% das EC que exprimem **ação-processo**, 18% que exprimem **processo** e 14% que consideramos como estativas.

#### **4.2.4 Classe PB-CNP2**

Nesta classe, encontram-se as EC de estrutura:

$N_0 V N_1 Prep C_2$

em que o complemento direto é livre e o complemento preposicionado é cristalizado. As preposições são variadas:

- (1) *O veterano e melhor skatista do mundo, Tony Hawk, 29, deu um show na final e levou o público à loucura. FSP 07/07/97*
- (2) *Depoimentos põem a lenda por terra. FSP 28/10/97*
- (3) *A decisão de publicar o balanço com prejuízo prensa Covas contra a parede. FSP 20/08/95*

(4) *As técnicas de reprodução humana, no estágio científico hoje conhecido, ainda não excluíram a participação do sexo masculino, mas já puseram o macho para escanteio. FSP 10/05/97*

(5) *Ontem pela manhã, no ginásio do Náutico União, durante o treino, os jogadores da seleção brasileira colocaram o técnico Zé Roberto na berlinda. FSP 08/09/95*

É comum nesta classe que o complemento cristalizado apareça à esquerda do complemento livre:

(6) *Liderados pela Previ, do Banco do Brasil, seis fundos de pensão jogaram para escanteio um consórcio formado pelo banco J.P.Morgan e pelo grupo argentino Bunge y Born, que já se consideravam os donos da empresa. VJ 07/09/94*

(7) *A revelação joga por terra a versão apresentada por Rambo em todos os depoimentos que prestou até hoje. FSP 01/05/97*

(8) *(...)o país passou a limpo um caso de corrupção que contaminou várias esferas do governo. VJ 30/09/92*

Notamos nesta classe uma grande ocorrência de verbos como *pôr, colocar, jogar, levar, manter, mandar, meter e botar* que constituem praticamente metade das EC desta tábua. O que constatamos com respeito a esses verbos é que a imensa maioria das EC construídas em torno deles corresponde à

função daquilo que M.Gross (1981) chama de *verbo operador*. Esta é a propriedade mais característica desta tábua e é explicitada pela coluna **N<sub>1</sub> está Prep C<sub>2</sub>**. Esta coluna busca estabelecer a relação entre frases como:

(9) *Uma reunião dos líderes dos partidos no Congresso resolveu colocar a CPI em banho-maria. VJ 19/01/94*

(10) *Outro elemento serão os lobistas. Até agora, eles estavam em banho-maria. VJ 11/08/93*

o que coincide com uma série de empregos do verbo-suporte *estar* descrito, no português europeu, por Ranchhod (1990) em sua tábua EPC. Naquela tábua, Ranchhod (1990, p.278-288) descreve construções do tipo

(11) *Rui está em maus lençóis*

(12) *O exército está em estado de alerta*

mostrando que em tais construções "os predicados nominais (...) não estão relacionados com construções verbais nem adjectivais: são autónomos" (Ranchhod, 1990, p.235-236).

**N<sub>0</sub>=:Nhum**

(13) *Os colunistas de direita cantam em verso e prosa as vantagens da terceirização. FSP 25/12/95*

**N<sub>1</sub>=:Nhum**

(14.a) *A decisão de publicar o balanço com prejuízo prensa Covas contra a parede. FSP 20/08/95*

(14.b) \* *A decisão de publicar o balanço com prejuízo prensa o relatório contra a parede.*

Nesta tábua, 280 EC possuem esta propriedade.

**N<sub>1</sub>=:N-hum**

(15.a) *Depoimentos põem a lenda por terra. FSP 28/10/97*

(15.b) \* *Depoimentos põem alguém por terra.*

Nesta tábua, 170 EC possuem esta propriedade.

**C<sub>2</sub>=:Nplural**

(16) *Ao que tudo indica, em vez de colocar em pratos limpos as revelações que arranham o seu prestígio, o governo parece seguro de que o teatro da moralidade será suficiente para solapar o escândalo. FSP 24/05/97*

Nesta classe, 88 EC possuem esta propriedade.

**C<sub>2</sub>=:Npc**

(17) *A prefeitura se pôs à disposição de Feldmann e da Cetesb, mas acabou empurrando com a barriga o rodízio de carros proposto pelo secretário. FSP 10/05/95*

- (18) *Aqui, para que não se perca o país real de vista, é bom lembrar um episódio recente envolvendo o deputado Severino Cavalcanti (PFL-PE) e Toni Reis, presidente do grupo gay Dignidade, de Curitiba. FSP 08/09/96*

Nesta tábua 54 EC apresentam esta propriedade.

### **Modificador**

- (19) *Um amigo tirou Johnny do limbo careta das domingueiras e o apresentou ao circuito underground. FSP 28/08/94*

Nesta tábua, 40 EC possuem esta propriedade.

### **Apassivação**

Trata-se de uma propriedade notável nesta tábua. Praticamente 95% das EC desta classe podem ter a forma passiva:

- (20) *As reformas econômicas estão empacadas. A mais importante de todas, a reforma tributária, está sendo empurrada com a barriga. FSP 04/06/95*

### **Propriedades semânticas**

Das EC desta classe, 28% exprimem **ação**, 69% exprimem **ação-processo**, 18% exprimem **processo** e 5% podem ser consideradas como estativas.

#### 4.2.5 Classe PB-CP1PN

Esta classe tem um aspecto um tanto quanto residual pois, se é definida pela estrutura:

$N_0 V Prep C_1 Prep N_2$

com variadas preposições:

- (1) *Motta voltou ontem a bater na tecla da reeleição.  
FSP 08/11/95*
- (2) *Isso vem ao encontro de nossos desejos, mas constitui uma  
aparente reserva de mercado. VJ 08/09/93*
- (3) *Se ele enviasse a quantia de US\$ 0,25, poderia acabar com a  
raça do valentão da praia e ainda agarrar sua garota.  
FSP 06/10/96*
- (4) *Os foliões mais animados podem cair de cabeça no Basfond,  
que deve repetir o sucesso de 96. FSP 02/02/97*

contém também algumas EC como a da ocorrência:

- (5) *Luís Eduardo, desde criancinha, jogou no time do governo,  
fosse qual fosse o governo FSP 04/06/97*

cuja análise poderia levar a uma estrutura:

$N_0 V Prep (C de N)_1$

mas que preferimos colocar dentro desta classe por se tratar, no total, de um número, a nosso ver, insuficiente para constituir duas classes com alguma homogeneidade.

Esta classe tem as seguintes propriedades:

**N<sub>0</sub>=:Nhum**

- (6) *Maluf não morre de amores pelo presidente pefelista desde que ele fez seu partido apoiar FHC e não ele, em 94. FSP 06/02/96*

**N<sub>0</sub>=:N-hum**

- (7) *Para quem tem um pouco de pessimismo correndo em suas veias, "Não Matarás" é um filme necessário. FSP 10/03/94*

**Negação Obrigatória**

- (8) *Mesmo com todo o sucesso, "Tootsie" não chega aos pés dos melhores filmes do diretor que, no mais, também não tem nada de gênio. FSP 26/12/95*

Nesta classe, nove EC possuem esta propriedade.

**Pronome Reflexivo**

- (9) *Os deputados se pelam de medo, pois os colegas tiram sarro; já as deputadas, não. FSP 12/11/96*

Nesta classe, sete EC possuem esta propriedade.

## **Det = Poss<sup>2</sup>**

Anotamos esta característica apenas para esta classe. Trata-se da possibilidade do elemento N<sub>2</sub> livre à direita ser reduzido a um possessivo.

- (10) *Segundo Couri, o dinheiro das linhas de financiamento criadas pelo governo federal não está chegando às mãos dos pequenos empresários. FSP 16/01/97*
- (11) *Se a pneumonia tivesse sido diagnosticada quando começou, há dois meses, poderia ter havido tempo de salvá-la. Quando Cláudia chegou às minhas mãos, o quadro já estava formado e era muito grave. VJ 12/01/94*
- (12.a) *Como a maioria dos jornalistas, não morro de amores pela PM. FSP 28/11/97*
- (12.b) \* *Como a maioria dos jornalistas, não morro de seus amores.*

Das EC desta classe 62% possuem esta propriedade.

## **C<sub>1</sub>=:Nplural**

- (13) *Os mais importantes transmissores de notícias pela TV, com ramificações em jornais e revistas, caíram nas mãos de conglomerados econômicos. FSP 09/03/97*

Nesta classe, 27 EC possuem esta propriedade.

**C<sub>1</sub>:Npc**

- (14) *Ávido por dominar o processo de reeleição de FHC, têm pisado no calo de outros ministros e invadido áreas que não são de sua competência. FSP 20/01/97*

Nesta classe, 51 EC possuem esta propriedade.

**Modificador**

- (15) *E se diz surpreso com a reação popular às medidas propostas, esquecendo-se de que está acabando com o sonho dourado da classe média do "ócio com dignidade" após longos 35 anos de duros serviços. FSP 25/11/95*

Nesta classe, 18 EC possuem esta propriedade.

**(N<sub>0</sub> e N<sub>2</sub>) V Prep C<sub>1</sub>**

Anotamos esta propriedade para as EC que podem apresentar o comitativo (Borba, 1996, p.31) ou interpretação simétrica (Boons, Guillet & Leclère, 1976, p.207):

- (15) *Eram, quase sempre, apenas canções ou baladas, recriadas da maneira mais "cool" possível, daí a ilusão de que ela e Bessie Smith jogavam no mesmo time. FSP 02/04/95*

- (16) *Em A Falecida, sua habilidade como encenador é utilizada não apenas para fazer o público dizer "ooohhh", mas sim para "iluminar", de maneira original e coerente, a poesia de Nelson Rodrigues. Resumindo: Gabriel resolveu, finalmente, jogar no mesmo time do autor, e não contra ele. VJ 09/03/94*

Nesta classe, apenas oito EC apresentam esta propriedade

### **Propriedades semânticas**

Nesta classe, encontramos 37% das EC que exprimem **ação**, 17% das EC que exprimem **ação-processo**, 58% que exprimem **processo** e 33% que podem ser consideradas como estativas.

## **4.3 Sujeito livre e dois complementos fixos**

### **4.3.1 Classe PB-C1P2**

Nesta classe, temos as EC de estrutura

$N_0 V C_1 Prep C_2$

nas quais pode-se diferenciar bem os complementos cristalizados. Esta distinção pode-se dar de várias maneiras. Pode acontecer pela estrutura valencial do verbo constituinte da EC – no caso de verbos como *botar*, *colocar* ou *pôr*, por exemplo:

- (1) *Na conversa com FHC, Iris Rezende (GO) e Jader Barbalho (PA) botaram as cartas na mesa: se o governo interferir na disputa pelo Senado, empurra o PMDB para a oposição.*  
*FSP 20/12/96*

É interessante notar que o segundo elemento cristalizado é, na grande maioria dos casos, uma espécie de locativo. Este tanto pode ser de origem:

- (2) *O importante é o vigor e a inventividade com que Rodriguez tira leite de pedra ao narrar a saga de um músico de boate confundido com um criminoso. FSP 15/01/96*

quanto de destino:

- (3) *De nada adianta fazer sugestões vagas para não afugentar eleitores potenciais. É hora de pôr as cartas na mesa. FSP 20/08/94*

- (4) *E o que acontece se FFHH atear fogo às vestes? 19/11/97*

ou mesmo "estáticos":

- (5) *Em vez de procurar agulha em palheiro, abra o "Netscape" ou o "Mosaic" e digite <http://www.yahoo.com>. FSP 15/11/95*
- (6) *Eu pensava as piores coisas e ao mesmo tempo tentava me convencer de que estava vendo pêlo em ovo. FSP 20/04/97*

Notamos que algumas poucas EC desta classe podem alternar o primeiro elemento cristalizado com o segundo, sem mudança de significado:

- (7) *A solução está nas reformas inadiáveis e insubstituíveis, como única saída para colocar a casa em ordem, eliminar o déficit público e criar recursos para investimentos. FSP 31/03/96*

- (8) *Segundo FHC, ele "encontrou um Estado falido, colocou ordem na casa e está tocando milhares de obras".*  
FSP 30/09/97

**N<sub>0</sub>=:Nhum**

- (9) *Minha proposta é: vamos botar ordem no galinheiro, é possível fazer música de Carnaval com qualidade.*  
FSP 12/12/97

**N<sub>0</sub>=:N-hum**

- (10) *A histeria moralista começa a ceder e atinge um ponto de equilíbrio. FSP 19/10/97*

**Negação Obrigatória**

- (12) *A cantora Roberta Miranda promete não deixar pedra sobre pedra no jantar que pilota amanhã na Sociedade Hípica Paulista. FSP 16/04/97*

Apenas 11 EC desta tábua têm a negação obrigatória.

**C<sub>1</sub>=:Nplural**

- (13) *Jovem e completamente apaixonada pelo marido, ela está sempre cheia de boas intenções, mas acaba metendo os pés pelas mãos. FSP 02/07/95*

Nesta classe, 87 EC possuem esta propriedade.

### **C<sub>1</sub>=:Npc**

- (14) *Para quem acredita que existe alguma realidade nisso que ganhou o nome popular de globalização, que aliás é o meu caso, o relatório ajuda a colocar os pés no chão. FSP 20/10/96*

Também nesta classe esta propriedade tem uma forte correlação com o determinante definido do elemento cristalizado: das 103 EC que possuem esta propriedade, apenas quatro não têm o determinante definido.

### **Modificador**

- (18) *Assim, haveria um Gallotti em cada ponta. Um jogando dinheiro do povo catarinense pela janela e outro, na rua, recolhendo uma lasca. FSP 29/06/97*

### **C<sub>2</sub>=:Nplural**

- (19) *A gente tem é que ficar caladinho, enfiar o rabo entre as pernas e tratar de se empenhar mais no próximo jogo para poder vencer. FSP 04/09/95*

Nesta classe, 55 EC possuem esta propriedade.

**C<sub>2</sub>=:Npc**

- (20) *Mesmo assim, era capaz de imensa cólera quando alguém ousava insinuar a linha média do Flamengo (Biguá, Bria e Jaime), ele coxia fogo pelas ventas, tinha convulsões dramáticas, ameaçava quebrar caras e enxovalhar reputações. FSP 24/09/95*

Nesta classe, 55 EC possuem esta propriedade.

**N<sub>0</sub> V C<sub>1</sub>**

Nesta tábua, anotamos a possibilidade de o segundo termo cristalizado da EC poder ser apagado:

- (22) *Eu, por exemplo, achava que eles eram todos loucos e via com melhores olhos as idéias do Partido Comunista, que considerava arriscado cutucar a onça com vara curta. VJ 12/8/92*
- (23) *O presidente se amarrou ao Plano Real e conforme a moeda emite sinais de crise, a oposição de rua aproveita para cutucar a onça, como é seu dever. FSP 13/04/95*

### **Apassivação**

Nesta tábua, anotamos a possibilidade de termos a construção passiva das EC:

- (24) *Em outubro deste ano, na reunião realizada em Bonn, na Alemanha, as cartas foram postas na mesa, definindo as posições atuais. FSP 08/12/97*
- (25) *Se não houver portanto uma "politização" da intervenção, o mal não será cortado pela raiz, nem para sempre. FSP 03/01/95*

Temos 120 EC nesta classe que podem apresentar uma forma apassivada.

### **Propriedades semânticas**

Nesta classe, encontramos 65% das EC que exprimem **ação**, 9% das EC que exprimem **ação-processo**, 41% que exprimem **processo** e 15% que podem ser consideradas como estativas.

#### **4.3.2 Classe PB-CPP**

Encontram-se nesta tábua 90 EC com estrutura

*N<sub>0</sub> V Prep C<sub>1</sub> Prep C<sub>2</sub>*

não havendo nenhum tipo de restrição quanto à natureza dos componentes cristalizados.

- (1) *Vou aconselhá-las a não irem com muita sede ao pote, porque os homens de Villamiel estão querendo uma mulher para casar. FSP 13/07/97*

Por vezes, encontramos EC em que a preposição que introduz o primeiro elemento cristalizado encontra ainda uma certa instabilidade de ocorrência:

- (2) *Para chegar a Cavallo, a Argentina precisou bater no fundo do poço. FSP 27/07/96*
- (3) *Ontem, o Ibovespa fechou com queda de 8,5%, depois de bater o fundo do poço no meio da tarde, quando o índice recuava 9,4% com relação ao dia anterior. FSP 16/07/97*

Em outros casos, pode-se mesmo questionar a existência de dois elementos cristalizados ou de uma cristalização prévia (cf. 3.2):

- (4) *De Luís Eduardo, sabe-se que é um mestre no jogo político miúdo, nas manobras de bastidores. Falta-lhe, assim mesmo, o teste de fogo que é jogar no campo do adversário. FSP 04/06/97*

Nesses casos, nossa escolha foi determinada por vários fatores. Podemos ter a possibilidade de variação do determinante do segundo elemento cristalizado:

- (4.a) *Falta a Luís Eduardo o teste de fogo que é jogar no campo de qualquer adversário.*

ou ainda a possibilidade de um dos elementos cristalizados poder variar em número sem que o outro varie:

(4.b) *Falta a Luís Eduardo o teste de fogo que é jogar no campo dos adversários.*

Além disso, algumas EC permitem o apagamento de um dos elementos cristalizados, o que foi marcado nas colunas **N<sub>0</sub> V Prep C<sub>1</sub>** e **N<sub>0</sub> V Prep C<sub>2</sub>**. Verificamos que o apagamento do segundo elemento parece ser mais comum do que o do primeiro. Assim, temos 35 EC marcadas com um "+" na coluna **N<sub>0</sub> V Prep C<sub>1</sub>**

(5) *Ubaldo vai ter surpresas bem desagradáveis, está contando com ovo em cu de galinha, eu sou realista, os 22 da lista são de pedra e cal. FSP 05/06/94*

(6) *O senhor está contando com o ovo. .. não preciso lembrar-lhe de que esta história de petróleo é muito complicada. CP – LR – GRE*

e apenas dez EC com a propriedade **N<sub>0</sub> V Prep C<sub>2</sub>**

Esta tábua apresenta as seguintes propriedades distribucionais:

**N<sub>0</sub>=:Nhum**

A quase totalidade das EC desta tábua admitem, ou mesmo exigem, sujeito humano:

- (5) *Ubaldo vai ter surpresas bem desagradáveis, está contando com ovo em cu de galinha, eu sou realista, os 22 da lista são de pedra e cal. FSP 05/06/94*

**N<sub>0</sub>:=N-hum**

Embora várias EC desta tábua admitam sujeito não-humano:

- (7) *O ambiente nos meios financeiros mudou da água para o vinho. FSP 07/03/96*

identificamos nesta tábua poucas EC que admitem apenas sujeito-não-humano:

- (8.a) *A verba para as obras cabe no buraco (do/de um) dente*  
(8.b) \* *Rui cabe no buraco de um dente*

o que também se verificou nas demais classes

**C<sub>1</sub>:=Npc**

- (9) *É bom evitar longas esperas ou mesmo bater com a cara na porta, ligando antes para fazer reserva. FSP 05/04/96*
- (10) *Diana tinha a escolha entre uma morte lenta e real ou a aceleração da destruição violenta. Ela mergulhou na boca do lobo. FSP 05/10/97*

Nesta classe, 25 EC possuem esta propriedade.

## **Modificador**

Pode-se ter um modificador tanto no primeiro como no segundo elemento cristalizado:

- (11) (...) no quesito *honestidade governamental*, passou-se da água Collor para o vinho Itamar Franco. FSP 29/09/93

Em alguns casos, o modificador atuando sobre o segundo elemento cristalizado foi determinante para que classificássemos uma determinada EC nesta classe:

- (12) *O Copa é uma ilha de serenidade numa cidade que aos poucos tenta sair do fundo do poço da violência em que se meteu*. FSP 15.Fev.95

## **C<sub>2</sub>=:Nplural**

- (13) *Como se trata de um transplante de laboratório, feito sem qualquer conexão e mesmo à revelia da sempre incômoda "realidade nacional" (olha Glauber de novo, entrando pela porta dos fundos), o preço que "A Justiceira" paga pelo grito de independência é alto, muito alto: podemos chamá-lo de "americanalhização" da TV brasileira*. FSP 11/04/97

Nesta classe, são apenas sete EC cujo segundo elemento cristalizado pode aparecer no plural

**C<sub>2</sub>=:Npc**

- (14) *E se a danadinha batesse com a língua nos dentes? CP – LR  
– DM*

Nesta classe, apenas 13 EC possuem esta propriedade.

### **Propriedades semânticas**

Nesta classe, encontramos 37% das EC que exprimem **ação**, 88% que exprimem **processo** e 11% que podem ser consideradas como estativas. Não encontramos nesta classe nenhuma EC que exprima **ação-processo**.

### **4.3.3 Classe PB-C1P2DN**

Nesta classe, temos 125 EC de estrutura

*N<sub>0</sub> V C<sub>1</sub> Prep (C de N)<sub>2</sub>*

na quais o segundo complemento pode ter um complemento interno, a exemplo das classes PB-CDH e PB-CDN:

- (1) *Deputados do PFL do Nordeste estão incentivando a oposição a colocar o dedo na ferida dos incentivos fiscais.  
FSP 23/06/97*
- (2) *Dra. Nise refaz a conexão, puxando a brasa para a sardinha de Jung, para quem psique e matéria são dois diferentes aspectos de uma e mesma coisa. FSP 05/11/95*

Poderíamos considerar esta classe como um desdobramento da classe PB-C1P2. De fato, são grandes as semelhanças entre as classes. Tal qual na tábua PB-C1P2,

algumas EC desta classe podem alternar o primeiro elemento cristalizado com o segundo, sem mudança de significado:

- (3) *A história é boa, mas demonstra como cada país trata de puxar a sardinha para sua brasa. FSP 10/08/96*

Em boa parte das vezes, o elemento livre interno ao segundo constituinte à direita do verbo pode ser apagado

- (4) *No Brasil há preconceito. A Globo demora, resiste, mas termina colocando o dedo na ferida. FSP 11/12/95*

dando à ocorrência uma aparência de uma EC da classe PB-C1P2. Em outros casos, esse elemento livre interno ao segundo constituinte à direita do verbo pode ser correferente ao sujeito sendo, assim, reduzido a um possessivo:

- (5) *Faz parte do jogo desses analistas ligados ao mercado puxar a brasa para sua sardinha. FSP 12/07/96*

Mas a diferença entre as duas classes é fundamental para distinguir EC superficialmente semelhantes. Assim, temos na classe PB-C1P2:

- (6) *Garotão cheio de imaginação joga um "H" em mulheres distraídas, e vai ter que enfiar a mão no bolso para pagar um bom advogado. FSP 13/02/95*

- (7) *Só que em vez de serem solidários, compreenderem e ajudarem aqueles que põem a mão na massa, ficam teorizando e encontrando defeito em tudo o que os outros fazem. FSP 09/12/94*

e na classe PB-C1P2DN:

- (8) *Já a CPMF era apenas mais um caso de enfiar a mão no bolso do contribuinte. FSP 02/02/97*
- (9) *Mas, no exercício do poder, o partido põe as mãos na massa da realidade infectada. E se contamina. FSP 07/06/97*

o que demonstra bem a distinção entre as duas classes.

Podemos notar também algumas restrições da variação do determinante do segundo elemento cristalizado quando da realização do elemento livre à direita do verbo. Assim, temos:

- (10) *Para atingir o seu meio e vislumbrar uma conclusão Darcy não teve medo de meter a mão num vespeiro. VJ 03/05/95*
- (11.a) *Vamos ter de fechar questão sobre o Camboja, o que pode irritar a China; meter a mão no vespeiro da ex-Iugoslávia, e assim por diante. VJ 05/10/94*
- (11.b) \* *Vamos meter a mão em vespeiro da ex-Iugoslávia.*
- (11.c) \* *Vamos meter a mão num vespeiro da ex-Iugoslávia.*

Outra observação interessante é o fato de a grande maioria das EC desta tábua – 100 EC sobre um total de 125 – ser construída em torno de verbos como *colocar*, *pôr* e correlatos, o que permite que o número de EC desta tábua seja desdobrado em torno dos elementos cristalizados. Assim, temos :

- (12) *O PMDB jogou ontem lenha na fogueira da disputa pela presidência do Senado. FSP 23/10/96*
- (13) *Sua aparente fraqueza poria lenha na fogueira dos "falcões" de Israel. FSP 15/10/95*
- (14) *O ataque de Hillary coloca mais lenha na fogueira da atual crise diplomática entre os dois países. FSP 06/09/95*
- (15) *Mas, no dia do Pacaembu em chamas, os promotores da guerra têm grande responsabilidade. Foram eles que botaram lenha na fogueira do circo. FSP 24/08/95*
- (16) *(...) decisão tomada não acarreta nenhum aumento de defesa como chegou a alegar, deitando lenha na fogueira, o próprio ministro da Fazenda. FSP 27/03/94*

Notamos, no entanto, uma restrição: os verbos *jogar* e *deitar* não entram neste tipo de EC quando o primeiro elemento cristalizado é uma **parte do corpo** (C<sub>1</sub>=: Npc):

- (1.a) \* *A oposição deita o dedo na ferida dos incentivos fiscais.*

- (4.b) \* *A oposição joga o dedo na ferida dos incentivos fiscais.*
- (8.a) \* *O governo deita a mão no bolso do contribuinte.*
- (8.b) \* *O governo joga a mão no bolso do contribuinte.*
- (11.d) \* *Vamos deitar a mão no vespeiro da ex-Iugoslávia.*
- (11.e) \* *Vamos jogar a mão no vespeiro da ex-Iugoslávia.*

Esta classe tem as seguintes propriedades distribucionais:

**N<sub>0</sub>=:Nhum**

- (17) *Nessa obra, Rorty procura retomar o fio da meada da esquerda democrática norte-americana. FSP 12/10/97*

**N<sub>0</sub>=:N-hum**

- (18) *O reajuste dos salários pelo maior índice (o IPC-r) poderia jogar mais lenha na fogueira de expectativas. FSP 26/08/94*

**C1=:Nplural**

- (19) *Sua tese de doutorado, "Um Estudo Sociolinguístico da Comunidade Negra do Cafundó", defendida na USP em 1993, põe minuciosamente os pingos nos is da ``cupópia". FSP 14/05/95*

Nesta classe, 23 EC possuem esta propriedade.

**C1=:Npc**

- (20) *Trata-se também de um dramático assunto de saúde pública. O "Globo Repórter" da última sexta-feira ousou colocar o dedo nessa ferida. FSP 13/11/95*

Nesta classe, 35 EC possuem esta propriedade. Como dissemos acima, esta propriedade determina uma restrição aos verbos *deitar* e *jogar*.

**Modificador**

- (21) *A imprensa, renunciando à missão de esclarecer, esfregava as mãos com "o show", como foi batizado por uma revista. O adiamento pôs água fria nessa fervura. FSP 01/09/96*

Nesta classe, 33 EC possuem esta propriedade.

**C2=:Nplural**

- (22) *Verdade, meu Alferes? Não passe mel nos beijos do negro Balbino. CP – LR - ALF*

Nesta classe, 20 EC possuem esta propriedade.

**C2=:Npc**

- (23) *Menos de vinte minutos após o início dos negócios na Bovespa, na quarta-feira, o governador Mário Covas jogou mel na boca dos investidores. FSP 09/06/97*

Nesta classe, 25 EC possuem esta propriedade.

### **Modificador**

- (24) *Ninguém acreditou que ele esteja realmente disposto a levar adiante uma idéia que só voltaria a colocar lenha na fogueira militar. VJ 03/05/95*

Nesta classe, 32 EC possuem esta propriedade.

### **de Nhum**

Esta propriedade, juntamente com a próxima, é que distingue a classe PB-C1P2DN da anteriormente descrita PB-C1P2

- (25) *Sexta-feira foi dia de consertar vazamentos no Palácio do Planalto \_especialmente aqueles que ajudavam a pôr óleo na fritura do ministro Andrade Vieira. FSP 16/07/95*

Nesta classe, 44 EC possuem esta propriedade.

### **de N-hum**

- (26) *O prefeito Paulo Maluf colocou o pé no acelerador da obra de extensão da avenida Faria Lima. FSP 27/01/94*

Nesta classe, 89 EC possuem esta propriedade.

### **Apassivação**

Nesta tábua, anotamos a possibilidade de termos a construção passiva das EC:

- (26) *Hoje, haverá plenária da Articulação Sindical estadual, corrente de Vicentinho, para que sejam colocados os "pingos nos is". FSP 27/01/96*

Temos 56 EC nesta classe que podem apresentar uma forma apassivada.

### **Propriedades semânticas**

Nesta classe, 72% das EC podem exprimir **ação**, 72% das EC exprimem **ação-processo**, 14% exprimem **processo** e 4% podem ser consideradas como estativas. Pode-se notar que é grande o número de EC que pode exprimir tanto **ação** quanto **ação-processo**: elas somam 63 EC (cerca de 53% das EC). Isso se dá pelo fato de termos considerado nesta tábua a possibilidade do emprego com o apagamento do elemento livre à direita do verbo.

## 5. Resultados

A constituição das classes e o recenseamento de suas propriedades permitiu observar regularidades que não podiam ser previstas *a priori*.

Um exemplo é o da classe PB-C1P2DN, na qual notamos que 80% das EC são construídas em torno de verbos como *pôr*, *colocar* e correlatos. A classe foi criada com base na estrutura de suas EC e não havia como prever essa regularidade.

Outro exemplo mais notável é o da classe PB-CDH, que apresenta uma homogeneidade imprevisível que se manifesta de diversas maneiras: constituída sempre em torno de **Npc**, esta classe tem, em praticamente todos os casos, um determinante definido em seu elemento cristalizado; três quartos de seus componentes expressam **ação-processo**, mais da metade de seus componentes pode expressar **ação** e nenhum expressa, em sua forma expandida, **processo**. Mais de um terço das EC podem ser reestruturadas para expressar **processo** com o complemento livre à direita assumindo a posição de sujeito.

Esta distribuição das propriedades semânticas também é um resultado que pode ser avaliado pela nossa classificação. Vejamos como elas se distribuem por tábua:

**Tabela 2 - Efetivo por tábua e propriedade semântica**

Tábua	ação	ação- processo	processo	estativo	Efetivo da classe
PB-C1	800	62	519	159	1206
PB-CP1	292	0	376	157	660
PB-CDH	82	117	0	3	157
PB-CDN	45	31	38	11	100
PB-C1PN	246	52	57	44	321
PB-CP1PN	48	22	73	43	127
PB-CNP2	93	238	59	18	341
PB-C1P2	275	37	175	63	423
PB-CPP	33	0	79	10	90
PB-C1P2PN	91	88	17	5	124
Total	2003	647	1393	512	

Esses números podem parecer um pouco opacos, mas se os colocarmos em forma de porcentagem do efetivo de cada classe, teremos um desenho interessante:

**Tabela 3 - Porcentagem<sup>22</sup> de cada propriedade semântica por tábua**

Tábua	ação	ação- processo	processo	estativo	Efetivo da classe
PB-C1	66%	5%	43%	13%	1206
PB-CP1	44%	0%	57%	24%	660
PB-CDH	52%	75%	0%	2%	157
PB-CDN	45%	31%	38%	11%	100
PB-C1PN	76%	16%	18%	14%	321
PB-CP1PN	38%	17%	57%	34%	127
PB-CNP2	27%	70%	17%	5%	341
PB-C1P2	65%	9%	41%	15%	423
PB-CPP	37%	0%	88%	11%	90
PB-C1P2PN	73%	71%	14%	4%	124

<sup>22</sup> Mais uma vez, é necessário observar que em praticamente todas as tábuas existem EC que podem ter dois tipos de emprego – exprimindo **ação** ou **ação-processo**; **ação** ou **processo**; **ação** ou **estatividade**; **ação-processo** ou **processo**, **ação-processo** ou **estatividade**, ou ainda **processo** ou **estatividade**. Isso explica a soma das porcentagens de cada linha ser superior a 100%.

A distribuição de algumas classes se mostra notável: de um lado, aquelas que não têm complemento livre praticamente não têm EC que exprimam **ação-processo**: nas classes PB-CP1 e PB-CPP o efetivo é igual a zero. Nas classes PB-C1 e PB-C1P2, algumas poucas EC parecem ter a possibilidade de ter um emprego que exprima **ação-processo**. A nosso ver são EC cujo caráter metafórico ainda permite uma certa transparência . Por exemplo em:

- (1) *FHC ainda conta com o apoio de Sarney. Sabe que o ex-presidente não queimou todas as pontes com Quércia, mas acha que seu desembarque do PMDB acontecerá após as prévias. FSP 24/04/94*

podemos notar que o elemento cristalizado *pontes* tem ainda uma certa transparência, o que explicaria que se pudesse ter uma interpretação de **ação-processo** desta EC.

Por outro lado, nas classes PB-CDH, PB-CNP2 e PB-CP12DN, encontramos uma grande porcentagem de EC que exprimem **ação-processo**. Isso parece ter uma relação direta, em PB-CDH, com o complemento livre obrigatoriamente humano.

Mas no caso de PB-CNP2, o Nhum como complemento livre tem praticamente a mesma tendência com N-hum para a correlação com os empregos que exprimem **ação-processo**: das 239 EC que exprimem **ação-processo**, 155 (65%) têm complemento  $N_1 = \text{:Nhum}$ ; já para as 169 EC que aceitam  $N_1 = \text{:N-hum}$ , 109 (64%) podem exprimir **ação-processo**. Mas a correlação é bem maior – cerca de 82% –, se olharmos outra propriedade: das EC que

possuem a possibilidade de uma construção  $N_1$  está Prep  $C_2$ , de 158 EC com essa propriedade, temos 130 que exprimem **ação-processo**.

No caso da classe PB-C1P2DN, o que é notável também é o fato de haver quase o mesmo número de EC que exprimem **ação** e **ação-processo**. A explicação para este fato parece residir na regularidade da construção em torno dos correlatos de *pôr* e *colocar* e na possibilidade de apagamento do complemento livre à direita.

No que diz respeito ainda à correlação entre um complemento livre à direita e a expressão de **ação-processo**, pode parecer surpreendente que a classe PB-C1PN tenha um efetivo tão pequeno de EC que exprimam **ação-processo** e que a maioria da classe exprima unicamente **ação**. Ao examinar a classe, notamos o grande número de preposições locativas, o que pode explicar o fato.

De todo modo, essas constatações apontam para o acerto da divisão em classes tal qual operamos. Inspirada naquela feita para as EC do francês por M.Gross (1982) – que não se preocupava necessariamente com as propriedades semânticas que explicitamos –, ela revela regularidades nesse domínio que talvez não conseguíssemos encontrar caso fizéssemos uma divisão unicamente a partir das propriedades semânticas. De fato, dentre as dez classes que distinguimos, a única que parece não ter uma tendência marcante como as outras é a classe PB-CDN, que não tem predominância de nenhuma propriedade semântica em particular. Mas isto está longe de contradizer nossa classificação, uma vez que a definição que demos desta classe foi justamente uma definição

negativa: o elemento cristalizado interno ao constituinte à direita não era um Npc. Em outras palavras, esta classe se constitui em oposição ou, por assim dizer, no vácuo de duas outras: PB-CDH e PB-C1PN. Assim, não é de se espantar que ela não tenha um tipo predominante.

Se olharmos as tabelas verticalmente, notaremos a baixa ocorrência em todas as classes de EC estativas. Isso corresponde, *grosso modo*, ao comportamento dos verbos simples em geral. Mas, quando vamos olhar nas tábuas quais são as EC **estativas**, temos uma constatação interessante: existe uma grande correlação entre as expressões **estativas** e aquelas com a **Negação obrigatória**. Uma afirmação como esta pode parecer um tanto quanto apressada, sobretudo porque as EC:

(2) *Carybé era um peão que não brincava em serviço.*  
*FSP 02/10/97*

(3) *Também é decisão de governo que a Cesp não vai mais colocar um centavo sequer nas usinas de Porto Primavera e Canoas, que estão incompletas.* FSP 11/06/95

não parecem, à primeira vista, poder ser consideradas como **estativas**. No entanto, notamos nesse e em vários outros casos que a **estatividade** aqui é determinada por um fator bastante singular: estas EC devem necessariamente aparecer na forma negativa e, nesse caso, a forma negativa é justamente a **negação da ação**. Assim, mesmo que as ocorrências acima pudessem aparecer na forma imperativa:

(2.a) *Não brinque em serviço!*

(3.a) *Não coloque um centavo sequer nas usinas!*

o que seria um teste que falsearia nossa observação, pensamos que a **estatividade** aqui deve ser vista não como uma série de condições necessárias e suficientes, mas como definição prototípica, em que teríamos uma condição de **negação da ação** e uma outra condição no fato de que várias das EC **obrigatoriamente negativas** se apresentam como uma predicação de um sujeito com o traço humano. Em outras palavras em (2) *não brincar em serviço* parece muito mais com uma característica intrínseca do sujeito do que outra coisa. Enquanto que em (3) a **negação da ação** determinaria o caráter estativo da frase.

Assim, constatamos que a **estatividade** é uma propriedade semântica presente em todas as tábuas, assim como a **ação**. Constatamos também que **ação-processo** e **processo** podem, cada uma, ter efetivo zero em determinadas classes e predominância em outras.

Duas outras constatações vão de encontro a certas idéias preconcebidas a respeito das EC: a possibilidade da presença de modificadores que atuem sobre os elementos cristalizados e a possibilidade de apassivação.

A distribuição das classes permitiu verificar que as EC com complemento cristalizado direto são muito mais numerosas que aquelas com complemento cristalizado preposicionado. Notamos que nas EC com complemento cristalizado direto é significativo o número de EC que podem ter uma forma apassivada:

**Tabela 4 - Expressões apassiváveis por tábua.**

Tábua	Efetivo da classe	Formas com apassivação	Porcentagem do efetivo
PB-C1	1206	334	28%
PB-CDH	157	102	65%
PB-CDN	100	80	80%
PB-C1PN	321	122	38%
PB-CNP2	341	323	95%
PB-C1P2	423	123	29%
PB-C1P2DN	124	87	70%

Isso contradiz uma idéia corrente encontrada em manuais de lingüística segundo os quais "(...) tais expressões não são estruturas montadas pela sintaxe e interpretadas pela semântica" (Perini, 1996, p.347) ou ainda "De um ponto de vista gramatical, não haverá nenhum proveito em considerar tais enunciados como frases (...)" (Lyons, 1978, p.185). Pelo contrário, o número significativo de EC apassiváveis demonstra que este é um domínio de sintaxe.

O mesmo pode ser dito a respeito dos modificadores. Em praticamente todas as classes encontramos elementos cristalizados que podem ser acompanhados de modificadores<sup>23</sup>. Isso também faz das EC um domínio da sintaxe, ao contrário daquelas idéias preconcebidas de que falamos acima. Além disso, esta possibilidade do aparecimento de modificadores tampouco poderia ser prevista *a priori*, o que mais uma vez corrobora a adequação do método usado.

Outras características das diversas classes nos colocam ainda mais dentro do domínio da sintaxe. Citemos apenas o fato de os complementos livres poderem ser reduzidos a determinantes possessivos internos à EC. Isto

---

<sup>23</sup> A única classe que, pelo que pudemos observar, não apresenta EC que aceitam modificadores atuando sobre um elemento cristalizado é PB-CDH, na qual os elementos cristalizados têm a configuração bastante peculiar de sempre designarem Npc

ocorre nas classes em PB-CP1PN, PB-CDH, PB-CP1P2DN, PB-CNP2, enquanto que em EC de outras classes o determinante pode alternar com um possessivo correferente ao sujeito.

A divisão em classes permitiu também fazer a distinção entre empregos de EC que, sem a observação de todos os componentes, não poderiam ser discernidos. Citemos como exemplo as seguintes ocorrências:

(4) *Como batia uma bola redondinha, eu insistia: largue essa neurose de jornalismo, vá jogar futebol em Mônaco (...). FSP 17/07/96*

(5) *Há algumas semanas, no meu sítio, fiquei batendo bola com meus netos e uns meninos da região. FSP 20/12/96*

As duas EC têm praticamente o mesmo significado de **jogar futebol**. No entanto, a primeira descreve a habilidade do sujeito, enquanto que a segunda descreve o ato em si, com a necessidade de um complemento para explicitar esse ato. O fato de *bater a bola* estar em duas classes diferentes – PB-C1 para a primeira e PB-C1PN para a segunda – determina, em realidade, um problema mesmo de denominação para cada EC. De fato, durante todo este trabalho nos referimos às EC simplesmente pelo seu verbo e seu componente cristalizado. Mas, quando examinamos casos como este, parece-nos que a melhor maneira de nos referirmos a uma determinada EC deveria ser a de sua forma de expansão máxima. Assim, teríamos aqui de nos referir *N<sub>0</sub> bater bola* e *N<sub>0</sub> bater bola com N*, o que já distinguiria de cara os dois empregos.

## 6. Uso das EC: linhas gerais

Procuramos verificar para a classe mais numerosa, a tábua PB-C1, a possibilidade de ocorrência de seus componentes em nosso *corpus*. Não fizemos um trabalho sistemático que levasse em conta as frequências das EC, mas apenas uma busca para saber quais eram as EC que tinham pelo menos uma ocorrência no *corpus*. Assim, colocamos na tábua PB-C1 cinco colunas que representam, para cada EC, a ocorrência em cada tipo de literatura (cf. Anexo A). Os resultados gerais são os seguintes, por tipo de literatura:

**Tabela 5 – Número de EC da classe PB-C1 que ocorreram pelo menos uma vez em cada tipo de literatura.**

	Literatura Romanesca	Literatura Dramática	Literatura Técnica	Oratória	Literatura Jornalística	Efetivo
EC	353	178	84	41	687	1206
Porcentagem	29%	15%	7%	3%	57%	

Não podemos considerar esse números como significativos, pois o tamanho do *corpus* para cada tipo de literatura é bastante desigual em relação aos outros:

Literatura Romanesca	3,4 milhões de ocorrências
Literatura Dramática	um milhão de ocorrências
Literatura Técnica	2,4 milhões de ocorrências
Oratória	756 mil ocorrências
Literatura Jornalística	183 milhões de ocorrências <sup>24</sup>

<sup>24</sup> Além dos 180 milhões de ocorrências da FSP, temos também mais cerca de três milhões no Corpus Principal.

Procuramos verificar como as ocorrências se distribuíram. Assim, observamos o número de EC que ocorreram em apenas um tipo de literatura ou em mais de um, computamos também aquelas que ocorreram apenas uma vez e aquelas que não tiveram nenhuma ocorrência. Os resultados são os seguintes:

**Tabela 6 - Ocorrência das EC da tábua PB-C1 em um ou mais tipos de literatura.**

teve pelo menos uma ocorrência	ocorreu nos cinco gêneros	ocorreu em apenas quatro gêneros	ocorreu em apenas três gêneros	ocorreu em apenas dois gêneros	ocorreu em apenas um gênero	não ocorreu
786	15	35	99	194	443	420
65%	1%	3%	8%	16%	37%	35%

Na Tabela 6, as porcentagens são feitas sobre o número total de EC da tábua. Se fizermos a proporções sobre apenas aquelas que ocorreram, obteremos

**Tabela 7 - Proporção das ocorrências das EC da tábua PB-C1 em um ou mais tipos de literatura**

teve pelo menos uma ocorrência	ocorreu nos cinco gêneros	ocorreu em apenas quatro gêneros	ocorreu em apenas três gêneros	ocorreu em apenas dois gêneros	ocorreu em apenas um gênero
786	15	35	99	194	443
100%	2%	4%	13%	25%	56%

Poderíamos ainda fazer outros cruzamentos para observar quais as EC que ocorrem numa literatura ou noutra, mas não cremos que com esses números possamos ir mais longe. Eles bastam para mostrar que as EC estão bem presentes em todos os tipos de texto escrito e que elas não fazem parte apenas do

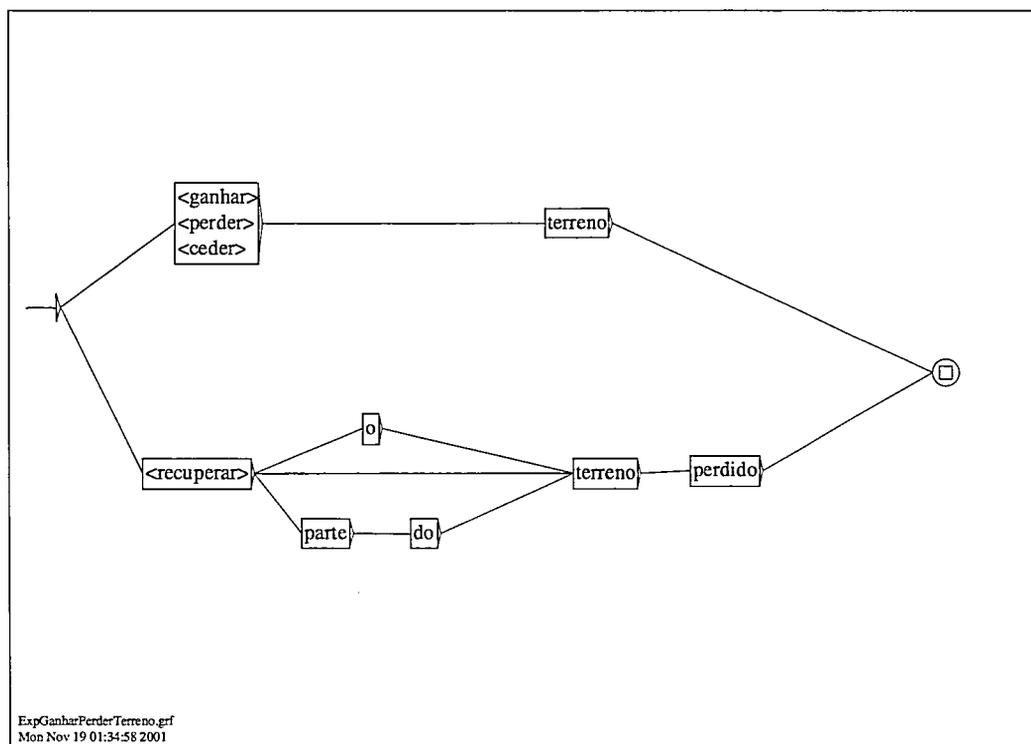
domínio da oralidade, como alguns manuais costumam propor<sup>25</sup>. Um estudo do uso das EC deverá necessariamente levar em conta a frequência por tipo de literatura. Resta então procurar saber como podemos estudar o uso das EC a partir de nosso estudo.

Em realidade, as tábuas também podem servir para uma utilização automatizada de busca das EC. O programa INTEX (Silberztein, 1993, 1998) permite que se recupere a partir das tábuas a informação necessária para se buscar nos textos as ocorrências das EC.

Com esse programa, pode-se construir grafos como o da figura 2

---

<sup>25</sup> Marcuschi (comunicação pessoal) observou em uma série de livros didáticos que sistematicamente as EC eram tratadas como se fossem apenas do domínio da oralidade. Assim, segundo ele, em vários manuais pode-se encontrar exercícios em que se apresenta um o suposto "texto oral" e se pede para "transpor o texto da variedade oral para a variedade escrita". Marcuschi observou que nesses manuais os textos apresentados como "variedade oral" são recheados de EC.



**Figura 2 -Grafo das expressões *Perder terreno, ganhar terreno, ceder terreno e recuperar o terreno perdido*.**

Esse grafo se lê da esquerda para a direita seguindo o caminho das ligações. Cada retângulo tem e permite que se identifique seqüências como :

- perder terreno*
- ganhar terreno*
- ceder terreno*
- recuperar parte do terreno perdido*
- recuperar o terreno perdido*

Utilizamos uma versão DEMO do INTEX – o programa AGLAE – para identificar as expressões acima no texto da FSP de 1997, em concordâncias do tipo:

1. ativa de multinacionais que o país pode ganhar terreno nessa área. {S} Parte dos investimentos,
2. cervejas, as companhias que estão mais perdendo terreno são exatamente as duas maiores, Brahma
3. , ainda são maioria absoluta (83%), mas perderam terreno para os adeptos das religiões neo-cris
4. tianização do Estado, a indústria vem perdendo terreno na economia, cedendo espaço para a agr
5. . {S} As exportações brasileiras haviam ganho terreno entre 1980 e 1984. {S} Naquele período, c
6. maior da economia. {S} As exportações perdem terreno relativo, devido às tentativas de conter
7. Um emissário do Planalto dirá que ele perde terreno após a aprovação da reeleição. {S} Pegan
8. ra, o Brasil deste final de século está perdendo terreno nas duas frentes de batalha. {S} No ca
9. valor de suas exportações em 96, o país perde terreno para ao menos oito outros países do cont
10. DA DE FOTO {S} Pág. {S} 2-14 {S} Brasil perde terreno nas exportações {S} 14/02/97 {S} SHIRLEY
11. 6% em 17 anos, segundo a CNI {S} Brasil perde terreno nas exportações {S} SHIRLEY EMERICK {S} d
12. ária e autônoma \_a ponto de a 'pólis' ceder terreno ao 'cosmopolitismo estóico' ou ao 'ser
13. stória pela televisão. {S} '' {S} Farah ganha terreno e muda sede da PPF {S} 26/02/97 {S} Da FT
14. CÃO PAULISTA DE FUTEBOL; SEDE {S} Farah ganha terreno e muda sede da PPF {S} da 'FT' {S} O pres
15. turismo de negócios. {S} A intenção é ceder um terreno de 10 mil m2 para a iniciativa privada
16. er. {S} '' {S} Stoliar acredita que vai ganhar terreno em cima do Globo, que não teria mais con

**Figura 3 - Fragmento das 15 primeiras ocorrências das concordâncias do grafo da figura 2 no texto da FSP de 1997 extraídas pelo programa AGLAE.**

Podemos ir mais longe e propor um grafo que englobe a maioria das EC da tábua PB-C1P2DN que, como vimos, tem uma configuração relativamente homogênea:

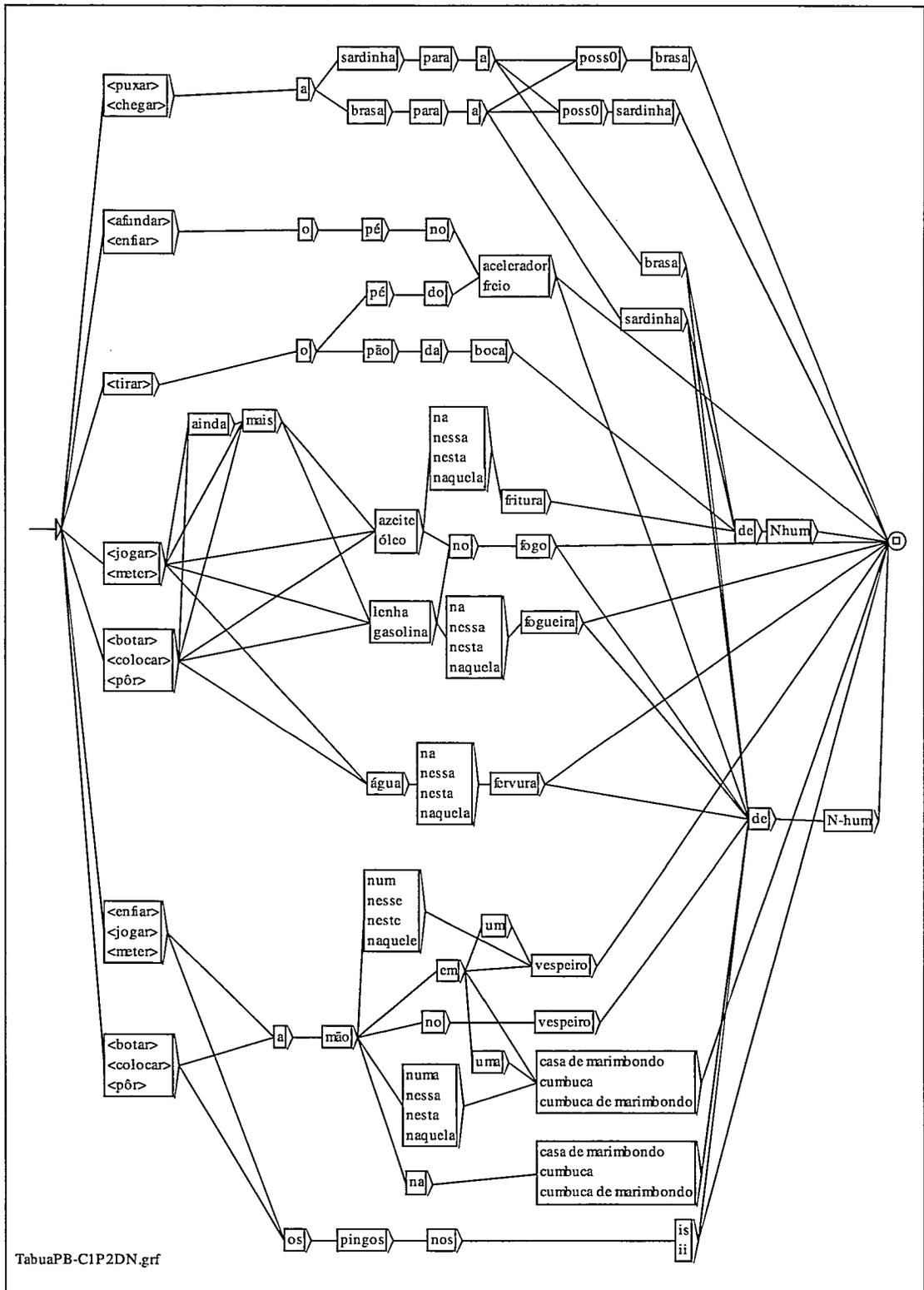


Figura 4 -Grafo de algumas das EC da tábua PB-C1P2DN

Com ele, obtivemos – ainda usando o programa AGLAE – as

seguintes ocorrências na FSP 1997

1. r duro e a oposição formal vai ajudar a botar lenha na fogueira. {S} Aliás, já estão fazendo. {
2. se deputado, "o PMDB está operando para botar lenha na fogueira". {S} A frase expõe a disputa p
3. e deputado, "o PMDB está operando para botar lenha na fogueira". {S} 14/05/97 {S} Página: 1-1
4. EITOR CONY {S} Rio de Janeiro \_ Só para botar lenha na fogueira: 20 anos atrás sequestraram doi
5. ital brasileiro ao exterior, e ajudou a colocar lenha na fogueira das relações comerciais entre
6. ase de propinas infames. {S} E, só para colocar mais lenha na fogueira, a facilidade de se comp
7. errada", disse. {S} O IC preferiu não colocar mais lenha na fogueira. {S} "Se ele (Molina) q
8. ro e Leonardo, um festival vai ajudar a colocar os pingos nos is. {S} "Violeiros do Brasil", de
9. valioso. {S} É uma oportunidade para se colocar os pingos nos is e para discutir a questão cent
10. e PSDB travam uma batalha. {S} O pefelê joga lenha na fogueira do plebiscito e incentiva o romp
11. ria levar a bruscas perdas de reservas, jogando gasolina na fogueira das expectativas. {S} O Br
12. atões ameaçam com demissão. {S} Isso é jogar gasolina no fogo", afirmou o juiz José Victorio
13. ele ajudaria a apagar o incêndio \_e não jogar lenha na fogueira. {S} Segundo a análise de Green
14. inkel, da Alemanha, disse que não quer "jogar mais lenha na fogueira", temendo represálias aos
15. aliados tentavam, de forma responsável, jogar água na fervura, a vaidade tucana não permitiu qu
16. aliados tentavam, de forma responsável, jogar água na fervura, a vaidade tucana não permitiu qu
17. {S} O líder do PTB, Paulo Heslânder, jogou mais lenha na fogueira: "O Inocêncio ficou baten
18. pela NBA em sua festa de bodas de ouro, jogou mais lenha nessa fogueira. {S} Como premiar um at
19. vando as mãos {S} O governo decidiu não meter a mão na cumbuca da crise da Volkswagen. {S} Moti
20. ", como se diz. {S} O governo de Arraes meteu a mão na cumbuca dos precatórios, mas conquistou
21. foi feito para apurar", afirmou. {S} "Meti a mão numa casa de marimbondo. {S} Lula e Dirceu s
22. ação e da polêmica", define Amorim, "'ponha lenha na fogueira' é o nosso lema. {S} "' {S} Até
23. tulo de "maior atleta do século". {S} Ponho lenha na fogueira com duas constatações: 1) Jorda
24. de as votações na Câmara. {S} "Cada um puxa a brasa para a sua sardinha", disse o prefeito. {
25. bson, PSB-PE) {S} "Não é que eu queira puxar a brasa para a minha sardinha, mas os discursos m
26. overa" já está na berlinda, acusado de puxar a sardinha para a brasa da arte americana. {S} Ta
27. ender sua honra e reputação, assim como pôr os pingos nos is". {S} Acusados de pedofilia se ma
28. . {S} Se o carro dá uma escapada e você tira o pé do acelerador, acaba ficando lá para trás",
29. ar. {S} É como pedir ao Villeneuve para tirar o pé do acelerador. {S} "' {S} Márcio Araújo, téc
30. aviam subido bastante e que era hora de tirar o pé do acelerador. {S} Continuaram disparando na
31. eículo "flutua". {S} O motorista deve tirar o pé do acelerador, não pisar no freio e não faze
32. eículo "flutua". {S} O motorista deve tirar o pé do acelerador, não pisar no freio nem fazer
33. chega a uma grande gravadora (BYG) sem tirar o pé do acelerador. {S} Títulos como "Asa Preta",
34. adotando medidas mais duras agora para tirar o pé do freio, no ano eleitoral de 1998, a tempo
35. a transmissão. {S} Isso acontece quando tiro o pé do acelerador na segunda e na terceira marcha
36. a transmissão. {S} Isso acontece quando tiro o pé do acelerador na segunda e na terceira marcha
37. não subiram. {S} Em uma analogia, o BC tirou o pé do acelerador, o que é uma sinalização impor

**Figura 5 - Concordância das ocorrências das EC descritas no grafo da figura 4, extraídas do texto da FSP de 1997 pelo programa AGLAE.**

Note-se que estamos utilizando aqui o mínimo das funcionalidades do programa e que não descrevemos em nosso grafo, por exemplo, a inserção de modificadores ou as formas apassivadas das EC. Identificadas as seqüências, o linguista pode descartar aquelas que não são EC – como as das linhas 28, 31, 32,35 e 36 – para então verificar as condições de uso das EC.

O grafo acima foi construído por nós em uma operação relativamente simples. Mas o que nos interessar além disso é a utilização das tábuas para a construção desses grafos. É o que faz Senellart (1998, 1999) quando

descreve a possibilidade de se utilizar as tábuas para a construção automática de grafos no programa INTEX. Isso quer dizer que com pequenas modificações em nossas tábuas, o INTEX será capaz de encontrar e listar, a partir delas, todas as ocorrências das EC em qualquer *corpus* digitalizado do português do Brasil.

As possibilidades que são abertas por essas funcionalidades são imensas e animadoras para o estudo do uso das EC.

## 7. Conclusão

Estabelecemos uma classificação de mais de 3.500 EC verbais do português do Brasil com sujeito livre. Dividimos essas EC em dez classes, segundo sua estrutura. Essa classificação revelou-se útil para estudarmos as EC.

Ao segmentar as classes, pudemos visualizar o que as EC de determinada classe têm em comum e como as EC podem variar da cristalização mais completa, com as EC que têm uma estrutura absolutamente rígida, até EC que podem ser apassivadas, ou que admitem modificadores incidindo sobre seus elementos cristalizados ou ainda que permitem a inserção de elementos como um possessivo. A taxonomia revela-se assim de uma grande utilidade para o estudo das propriedades sintáticas e das propriedades semânticas das EC.

O que acreditamos ter mostrado é que as frases com frases EC são analisáveis como as frases comuns. Nada confere a elas um estatuto excepcional, o que contraria certas idéias correntes de que as EC seriam exceções a ser colocadas num catálogo de curiosidades da língua.

Neste sentido, cremos que nosso trabalho aponta para a comprovação de uma hipótese geral do Léxico-gramática de que as unidades de significação não são as palavras em si, mas as frases simples. Em outros termos, para que possamos compreender fenômenos como, por exemplo, a sinonímia, temos de colocar em correspondência não uma palavra com outra, ou uma expressão com uma palavra, mas as frases construídas com as palavras ou

expressões. Em realidade, essa constatação termina sendo uma consequência da Teoria de Valências.

Nossa opção por utilizar como exemplos no corpo da tese praticamente apenas as ocorrências que encontrássemos no nosso *corpus* – mesmo que se possa ter deixado de fora de nossa análise alguns fatos que poderíamos tornar mais explícitos caso utilizássemos exemplos fabricados – revelou-se também de grande utilidade para demonstrar o estatuto sintático das EC.

Ao fazermos um balanço geral, devemos notar alguns pontos interessantes com respeito à delimitação do trabalho. Quando delimitamos nosso objeto de estudo, dissemos que não trataríamos de EC que tivessem em sua estrutura os verbos *fazer, ser, estar, ter e dar*. Essa postura mostrou-se acertada para bem cercar o objeto do presente trabalho. No entanto, sempre que nos deparamos com os dados – mesmo que não tenhamos abordado o assunto no corpo da tese –, notamos que uma análise mais abrangente da estrutura das EC deverá necessariamente levar em conta os verbos-suporte. Isso pôde ser verificado quando tratamos a tábua PB-CNP2, que tem um grande número de EC que teria um próximo parentesco com as construções com o verbo-suporte *estar*, descritas por Ranchhod (1990a). Além disso, também em outras classes é grande o número de EC que poderiam ser colocadas em relação com estruturas construídas com verbo-suporte. De fato, o que podemos notar é que o *continuum* que vai da frase livre àquela completamente cristalizada passa necessariamente pelas construções com verbo-suporte. A delimitação de classes será também de grande auxílio para

compreender a relação entre a distribuição das propriedades sintáticas e o léxico no português do Brasil.

Um outro ponto que não abordamos, e que tem grande importância no que diz respeito à identificação e ao estudo das EC, é a possibilidade da inserção de advérbios nas EC. Não investigamos essa possibilidade pois ela abriria um vasto campo que não poderia ser preenchido satisfatoriamente nesta tese apenas.

Além disso, abordamos pouco ou quase nada do problema da ordem dos constituintes nas realizações das EC ou ainda da possibilidade de pronominalização ou apagamento de componentes.

Certamente, se formos examinar as classes, encontraremos outros tipos de regularidades que permitirão a criação de outras classes menores a partir das que traçamos aqui. Um exemplo é a classe PB-C1 que permite que se estabeleça, por exemplo, uma sub-classe apenas com as EC que podem ter um possessivo correferente ao sujeito da EC. Esse trabalho de subdivisão das classes deverá ser feito sobretudo porque o número de EC observadas tende a aumentar. O método consistindo justamente em buscar a regularidade pela coleção de dados, nosso objetivo não foi necessariamente o da exaustividade na listagem das EC. Sabemos que o número delas deve ser bem maior do que aquele que listamos aqui.

Outro ponto que não pode deixar de ser mencionado é o fato de que essa descrição possibilita uma maior funcionalidade do trabalho comparativo. Esse trabalho pode tanto ser feito dentro da variedade brasileira, com uma

etiquetagem como a proposta por Ferraz (1998), quanto entre a o português do Brasil e o português europeu.

Assim, esperamos iniciar em breve, juntamente com lingüistas portugueses, um estudo comparativo das EC do português europeu com o português do Brasil, a exemplo do que é feito com as variedades do francês (Labelle, 1988; Klein & Lamiroy, 1995; Kluber, 1995; Leclère, 2000). Poderemos assim notar o que é comum às duas variedades do português e o que é próprio a cada uma e também como se dá, nessas variedades, o uso das EC.

Convém também reconhecer que abordamos com bastante ligeireza o uso das EC. Em realidade, consideramos que o presente trabalho é um elemento fundamental para que se possa estudar em grandes *corpora* o uso das EC no português do Brasil. Com a nossa descrição e os instrumentos informáticos que citamos no capítulo 6, cremos que poderá ser traçado num futuro próximo um desenho de como as EC são utilizadas nos diversos gêneros textuais.

## **8. Referências bibliográficas**

ALMEIDA, Napoleão M. **Gramática metódica da língua portuguesa: curso único e completo**. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 1963.

BAPTISTA, Jorge. **Estabelecimento e formalização de classes de nomes compostos**. 1994. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

BAPTISTA, Jorge. Sermão, tarefa e facada: uma classificação das construções conversas dar-levar. **Seminários de Linguística**, n.1, p.5-37, 1997.

BAPTISTA, Jorge. **Sintaxe dos predicados nominais construídos com o verbo-suporte SER DE**. 2000. Tese (Doutoramento) – Universidade do Algarve, Faro, 2000

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BENKADDOUR, B. **Les expressions figées en arabe**. Tese (Thèse de troisième cycle), Université Paris 7, Paris, 1987.

BIBER, D.; CONRAD, S.; REPPEN, R. **Corpus linguistics: investigating language structure and use**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998

BIDERMAN, Maria Tereza. C. **Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

- BOONS, Jean-Paul; GUILLET, Alain; LECLÈRE, Christian. **La structure des phrases simples en français: constructions intransitives**. Genebra: Droz, 1976.
- BORBA, Francisco da Silva. Circulação do léxico e direção das alterações semânticas. Araraquara, UNESP. 2001. (mimeogr.)
- BORBA, Francisco da Silva. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.
- BORBA, Francisco da Silva et al. (Coord.). **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Edunesp, 1991.
- BUSSE, Winfried; VILELA, Mário. **Gramática de valências**. Coimbra: Almedina, 1986.
- CABRÉ, Maria Tereza. **La terminología: teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Editorial Empúries, 1993.
- CHAFE, Wallace L. **Significado e estrutura lingüística**. Tradução de Maria Helena de Moura Neves, Odete G.L.A.S. Campos e S.V. Rodrigues. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- CONENNA, Mirella. Sur le lexique-grammaire comparé des proverbes. **Langages**, n. 90, p.99-116, 1988.
- CONENNA, Mirella. Classement et traitement automatique des proverbes français et italiens. **BULAG**, Besançon: numéro hors série, p.285-294, 2000.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985

FERRAZ, A. P. **A etiquetagem de unidades léxicas em obras lexicográficas brasileiras: um estudo sob as perspectivas diatópica, diastrática e diafásica.** 1998. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 1998.

FOTOPOULOU, A., **Une classification des phrases à compléments figés en grec moderne: Etude morphosyntaxique des phrases figées.** 1993. Tese (Thèse de Doctorat) Université Paris VIII - Saint-Denis, Paris, 1993.

GIBBS JR., R.W. On the process of understanding idioms. **Journal of Psycholinguistic Research**, Vol.14, N.5, p.465-472, 1985.

GIBBS JR., R.W. Skating on Thin Ice: Literal Meaning and Understanding Idioms in Conversation. **Discourse Processes** 9, 17 – 30, 1986.

GIBBS Jr., R.W. Psycholinguistic studies on the conceptual basis of idiomaticity. **Cognitive Linguistics** 1 – 4, p.417-451, 1990.

GIRY-SCHNEIDER, Jacqueline. **Les nominalisations en français: l'opérateur "faire" dans le lexique.** Genebra: Droz, 1978.

GIRY-SCHNEIDER, Jacqueline. **Les prédicats nominaux en français: les phrases simples à verbe support.** Genebra: Droz, 1987.

GLASS, A.L. The comprehension of idioms. **Journal of Psycholinguistic Research**. Vol.12 N.4, p.429-442, 1983.

GROSS, Gaston. Degré de figement des noms composés. **Langages** n. 90. p.57-72, 1988.

- GROSS, Gaston. **Les constructions converses du français**. Genebra, Droz, 1989.
- GROSS, Gaston. **Les expressions figées en français: noms composés et autres locutions**. Paris: Ophrys, 1996.
- GROSS, Maurice. **Méthodes en syntaxe**. Paris: Hermann, 1975.
- GROSS, Maurice. Apresentação. In: BOONS, Jean-Paul; GUILLET, Alain; LECLÈRE, Christian. **La structure des phrases simples en français: constructions intransitives**. Genebra: Droz, 1976. p.7-52.
- GROSS, Maurice. Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique. **Langages**, n.63, p.7-52, 1981.
- GROSS, Maurice. Une classification des phrases "figées" du français. **Revue québécoise de linguistique**, Vol. 11, n. 2, p.151-185, 1982.
- GROSS, Maurice. Sur les déterminants dans les expressions figées. **Langages**, n. 79. p.89-117, 1985
- GROSS, Maurice. **Grammaire transformationnelle du français 1 : syntaxe du verbe**. Paris: Cantilène, 1986a.
- GROSS, Maurice. **Grammaire transformationnelle du français 2 : syntaxe du nom**. Paris: Cantilène, 1986b.
- GROSS, Maurice. **Grammaire transformationnelle du français 3: syntaxe de l'adverbe**. Paris: ASSTRIL, 1986c.
- GROSS, Maurice. Les limites de la phrase figée. **Langages**, n. 90, p.7-22, 1988.

GROSS, Maurice. **Les expressions figées. Une description des expressions françaises et ses conséquences théoriques.** Programme de Recherches Coordonnées Informatique Linguistique, Rapport technique n.8. Paris: LADL, Université Paris 7, CERIL, 1989. (mimeogr.)

GUILLET, Alain; LECLÈRE, Chistian. Restructuration du groupe nominal. **Langages**, n. 63. p.99-125, 1981

GUILLET, Alain; LECLÈRE, Chistian. **La structure des phrases simples en français II: constructions transitives locatives.** Genebra: Droz, 1992.

HARRIS, Zellig S. The elementary transformations. In: HARRIS, Zellig S. **Papers in structural and transformational linguistics.** Dodrecht: D.Reidel, p.482-532, 1970.

HARRIS, Zellig S. **Structures mathématiques du langage.** Tradução de Catherine Fuchs. Paris: Dunod, 1971

HARRIS, Zellig S. **Notes du cours de syntaxe.** Paris: Seuil, 1976.

HOUAISS, Antonio (ed.) **Enciclopédia e dicionário ilustrado.** Rio de Janeiro: Delta, 1995.

KLEIBER, Georges. **La sémantique du prototype: catégories et sens lexical.** 2. ed. Paris: PUF, 1999

KLEIN, Jean-René; LAMIROY, Béatrice. Les expressions figées du français de Belgique. In: LABELLE, Jacques; LECLÈRE, Chistian (Eds.) **Lexiques-grammaires comparés en français: actes du colloque international de Montréal.** Amsterdam: Benjamins, p37-52, 1995.

KLUBER, Natalie. Parle-voir Suisse! Présentation d'expressions figées en Suisse.  
In: LABELLE, Jacques. **Lexiques-grammaires comparés et traitements automatiques**. Montreal: UQAM, p.267-282, 1995.

LABELLE, Jacques. **Etudes de constructions avec l'opérateur AVOIR: nominalisations et extensions**. Paris, 1974, Tese (Thèse de Doctorat de Troisième Cycle) Université Paris VIII - LADL.

Labelle, Jacques. Lexiques-Grammaires comparés: formes verbales figées en français du Québec. **Langages** 90, pp. 73-97, 1988.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

LAPA, M.R. **Estilística da língua portuguesa**. 7<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1975.

LECLÈRE, Christian. Expressions figées dans la francophonie: le projet BFQS. **BULAG**. Besançon: numéro hors série, p.321-331, 2000.

LIM, Joonseo. Lexique-grammaire des constructions figées a c1 du coreen. In: INTERNATIONAL COLLOQUE ON COMPARED LEXICON AN GRAMMARS, 19, Ericeira, 2000. Comunicacao... Ericeira, 2000.

LODOVICI, Flavinia M.M. **Elementos constitutivos dos idiomatismos no português do Brasil**. 1989. Dissertação (Mestrado) - Pontfícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1989.

- LYONS, John. **Introdução à lingüística teórica**. São Paulo: Nacional, 1979.
- LYONS, John. **Lingua(gem) e lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.
- MACHONIS, P.A.. Transformations of verb phrase idioms: passivization, particle movement, dative shift. **American Speech**, 60:4, p.291-308, 1985.
- MAKKAI, A. Idiomaticity as a language universal. In: Greenberg, J.H. **Universals of human language**. Vol. 3, Stanford: Stanford University Press, 1978, p.401-448.
- MARTINS, E. **Manual de redação e estilo de O Estado de S.Paulo**. São Paulo: Moderna, 1997.
- MASSÓ, Maria Luisa Pellat. Une description formelle des expressions figées de l'espagnol. **Mémoires du CERIL**, n.6, LADL, Paris, p.221-290, 1989.
- MATHIEU-COLAS, Michel.. Typologie des noms composés. **Rapport de Recherches** n. 7 du Laboratoire de Linguistique et Informatique, Université Paris XII, Villetaneuse. 1989
- MILNER, Jean-Claude. Écoles de Cambridge et de Pennsylvanie: deux théories de la transformation. **Langages** 29, p.98-117, 1973
- NEVES, Maria Helena M. Estudos das construções com verbo-suporte em português. In: KOCH, Ingedore G.V. **Gramática do português falado VI: desenvolvimentos**. Campinas: Unicamp/FAPESP, p.201-229, 1996.
- OLIVEIRA, Maria Elisa Macedo. **Syntaxe des verbes psychologiques du portugais**. Lisboa: INIC, 1984

- PERINI, M.A. **Gramática descritiva do português**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1996.
- PRATA, M. **Mas Será o Benedito?** Rio de Janeiro: Globo, 1996.
- PUGLIESI, M. **Dicionário de expressões idiomáticas**. São Paulo: Parma, 1981.
- RANCHHOD, Maria Elisabete Marques. **Sintaxe dos predicados nominais com Estar**. Lisboa: INIC, 1990a
- RANCHHOD, Maria Elisabete Marques. Análise sintáctica de expressões idiomáticas: formas comparativas. Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa 2, 1990, Évora. **Actas...** Évora: Universidade de Évora, p.91-114, 1990b.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 35.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- SALOMÃO, Maria Margarida M. **Polysemy, aspect and modality in brasilian portuguese: the case for a cognitive explanation of grammar**. 1990. Tese (PhD) - University of California at Berkeley, Berkeley, 1990.
- SCHER, A.P. O verbo dar e o léxico gerativo. **Estudos Lingüísticos**, V.29, p.761-766, São Paulo, 2000.
- SCHWAB, A. **Locuções adverbiais**. Curitiba: Fundação da UFPR, 1985.
- SENELLART, J. Reconnaissance automatique des entrées du lexique-grammaire des phrases figées. **Travaux de linguistique**. n.37 p.109-125. Bruxelas, 1998.

SENELLART, J. **Outils de reconnaissance d'expressions linguistiques complexes dans des grands corpus.** 1999. Tese (Thèse de Doctorat) Université Paris 7, Paris, 1999.

SERPA, O. **Dicionário de expressões idiomáticas: inglês-português/português-inglês.** 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Fename, 1982.

SILBERZTEIN, M. **Dictionnaires électroniques et analyse automatique de textes: le système INTEX.** Paris: Masson, 1993.

SILBERZTEIN, M. Transducteurs pour le traitement automatique des textes. **Travaux de linguistique.** n.37 p.127-142. Bruxelles, 1998

TAGNIN, S.O. **Convencionalidade e produção de texto: um dicionário de colocações verbais inglês/português português/inglês.** 1998. Tese (Livre-Docência) Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

TAGNIN, S.O. **Expressões idiomáticas e convencionais.** São Paulo: Ática, 1989.

TAYLOR, J.R. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory.** Oxford: Clarendon, 1989

TESNIÈRE, L. **Eléments de syntaxe structurale.** Paris: Klincksieck, 1959.

VAZA, A. **Estruturas com nomes predicativos e verbo-suporte Dar.** Dissertação (Mestrado) Faculdade de Letras, Universidade Lisboa, Lisboa 1988.

VIETRI, S. **Lessico e sintassi delle espressioni idiomatiche.** Una tipologia tassonomica dell'italiano. Napoli: Liguori, 1985.

VIVÈS, R. **Avoir, prendre, perdre: constructions à verbe support et extensions aspectuelles.** 1983. Tese (Thèse de Doctorat de Troisième Cycle) Université Paris VIII, Paris, 1983.

XATARA, C. M. **As expressões idiomáticas de matriz comparativa.** 1994. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1994.

XATARA, C. M. **A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês.** 1998. Tese (Doutorado), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998.

YORIO, C.A. Conventionalized language forms and the development of communicative competence. **TESOL Quartely**, Vol. XIV n. 4, p.433-442, 1980.

YORIO, C.A. Idiomaticity as an indicator of second language proficiency. In: HYLSTENSTAM, K.; OBLER, L.K. (org.) **Aspects of acquisition, mantencity and loss.** p.55-72 Cambridge: Cambridge University Press, 1989.